

LARYSSA DE SOUZA GOULART

ASTROJILDO PEREIRA E A FORMAÇÃO DO PARTIDO
COMUNISTA BRASILEIRO

ASSIS
2013

LARYSSA DE SOUZA GOULART

ASTROJILDO PEREIRA E A FORMAÇÃO DO PARTIDO
COMUNISTA BRASILEIRO

Dissertação apresentada à
Faculdade de Ciências e Letras de
Assis – UNESP – Universidade
Estadual Paulista para a obtenção
do título de Mestre em História
(Área de Conhecimento: História e
Sociedade)

Orientador: Prof. Dr. Milton Carlos Costa

ASSIS

2013

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Câmpus Experimental de Sorocaba da Universidade Estadual Paulista

G694a Goulart, Laryssa de Souza.
Astrojildo Pereira e a formação do Partido
Comunista Brasileiro / Laryssa de Souza Goulart, 2013
156 f.

Orientador: Milton Carlos Costa

Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, 2013

1. Pereira, Astrojildo. 2. Partido Comunista Brasileiro. 3. Comunismo. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras de Assis. II. Título.

CDD 320.532

LARYSSA DE SOUZA GOULART

Astrojildo Pereira e a formação do Partido Comunista Brasileiro

Dissertação apresentada à
Faculdade de Ciências e Letras de
Assis – UNESP – Universidade
Estadual Paulista para a obtenção
do título de Mestre em História

Aprovado em:

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Milton Carlos Costa (orientador)
Universidade Estadual Paulista – UNESP/Assis

Prof. Dr. Angelo Priori
Universidade Estadual de Maringá/PR

Prof. Dr. Ricardo Gião Bortolotti
Universidade Estadual Paulista – UNESP/Assis

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, aos meus pais, Adriana e Gilmar, que sempre me apoiaram e acreditam no meu potencial. Ao meu irmão, João Paulo.

Aos meus avós, Neuza e João Pedro, pela confiança e carinho de sempre.

Ao meu companheiro, Marcelo e à família Ferreira, pela compreensão e apoio.

Ao meu orientador, professor Milton Carlos Costa, pelos ensinamentos, paciência, incentivo, sabedoria em mais essa etapa.

Aos professores do Departamento de História da UNESP/Assis, responsáveis pelo meu amadurecimento pessoal e intelectual.

Aos professores, Angelo Priori e Ricardo Gião Bortolotti, pela atenção e pelas ricas análises realizadas no Exame de Qualificação.

Aos professores, Martin Cesar Feijó e Hélio de Lena Jr., os quais cordialmente compartilharam importantes ideias e sugestões sobre o estudo de Astrojildo Pereira.

À professora Ângela Figueiroa, pelo auxílio prestado.

Ao Centro de Documentação e Memória da UNESP - CEDEM, pelo armazenamento de valiosos documentos sobre a existência do PCB.

À Capes, pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

E, aos meus amigos “unespianos”, que de maneiras diversas contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, Laís e Fernando, David, Vanessa, Gleice, Carolina.

Não me dê boas vindas. Se me vê de novo, é só de passagem. (...) É que o bom humor se evaporou e já não me resta quase esperança de o adquirir de novo. O que há, de sobra, é do mau, do péssimo. E como isto não corresponde à rubrica, dou o fora. Tenho andado amoladíssimo da vida. Sobretudo com uma vergonha tremenda de ser brasileiro. Porque eu não me conformo, de modo algum, com essa sombria perspectiva de ser feitoreado por súditos de sua Graciosa Majestade e de Tio Sam (...) Não há dúvida: se a ditadura soviética não se implantar por aqui qualquer destas manhãs... está decidido – vou com armas e bagagens organizar o mais feroz dos cangaços de que há memória ...

Tristão [Astrojildo Pereira]

GOULART, Laryssa de Souza. **Astrojildo Pereira e a formação do Partido Comunista Brasileiro**. 2013. 156 f. Dissertação de Mestrado em História. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

RESUMO

O presente trabalho tem como foco a análise da vida e obra de Astrojildo Pereira (1890-1965) e seu envolvimento com o Partido Comunista Brasileiro (PCB) de 1922 a 1930, período correspondente à formação do partido, onde Astrojildo ganhou destaque atuando como secretário-geral da organização. Representante da primeira geração de dirigentes intelectuais do PCB, Astrojildo, ao lado de militantes intelectuais e trabalhadores, organizou a fundação do partido em 1922, sendo considerado o principal fundador da agremiação, obteve o reconhecimento oficial para o partido junto à Internacional Comunista, realizou uma intensa atividade na imprensa operária com o intuito de arregimentar novos membros, até que no início da década de 1930, Astrojildo foi afastado e expulso do PCB. O objetivo central deste estudo é analisar e desmistificar a trajetória de Astrojildo Pereira no PCB, durante a década de 20, destacando os eventos fundadores, como a sua transição do anarquismo para o comunismo, o trabalho de preparação para a fundação, assim como, o fim dessa trajetória, os acontecimentos mal esclarecidos em relação à sua expulsão e ao ostracismo que viveu na década de 30. Considerando-o pouco estudado academicamente, a ideia é situá-lo no partido, mas reconhecer também a sua identidade própria, alheia ao PCB, como intelectual respeitado pela sociedade brasileira. Outro ponto relevante é a cultura política inserida na sociedade pelo Partido Comunista Brasileiro, que gerou uma nova configuração política no país. Por meio de uma estrutura, organização e ideologia pioneiras, o PCB insere os trabalhadores no cenário político brasileiro, através do marxismo. A partir da obra *Construindo o PCB* de Astrojildo Pereira, consideramos as inovações do marxismo na sociedade oligárquica dos anos 20, priorizando as culturas em conflito e o processo de aculturação do marxismo no país. Importante também é a problemática da memória e da tradição abordadas através do livro *Formação do PCB* de Astrojildo Pereira. Partiremos da pluralidade, conflitos, rupturas, lembranças e “esquecimentos” para compreendermos como se edificou a história e a memória desse singular partido político do século XX.

Palavras chaves: Astrojildo Pereira, Partido Comunista Brasileiro, marxismo.

GOULART, Laryssa de Souza. **Astrojildo Pereira and the formation of the Brazilian Communist Party**. 2013. 156 f. Dissertation of master's degree in History. College of Letters and Science, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

ABSTRACT

The present work focuses on the analysis of the life and work of Astrojildo Pereira (1890-1965) and his involvement with the Brazilian Communist Party (PCB) from 1922 to 1930, a period corresponding to the formation of the party, where Astrojildo gained prominence acting as Secretary General of the organization. Representative of the first generation of intellectual leaders of the PCB, Astrojildo, alongside militant intellectuals and workers, organized the founding of the party in 1922, and he is considered the main founder of the party, obtained the official recognition for the party forward the Communist International, held an intense activity in the working press in order to gather new members, until in the early 1930s, Astrojildo was removed and expelled of the PCB. The main goal of this study is to analyze and demystify the trajectory of Astrojildo Pereira in PCB during the 20's, highlighting the founding events, as the transition from anarchism to communism, the preparatory work for the Foundation, until the end of this trajectory, the poorly understood events in relation to their expulsion and ostracism that lived in the 30's. Considering him little studied academically, the idea is to situate him in the party, but also recognize their own identity, others to the PCB, as the intellectual respected by Brazilian society. Another relevant point is the political culture inserted in the society by the Brazilian Communist Party, which spawned a new political setup in the country. By means of a structure, organization and pioneering ideology, PCB inserts the workers at the Brazilian political scene through Marxism. From the book *Building the PCB from Astrojildo Pereira*, it can consider the Marxism innovations in the oligarchic society of the 20's, prioritizing the cultures in conflict and the process of acculturation of Marxism in the country. Also important is the problem of memory and tradition addressed through the book *Formation of PCB from Astrojildo Pereira*. The plurality, conflicts, ruptures, memories and "oblivion" to understand how was built up the history and memory of this singular political party of the twentieth century.

Key words: Astrojildo Pereira, Brazillian Comunist Part, marxism.

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1. Aspectos biográficos: Astrojildo Pereira e o PCB	19
1.1 Um percurso em formação	21
1.2 O itinerário anarquista	24
1.3 A transição ideológica no movimento operário brasileiro: anarquistas e comunistas	33
1.4 Da fundação do PCB	36
1.5 A formação do PCB (1922-1929) e a liderança intelectual	42
1.6 Fim de uma era: Astrojildo e os intelectuais “saem” de cena	58
1.7 O legado cultural de Astrojildo Pereira	66
1.8 O “revolucionário cordial”: a dualidade e a inovação de Astrojildo Pereira	72
Capítulo 2. Construindo o PCB e a luta por uma nova cultura política	76
2.1 Um debate: o caráter nacional e/ou internacional da formação do PCB ...	77
2.2 Comunismo e sindicalismo no Brasil: dificuldades iniciais	85
2.3 Uma cultura política a ser implantada: o marxismo no Brasil	93
Capítulo 3. Formação do PCB: Memória e História por Astrojildo Pereira.	107
3.1 Uma tradição a ser “inventada”	108
3.2 As “lembranças” e os silêncios de Astrojildo Pereira	115
3.3 Dos anos 20 aos anos 60: permanências e rupturas de uma trajetória militante	135
Conclusão	148
Referências	151

Introdução

A história do marxismo no Brasil é singular e tortuosa, contendo avanços, recuos e particularidades inerentes à formação político-cultural da sociedade brasileira. O seu ponto principal foi o estabelecimento do Partido Comunista Brasileiro (PCB), fundado em 1922, o qual teve a missão de introduzir no país uma nova cultura política: o marxismo, que até então era pouquíssimo conhecido e desenvolvido, inclusive nos meios operários brasileiros.

Em linhas gerais, analisaremos alguns elementos do ideário marxista no Brasil até a criação do PCB, sendo fundamental para a compreensão de características importantes da formação do partido. Desde o fim do século XIX, a oposição cultural ao predomínio do liberalismo clássico da oligarquia brasileira, configurou-se em torno do positivismo (DEL ROIO, 2007). Dessa forma, o positivismo, expressão da cultura burguesa, introjetou-se na cultura do movimento operário socialista de inspiração marxista, originando o reformismo social-democrata. “As sementes do movimento operário foram plantadas no mesmo processo de crise e reordenação da dominação oligárquica representado no movimento republicano e que deu margem à intervenção, na vida política, das camadas médias urbanas e de intelectuais afeitos ao positivismo” (DEL ROIO, 2007, p. 14). Ou seja, no Brasil o ideário socialista se compôs, desde as origens, de acordo com uma orientação reformista, derivada da visão evolucionista do positivismo. Assim, o marxismo encontrou dificuldades de desenvolvimento, pois nas condições do movimento operário brasileiro, de agregação mutualista e de resistência, com sindicatos de corporação profissional, os esforços anarquistas tiveram mais êxito no recrutamento de trabalhadores para a luta social, o que explica a predominância da doutrina nas primeiras décadas do século XX.

Com a Revolução Russa de 1917, esse panorama sofreu algumas alterações, pois além de potencializar a movimentação operária no Brasil, ela gerou um novo impulso na difusão planetária de um marxismo renovado. Por meio de novas formas de poder operário-popular, a revolução tinha o *soviet* como fundamento da democracia socialista. De acordo com Del Roio, a revolução proporcionou a cisão teórico-prática entre o marxismo, em processo de refundação e o reformismo social-democrata de cunho positivista. O passo fundamental desse processo foi a denominada

“refundação do marxismo” que implicava no resgate da dialética e da práxis socialista, que, em outros termos, significou uma retomada da autonomia político-cultural do movimento operário e do antagonismo social à ordem do capital (...) A materialização da refundação da crítica socialista marxista da

ordem do capital culminou na organização da Internacional Comunista (IC), fundada em março de 1919 (DEL ROIO, 2007, p. 19).

Para Del Roio, a essência da refundação do marxismo era o resgate da dialética, o qual não obteve sucesso no Ocidente. Há autores que consideram que esse processo de refundação do marxismo teria adaptado ou deformado o marxismo original, como Konder (1988), que expõe a dificuldade em adaptar a teoria de Marx à realidade russa de 1917. Marx, por exemplo, criticava tudo o que existia, mas os marxistas se viram diante de instituições e organizações respeitáveis e imponentes a serem preservadas e, assim, a crítica acabou sendo restrita. Por “marxismo refundado” entendemos a interpretação que os comunistas russos, os bolcheviques, fizeram da teoria marxista, abrangendo pontos convergentes e pontos divergentes dos textos de Marx. Segundo Pandolfi (1995), os textos de Marx e Engels davam possibilidade para diversas interpretações, sendo que a concepção dos bolcheviques se assemelhava às ideias dos autores contidas no *Manifesto do Partido Comunista* de 1848. Como, por exemplo, a noção de que o Estado era identificado com um comitê executivo das classes dominantes e de que o único recurso de poder era a coerção. Porém, encontramos também alguns pontos divergentes, como a concepção de Lenin de que a organização operária só seria possível através de um partido forte e centralizado, o qual desenvolveria a consciência política do proletariado. Diferente de Marx, Lenin acreditava que o proletariado não trazia em si a “consciência revolucionária” (PANDOLFI, 1995).

Com o processo de crise e cisão político-cultural no qual a cultura operária brasileira se encontrava desde 1919, o marxismo emerge como força cultural capaz de possibilitar a autonomia da classe operária. Mas no Brasil os ecos do marxismo, provenientes da Revolução Russa, chegaram difusos, num terreno sociocultural pouco fértil. Assim, a formação do Partido Comunista Brasileiro carrega a árdua tarefa de criar espaço, em uma sociedade oligárquica liberal, para o desenvolvimento político-cultural do marxismo. E com isso, de 1922 a 1956, o marxismo no país enquanto corrente de pensamento coexistiu intimamente ligado a desdobramentos práticos e partidários, tendo uma existência simbiótica com o PCB (RUBIM, 2007). Portanto, no Brasil até os anos 50, o “ser marxista” estava condicionado ao “ser comunista”, o pensamento não tinha autonomia diante da política, situação que só foi superada com o advento das Universidades, quando esta enfatizou o campo teórico do saber e o marxismo tornou-se objeto de reflexão autônoma (DÓRIA, 2007).

Quando o partido foi criado em 1922, ele recebeu o nome de “Partido Comunista do Brasil” e permaneceu com essa denominação até o início dos anos 60, quando em 1961, em

uma Conferência Nacional, foi estabelecido que o partido mudaria de nome, visando a obtenção de uma situação eleitoral legal e o convencimento do Tribunal Eleitoral de que o partido era nacionalista por natureza e não um instrumento da União Soviética (CHILCOTE, 1982). E assim, passam a denominá-lo de “Partido Comunista Brasileiro”. Porém, uma centena de dissidentes protestou, criticando a omissão de referências ao marxismo-leninismo e à luta revolucionária e, em 1962, realizaram uma Conferência Nacional em defesa do antigo nome e acabaram reativando o Partido Comunista do Brasil, mas este passa a consistir em uma dissidência. Neste trabalho, para evitar uma possível confusão entre o partido fundado em 1922 e sua dissidência criada em 1962, buscando a clareza na exposição, a opção foi pela denominação: Partido Comunista Brasileiro, desde a fundação do partido. Na realidade, com essa mudança de denominação ocorre uma disputa implícita, pois as duas correntes que denominaram o partido de forma diversa, reivindicam a memória da história do partido comunista, o que demonstra a importância da formação do partido no interior do movimento comunista no país.

O Partido Comunista Brasileiro marcou a política cultural do país no século XX, lançando ideias inovadoras que se tornaram importantes no cenário político nacional no século passado. Os princípios de modificar as estruturas políticas, econômicas, sociais e culturais do país, foram inseridos na política brasileira pelo PCB, o qual entendia que os trabalhadores deveriam ser representados politicamente, defendendo melhores condições de vida e de trabalho para a classe. O florescimento dessas ideias ocorreu em uma sociedade oligárquica, excludente, denominada “Primeira República”, onde uma elite agrária vinculada à atividade cafeeira monopolizava a política e a cultura, em detrimento dos trabalhadores rurais e urbanos, os quais, além de marginalizados político e culturalmente, viviam na miséria. Assim, com uma estrutura, organização e ideologia precursoras, o PCB insere os trabalhadores no cenário político brasileiro, através do marxismo. Essa cultura política será analisada, considerando suas inovações/contribuições para a sociedade da década de 20, pensando nas culturas em conflito, no processo de aculturação do marxismo no país e nas dificuldades enfrentadas pelos intelectuais que pioneiramente forjaram esse novo ideário no Brasil.

Nesse contexto de surgimento do PCB e implantação do marxismo no país, se encontra Astrojildo Pereira, integrante da primeira geração de dirigentes intelectuais do partido. Neste trabalho, um dos objetivos é desmistificar a sua trajetória no partido, com base em sua vida e obra, considerando a relação conflituosa de Astrojildo com o PCB e a sua liderança na década de 1920. Nessa década, Astrojildo organizou a fundação do PCB, sendo considerado o principal fundador da agremiação, ocupou o cargo de secretário-geral do partido e conseguiu

obter o reconhecimento oficial da condição de “Seção Brasileira da Internacional Comunista”, realizou uma intensa atividade na imprensa operária, até que no início da década de 1930, Astrojildo foi afastado e expulso do PCB.

O objetivo central deste trabalho é analisar a trajetória de Astrojildo Pereira no interior do PCB, em seu período de formação, priorizando a década de 1920. Destacando os eventos fundadores, como a transição de Astrojildo do anarquismo para o comunismo e o congresso de fundação do partido, assim como, o fim dessa trajetória, os acontecimentos mal esclarecidos em relação à sua expulsão e ao ostracismo vivido pelos intelectuais comunistas na década de 30. Considerando-o pouco estudado academicamente, a ideia é situá-lo no partido, mas entendendo-o também como intelectual respeitado pela sociedade brasileira.

O estudo de Astrojildo Pereira como líder do partido comunista, contém alguns conceitos inerentes à sua trajetória, fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, como: intelectual, geração, itinerário, sociabilidade. Analisaremos, então, brevemente esses termos. Em primeiro lugar, apesar de suas múltiplas atuações, Astrojildo foi, acima de tudo, um intelectual. Mas dizer que ele é um intelectual significa atribuir-lhe uma identidade? Há um pertencimento entre os intelectuais? Afinal, o que eles são: revolucionários, espectadores engajados, justiceiros, escritores, pássaros com óculos grossos que não entendem nada da vida? (informação verbal)¹ De acordo com Hübinger, para essa definição seria fundamental a análise da cultura em disputa pública, pois os intelectuais não são uma classe social, se originam de todos os campos sociais, disputam entre si e em geral criticam a sociedade, mas nem sempre se empenham em modificá-la. No século XX surge uma nova configuração de intelectuais que passam a impor suas posições à frente de novas ideias, partidos, ideologias-políticas. Hübinger sugere um método para o entendimento do intelectual, proveniente da sociologia francesa, que consiste na análise dos lugares, das redes de sociabilidade, gerações, itinerários e adiciona um novo elemento, a análise do intelectual e sua dependência com o público, onde ocorre o livre pensamento, acreditando que tipos dominantes, como o intelectual revolucionário, podem mudar a opinião pública.

Verificamos, que o termo intelectual foi cunhado recentemente como coloca Reis (2000), surgindo na França no fim do século XIX, quando homens de pensamento, escritores, artistas, advogados, professores, políticos, engajaram-se na luta pela defesa de um judeu, que eles consideravam inocente e acusado injustamente de traição política. Seus inimigos passaram a

¹ Conferência realizada pelo professor Gangolf Hübinger, na abertura do 5º Seminário Nacional de História da Historiografia, em Mariana/MG, em agosto de 2011.

chamar-lhes de intelectuais, com um sentido pejorativo, como se fossem ociosos e diletantes. Os intelectuais acabaram ganhando sua causa, com a absolvição do capitão Alfred Dreyfus e se apropriaram do termo inventado por seus inimigos. A descrição desse caso é importante, pois expõe aspectos fundamentais na definição do intelectual. Inicialmente, é evidente a questão da existência de uma esfera pública, ou seja, o termo intelectual é vinculado à ideia de intervenção no espaço público. Assim, os intelectuais passaram a ser identificados como homens de ideias, que independente da origem social, profissão ou das perspectivas, vão além dos interesses imediatos e pessoais, por se preocuparem com a organização e o destino de seu país ou de sua cidade. Isto é, Reis caracteriza os intelectuais como homens de pensamento que se recusam ao confinamento a campos de saber específicos e se lançam em causas mais gerais.

Uma metodologia bastante utilizada para definir os intelectuais se encontra no texto de Sirinelli (1996) *Os Intelectuais*, onde o autor coloca que o estudo deles deve focar o seu comportamento político, o seu engajamento, as suas polêmicas e os debates sobre o seu papel, sendo esse estudo caracterizado pelo cruzamento da história política, social, cultural e da biografia. A história dos intelectuais é um campo recente que surge na segunda metade da década de 1970, após o “renascimento” da história política, por meio da nova respeitabilidade conquistada pela história do passado próximo. Segundo Sirinelli, a definição do termo intelectual se insere em duas concepções: a primeira ampla e sociocultural, englobando os criadores e os “mediadores” culturais, como jornalistas, escritores, professores secundários, eruditos. A segunda é mais estreita e se baseia na noção de engajamento. Portanto, de acordo com o autor, para ser caracterizado como intelectual, não basta ser um criador ou mediador cultural, mas é imprescindível ser engajado politicamente. Uma noção essencial para o autor, em relação ao meio intelectual, são as gerações, devido aos processos de transmissão cultural, pois o intelectual se define sempre por referência a uma herança inata e uma adquirida, seja como intermediação ou como ruptura. Deve ser explorado ainda, na concepção do autor, o vasto campo de aculturação das ideias políticas no meio dos intelectuais, sendo pertinente analisar a descida das cúpulas da *intelligentsia* até a sociedade civil, pensando na sua influência sobre os sobressaltos da comunidade nacional e mais amplamente sua assimilação ou não pela cultura política de sua época.

Por fim, Sirinelli afirma que o engajamento político dos intelectuais consiste em alguns problemas provenientes do sentimento e da afetividade, que por vezes, fazem os intelectuais perderem o foco e se distanciarem de seus objetivos iniciais, distorcendo a sua apreensão da realidade. Assim, deve ser considerada a responsabilidade do intelectual pela influência

exercida na sociedade. E, principalmente, tentar destrinchar a questão das relações entre as ideologias produzidas ou veiculadas pelos intelectuais e a cultura política de sua época. Sirinelli conclui que a história dos intelectuais deve-se dar em três níveis: ideologias, cultura política, “mentalidade coletiva”.

De acordo com a concepção de Sirinelli, Astrojildo Pereira seria um legítimo intelectual, pois foi um criador cultural, desempenhou vigoroso trabalho como jornalista e escritor, com alguns livros publicados ainda em vida e o seu engajamento político é inquestionável, sendo um destacado militante anarquista e, posteriormente, no comunismo, foi o principal líder do Partido Comunista Brasileiro na década de 20 e continuou integrando as fileiras do partido a partir de 1945 até o fim de sua vida. As colocações do autor são importantes e serão utilizadas neste trabalho, essencialmente as noções de geração, ideologia e cultura política.

Na mesma direção teórica de Sirinelli se encontra a abordagem de Reis (2000), pois define os intelectuais como personagens culturais (criadores ou mediadores ou divulgadores), sempre situados como pessoas políticas. Para o autor, o mais importante é a função que eles desempenham na sociedade, pois os intelectuais teriam um status social que é deixado de lado quando assumem uma perspectiva coletiva com foco no interesse da comunidade, sendo que essa perspectiva pode ser reacionária, conservadora, reformista ou revolucionária. Reis delimita um triplo contexto para o estudo dos intelectuais: o primeiro seria o da sociedade e do tempo em que viveram (limites, possibilidades). O segundo seria o dos grupos intermediários, ou seja, as estruturas de sociabilidade. E o terceiro seria o das tradições.

Considerando Astrojildo Pereira um intelectual e, necessariamente, um ator político, um livro amplamente utilizado para compreender a relação dos intelectuais brasileiros com a política foi *Intelectuais e a política no Brasil* de Pécaut (1990). Nesse livro, o sociólogo francês afirma que muitos intelectuais brasileiros, supondo-se detentores de um saber que os capacitava a solucionar os problemas mais graves da sociedade, forjaram deles próprios uma imagem privilegiada. Assim, o autor desmistifica a ideia de que nossos pensadores podem ser considerados “cidadãos acima de qualquer suspeita”. Pécaut, analisando a maneira como os intelectuais se posicionaram nas lutas políticas e sociais no país, mostra que o saber acabou se misturando com o poder. A nossa *intelligentsia*, alegando a existência de um povo ignorante, de estruturas sociais desarticuladas ou de classes ainda em formação, justificou sua “vocação para elite dirigente”, para dar continuidade à “Unidade Nacional”. Dessa forma, assumiu uma posição de protagonista central do processo histórico do país, acreditando conhecer melhor que os outros os mecanismos sociais e os interesses dos diferentes grupos, sua tendência foi colocar-se como mediadora indispensável, entre as classes e projetar-se acima da sociedade.

Os intelectuais brasileiros se entregam à ação política sem nenhuma hesitação e como se tivessem qualificação especial para fazê-lo. Em muitas ocasiões, eles se tornam protagonistas políticos centrais. Além disso, arrogam-se uma competência particular para assumir a responsabilidade pela dimensão mais política do fenômeno político: a ideologia (PÉCAUT, 1990, p. 7).

Enraizados em seu tempo, os intelectuais tem o privilégio de se situarem, pelo seu conhecimento, à frente dos seus contemporâneos. Assim, se não dispunham do saber sobre a lógica do real, sempre tinham o recurso de analisar os países desenvolvidos. Pécaut cita Mannheim que afirma que os intelectuais constituíam “uma camada social sem vínculos”, pois múltiplos laços subsistem com os mais diversos grupos sociais, desde as elites até as classes baixas. E esses laços são recursos que acabam aumentando a sua influência. Pécaut define o intelectual como aquele que se identifica e é identificado pelos outros como tal. E analisa a geração de intelectuais brasileiros dos anos 1925-40, a qual Astrojildo pertence e que manifestou a ideia de que a eles competia uma responsabilidade essencial na construção da nação, pois se sentiram investidos de uma missão política. Estavam desiludidos com a República excludente, que havia permitido que a influência oligárquica se prolongasse no quadro das transações regionais. Aspirando a organização da nação pelo poder, reagiram contra a “oligarquização” das instituições. Sendo que sua politização expressava sua conversão à ação política. De acordo com o autor, os intelectuais tinham vocação dirigente porque conseguiam captar e interpretar os sinais que a sociedade emitia demonstrando que já existia uma nação inscrita na realidade, mas desprovida de expressão cultural e política.

A partir de 1920, o engajamento dos intelectuais não se reduz a exaltar o “caráter brasileiro”, pois há uma tendência à filiação partidária. Pécaut cita Astrojildo Pereira, Octávio Brandão, Paulo Cavalcanti, como intelectuais “que simbolizam a aglutinação à esquerda do ‘jovem intelectualizado de família tradicional decadente dos Estados pobres’, muitas vezes forçado a voltar-se para a administração a fim de sobreviver, tirando proveito de suas relações pessoais” (PÉCAUT, 1990, p. 84). Para o autor, a “importação de ideias”, como a doutrina comunista, é, além da negação da “realidade”, a adesão à sucessão ilimitada e não controlada das imagens do real e o gosto pela encenação política.

Portanto, acreditamos que os intelectuais compartilham um pertencimento comum, apesar da heterogeneidade contida no grupo. Eles têm características comuns, laços que os unem, mas contam também com diferenças gritantes. Os autores analisados seguem a mesma direção conceitual, esboçada por Sirinelli, acreditam que os intelectuais têm uma função cultural e

política bem definida na sociedade e, desse modo, atuam como criadores/mediadores culturais e estão engajados em movimentos políticos. Pensando nos intelectuais brasileiros do início do século XX, eles contam com a particularidade de integrarem o grupo privilegiado da *intelligentsia* ou dos que pensam à frente de seu tempo, em contraposição à maioria da população, situados à margem do conhecimento e da cultura, o que os possibilita se reconhecerem e serem reconhecidos como intelectuais. E assim, acreditam ter a missão de se constituírem em elite dirigente, o que viabiliza que eles representem o povo, como no caso dos intelectuais comunistas. Porém, encontra-se uma grande diversidade no meio intelectual em relação à sua origem, ideologia, prática/atuação política, gerando disputas internas. Por isso, de acordo com a temática deste trabalho, o foco incidirá sobre os intelectuais comunistas.

A abordagem de Sirinelli (1996) é construída através de três conceitos centrais, que serão amplamente utilizados neste trabalho. O primeiro é o itinerário, que seria elaborado por meio do desenho de mapas dos grandes eixos de engajamento dos intelectuais, passando pelo gênero biográfico e pela perspectiva de trajetórias cruzadas. A análise parte da procedência dos intelectuais, seu lugar de formação, mas o autor alerta que o estudo de itinerários só pode ser feito considerando que uma interpretação conta com problemas de reconstituição. Assim, concluo que o estudo do itinerário proposto por Sirinelli é a proposta deste trabalho, isto é, trajetória e itinerário são identificados como sinônimos, tendo como personagem Astrojildo Pereira.

Outro conceito fundamental é o de gerações. Para Sirinelli, a geração é uma reunião de homens marcados por um grande evento ou por uma série de grandes eventos. Dessa vivência comum são gestados o que se denomina “efeitos de idade”, capazes de produzir os fenômenos da geração. Assim, a geração é compreendida no sentido de estrato demográfico unido por um acontecimento fundador e, por isso mesmo, adquiriu uma existência autônoma. Certamente as repercussões do acontecimento fundador não são eternas e referem-se à gestação dessa geração e a seus primeiros anos de existência. Mas uma determinada geração extrai dessa gestação uma bagagem genética e desses primeiros anos uma memória coletiva e, assim, ao mesmo tempo, o inato e o adquirido a marcam por toda a vida. Ou seja, a geração é entendida não apenas no aspecto etário, mas, essencialmente, no sentido de ser um grupo unido por um evento fundador, o que lhe assegura a sua autonomia e identidade. Analisando o itinerário de Astrojildo na década de 20, afirmamos que a sua geração é composta pelos ex-anarquistas, fundadores e primeiros dirigentes do Partido Comunista Brasileiro, como Octavio Brandão (maior teórico do partido na década), Antônio Canellas, Rodolfo Coutinho, Mario Pedrosa,

Cristiano Cordeiro, Leôncio Basbaum, entre outros, considerando o partido como o grande evento fundador e polo aglutinador dessa geração.

E, por fim, analisaremos a sociabilidade, que se constitui em relação aos intelectuais no seio do “pequeno mundo estreito” em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora, considerando a importância do termo “redes” para captar tal fenômeno. Desse modo, se definem também as posições antagônicas e pela análise destas, sugere Sirinelli (1996), é possível captar o movimento de idéias. As estruturas ou redes de sociabilidade podem variar no tempo e pode-se indicar como meio de análise as solidariedades de origem, de idade, de estudos, bem como levando em consideração os fatores de atração e amizade, a hostilidade, a ruptura, a briga e o rancor. Além do sentido afetivo, as “redes” também podem ser entendidas a partir da interpenetração desses fatores com o ideológico. A ideia é uma análise rasa, expondo em linhas gerais a rede de sociabilidade a qual Astrojildo Pereira integra. Partindo da definição de Astrojildo como intelectual e pensando no “pequeno mundo estreito” dos mesmos, na década de 20, a rede em torno de Astrojildo é constituída, predominantemente, por intelectuais ligados ao partido comunista e ainda há certa sociabilidade, uma convivência rancorosa, hostil entre ele e seus ex-companheiros anarquistas, também intelectuais. O grupo integrado pelos primeiros dirigentes do Partido Comunista Brasileiro, em sua maioria intelectuais, é unido por uma ideologia em comum, a crença na ação política organizada para “libertar” os trabalhadores do domínio burguês, se considera representante da classe laboral do país, tem a pretensão de organizar uma revolução, tendo como referência a Revolução Russa e a teoria marxista e, além disso, existem laços de origem (tanto em relação à origem social, quanto em relação à ideologia, pois, em sua maioria, são pequeno-burgueses provenientes do anarcossindicalismo) e de amizade. Mas essa rede não é totalmente homogênea, havendo diversidades culturais e sociais entre esses intelectuais e ainda conflitos internos. O caso mais conhecido de hostilidade entre os primeiros dirigentes partidários é o de Astrojildo Pereira e Octavio Brandão, figuras de destaque no comunismo brasileiro, unidos pelo desenvolvimento do partido, mas eram desafetos convictos no âmbito pessoal.

Para atender aos objetivos expostos, o texto foi estruturado em três capítulos, onde o primeiro se concentra na vida, obra e recepção de Astrojildo Pereira, pensando em como ele está situado na bibliografia existente sobre o assunto. Há também uma análise da formação do PCB, abrangendo a sua fundação, o seu desenvolvimento inicial e a crise no final dos anos 20.

O segundo capítulo consiste em uma análise sistemática de uma das fontes, o livro *Construindo o PCB* de Astrojildo Pereira (1980), no qual estão reunidos diversos artigos escritos de 1922 a 1924, retratando o desenvolvimento do partido em seus primeiros anos de existência, sendo textos elaborados “no calor dos acontecimentos” sem grandes reflexões, mas demonstram a maneira como Astrojildo e os primeiros intelectuais comunistas se posicionavam diante das principais questões que abrangem à formação do partido. Nesse capítulo as temáticas discutidas são: o caráter nacional e/ou internacional do PCB, as dificuldades dos comunistas nos meios sindicais e a cultura política comunista.

E o último capítulo tem como foco o livro *Formação do PCB*, a nossa outra fonte, composto por ensaios autocríticos escritos nas décadas de 1940/50/60, elaborados por Astrojildo Pereira (1979). A obra contém reflexões sobre os primeiros passos do partido na década de 1920 e foi escrita com o intuito de servir de material para uma possível construção histórica sobre a vida do partido. Analisaremos o livro como uma obra histórica e memorialista, entendendo como ele “inventa” uma tradição no PCB, o papel da memória na identidade e legitimação do partido, assim como, as permanências e rupturas no pensamento de Astrojildo Pereira, dos anos 20 aos anos 60.

Capítulo 1. Aspectos biográficos: Astrojildo Pereira e o PCB

Neste capítulo a proposta é traçar a trajetória política e cultural de Astrojildo Pereira, priorizando a década de 1920, iniciando com aspectos biográficos para compreender sua origem e formação intelectual e política, onde se inclui a doutrina anarquista, passando pela sua transição para o comunismo, a fundação e formação do PCB, sua saída e expulsão articulada pelos próprios militantes partidários, sua queda no ostracismo, sua produção diversificada (o seu legado) e sua volta ao PCB nos anos 40. Analisaremos ainda como ocorre a sua recepção, ou seja, como ele está inserido na bibliografia existente sobre a temática, com o intuito de desmistificá-lo.

Para delinear a trajetória de Astrojildo Pereira é fundamental a exposição de algumas considerações referentes à vida desse intelectual comunista. Assim, pressupõe-se inicialmente, uma reflexão acerca do “gênero” biográfico e suas atuais contribuições para a pesquisa no campo histórico, pois alguns métodos do biografismo serão utilizados neste estudo. Para tanto o ponto de partida é o denominado “retorno” biográfico, datado a partir das décadas de 1970/80, momento em que a biografia voltou à cena, com trabalhos de pesquisa mais rigorosos, que demonstram as tensões existentes entre a ação humana e as estruturas sociais, colocando o personagem e seu meio numa relação dialética e assegurando à história o caráter de um processo com sujeito (AVELAR, 2010). Porém, o retorno da biografia na historiografia foi problemático, o que expressa os conflitos e tensões existentes entre um gênero literário, subjetivo, ficcional e uma disciplina científica, objetiva, onde implicitamente se insere uma busca pela verdade (LEVILLAIN, 1996).

De acordo com Paul Ricouer (1994), uma das principais características da prática escrita dos historiadores é a intenção de construção de um discurso próximo da verdade, que ocorre desde a pesquisa documental, passando pela elaboração explicativa até se consolidar na construção textual. O problema é que o historiador biógrafo não pode renunciar à tarefa de narrar uma história verdadeira. Porém, essa sensação de poder controlar a vida de seu personagem dá sentido ao trabalho de construção do texto biográfico e, ao mesmo tempo, é um grande risco, pois seria possível penetrar nos acontecimentos e fatos relevantes de uma existência individual, com as lacunas documentais e as perguntas sem respostas? Nesse momento se explicita a dimensão ficcional de toda biografia, pois ela resulta de uma tentação criadora, onde entre o autor e o biografado ocorre uma troca de identidade, como se o autor tivesse criado o personagem. Para tanto, o autor instruído sobre a vida da pessoa, remonta o

curso de um destino fingindo pela narração constata-lo ao longo do tempo. E o autor justifica essa ficção se apoiando na realidade literária de sua obra. Para Natalie Davis (1987), o historiador pode proceder utilizando a imaginação sem deixar de lado a pesquisa em documentos, construindo uma história de possibilidades, sendo as possibilidades de invenção restritas a um campo de possibilidades historicamente determinadas.

Debatendo a questão percebeu-se que a pretensão científica e o sonho de objetividade se distinguem da produção do historiador que se assemelha a uma narrativa de ficção (DEL PRIORI, 2009). Porém, se a história fosse um “gênero literário”, seria incapaz de produzir um conhecimento científico do passado. De acordo com Chartier (1990), é necessário considerar que o foco do conhecimento é constituído da intencionalidade histórica, pois ele funda operações específicas da disciplina, como: construção e tratamento de dados, critérios de verificação de resultados, validação da adequação entre o discurso do saber e seu objeto. Entretanto, o debate acerca da dicotomia verdade/ficção é frequentemente colocado no interior do campo historiográfico, sendo a biografia um elemento a mais nessa discussão. Verificamos que atualmente os historiadores, essencialmente os que pertencem à vertente denominada “História Cultural”, estão construindo abordagens onde a cientificidade está ao lado da subjetividade, ou seja, uma espécie de mescla entre a ciência e a ficção, mas uma ficção/imaginação sempre condicionada à práticas/regras próprias do *métier* da produção historiográfica, fundamentada em uma teoria e metodologia específicas.

O campo da escrita biográfica é certamente um palco privilegiado de experimentação para o historiador, que pode avaliar o caráter ambivalente da epistemologia do seu ofício, inevitavelmente tenso entre seu polo científico e seu polo ficcional. Desta forma, a biografia provoca um polêmico questionamento à absoluta distinção entre um gênero verdadeiramente literário e uma dimensão puramente científica, suscitando a mescla, o hibridismo, e expressa, assim, tanto as tensões, como as convivências existentes entre literatura e ciências humanas (AVELAR, 2010).

O desenvolvimento da biografia nas últimas décadas está relacionado com a retomada da função narrativa do discurso histórico. De acordo com Le Goff (1990), a biografia histórica deve ser, de certa forma, relato, narração de uma vida, se articulando em torno de certos acontecimentos individuais e coletivos. A possibilidade de uma individualidade fixa, unitária e coerente, ou seja, “a ilusão biográfica” deve ser desconsiderada e os estudos devem analisar a pluralidade de identidades, referências, locais. Desse modo, o historiador deve descartar a narração linear, descobrindo bifurcações, entroncamentos, cruzamentos de caminhos, que devem ser encarados como fronteiras e possibilidades. Portanto, atualmente, o estudo

histórico biográfico conta com perspectivas narrativistas no estudo de trajetórias individuais, onde os indivíduos são encarados como produtores de diversas identidades e subjetividades, não podendo ser enquadrados em sistemas sociais homogêneos. A narrativa biográfica é uma modalidade de escrita da história que se relaciona com a subjetividade, considerando afetos, modos de ver, perceber e sentir o outro. Assim, a utilização de métodos do biografismo na pesquisa histórica exige o diálogo com as diferentes formas de controle simbólico do tempo e da individualização nas sociedades humanas, visando expor uma experiência de duração e estruturas imaginativas que relacionam uma vida e sua relação com a cultura, onde se insere uma “vida póstuma”, na qual mortos e vivos dialogam a partir das heranças do primeiro e das carências do segundo (SILVA, 2009). Deve-se pensar a escrita biográfica como um “lócus” privilegiado, que alarga a compreensão do passado, um campo de conflitos e de construção de projetos de vida.

Portanto, esses paradigmas orientam o desenvolvimento deste estudo, a vida de Astrojildo Pereira e sua trajetória no Partido Comunista Brasileiro serão abordadas seguindo a perspectiva das possibilidades historicamente determinadas, ou seja, com base sistemática nas “vozes do passado”. Pensando na multiplicidade de referências, ideologias, pertencimentos encontrados na figura de Astrojildo, assim como, na pluralidade de identidades e subjetividades produzidas por ele. E, ainda, considerando as incoerências, adversidades, rupturas, incertezas, enfim, o acaso, no percurso deste intelectual comunista.

1.1 Um percurso em formação

O traço singular e característico de sua vida foi sua dedicação e subordinação à causa revolucionária, essencialmente na década de 1920. Jornalista, escritor, militante e crítico literário Astrojildo Pereira Duarte Silva natural de Rio Bonito, no Rio de Janeiro, nasceu em 8 de outubro de 1890 e faleceu em 1965, aos setenta e cinco anos, assim, foi um homem predominantemente do século XX (LIMA, 1979). É necessário um esclarecimento em relação a seu nome, Astrojildo foi originalmente registrado com “g”, mas durante sua vida optou por substituir o “g” pelo “j” em tudo que assinava, portanto, neste trabalho mantemos o seu nome conforme a sua preferência (FEIJÓ, 1985). Originário de uma família de classe média, seu pai Ramiro Pereira Duarte da Silva era pequeno proprietário rural, comerciante, foi delegado de polícia e presidente da Câmara dos Vereadores, era considerado autoritário e briguento (FEIJÓ, 2001). Prosperado em seus negócios, mudou-se com a família de Rio Bonito para

Niterói, onde Astrojildo começa a cursar o ginásio. Notamos que na infância, Astrojildo tem os primeiros contatos com a política, através de seu pai que exerceu um cargo político e que teve um papel de destaque anos depois, ao informar o filho sobre as novas correntes ideológicas operárias, recém-chegadas no Brasil.

Aos treze anos, Astrojildo tem sua primeira experiência em colégio aristocrático, o colégio Anchieta, onde estudavam os filhos de pessoas ilustres, como o filho de Rui Barbosa². Nesse colégio de jesuítas, Astrojildo teve os primeiros contatos com a cidade do Rio de Janeiro e sua vida literária, além de tornar-se profundamente religioso e, ao mesmo tempo, ler revistas libertinas e elaborar juntamente com os amigos pequenos jornais pornográficos, o que possivelmente tenha lhe causado a expulsão do colégio. Com quinze anos, sofreu uma crise religiosa íntima, perde a fé e se afasta definitivamente do catolicismo, se tornando ateu. Por volta dos quinze anos, estudava no colégio Abílio quando decide abandonar o curso ginásial, alegando que o colégio Anchieta lhe deixara as piores recordações da adolescência e o Abílio não lhe ensinara o que realmente queria aprender e, assim, atira-se no que denominou de “autodidatismo arqui-atabalhado” (LIMA, 1979). No entanto, a formação escolar de Astrojildo o levou ao conhecimento de algumas línguas estrangeiras, o que lhe possibilitou, posteriormente, a leitura de obras de cunho teórico-ideológico, anarquistas e comunistas, pois a tradução para o português ocorria com atraso. Analisando o percurso do jovem Astrojildo, evidencia-se que a transição é uma característica marcante em sua vida, pois Astrojildo e suas ideias estão sempre em movimento, percebido inicialmente em sua vida escolar e, posteriormente, em sua trajetória política e cultural.

A escola teve importância em sua vida não no aspecto institucional, mas principalmente na possibilidade ao acesso do que de fundamental ocorria no período, no plano político e cultural. Foi nos colégios que se deu o contato com a literatura (Machado de Assis, Raul Pompéia, Euclides da Cunha) e a descoberta da grande política (Rui Barbosa e a agitada cidade do Rio de Janeiro no começo do século) (FEIJÓ, 1985, p. 31).

Uma passagem bastante conhecida sobre a vida de Astrojildo Pereira e determinante na formação de seu percurso, é sua visita ao leito de morte de Machado de Assis em 1908. Impulsionado pela admiração e pelo medo da perda, Astrojildo foi audacioso e destemido, quando aos dezessete anos cruzou a cidade do Rio de Janeiro em direção ao bairro do Cosme Velho, onde se situava a casa de seu “mestre” Machado de Assis, que estava morrendo. Ao

² Rui Barbosa era um importante intelectual, um dos organizadores da República brasileira, coautor da Constituição vigente no período, ocupou por diversas vezes cargos políticos, era uma figura conhecida nacionalmente.

chegar à residência foi recebido por outros escritores que velavam o moribundo. O jovem conseguiu entrar na casa e beijou a mão do seu maior ídolo na literatura. No dia seguinte, Euclides da Cunha narra no artigo *A última visita*³ esse fato, ao comentar a morte do grande escritor. Mas Astrojildo não havia se identificado e apenas muitos anos depois esclareceu esse episódio, declarando que aquele jovem era ele. Mas o importante é compreender que a relação entre Astrojildo e a obra de Machado de Assis vai além de uma simples admiração e respeito. Machado de Assis foi a grande “paixão” literária de Astrojildo, que durante sua vida se dedicou a interpretar a obra “machadiana”, produzindo diversos textos sobre o assunto e publicando um livro, bem visto pela crítica, intitulado *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos*, em 1959. Esse livro é composto de ensaios e diversos trabalhos de Astrojildo sobre o autor, evidenciando na obra de Machado, a crítica política e social, a paisagem do Rio de Janeiro, sua aproximação com Proudhon e Diderot e ainda demonstra a relação entre a ficção de Machado e a história brasileira. Astrojildo define seu livro da seguinte maneira:

Compõem-se o livro de trabalhos avulsos, quase diria – de escritos de circunstância, cuja elaboração não obedeceu a nenhum plano prévio de conjunto. Com isso é óbvio, sofre o seu tanto a unidade ou a estrutura do livro como tal. Mas tudo é Machado de Assis – ponto de convergência, base de operações, tema central de todas as variações (PEREIRA, 1959).

Astrojildo considera Machado o escritor mais universal e mais nacional de todos, acredita em uma consonância íntima e profunda entre o labor literário de Machado e o sentido da evolução política e social do Brasil. Pois o período em que o escritor desenvolveu-se corresponde ao Segundo Reinado e com a Proclamação da República, o escritor havia atingido sua maturidade. Para Astrojildo, essa coincidência de tempo possui uma importância central para a caracterização e compreensão da obra de Machado. (PEREIRA, 1959)

Segundo Astrojildo, Machado de Assis utiliza a literatura como representação e interpretação da nacionalidade e esse “instinto de nacionalidade” se manifestaria em sua equilibrada, mas intransigente, luta pela literatura nacional. Astrojildo interpreta a obra de Machado afirmando que o fio essencial de seu pensamento é materialista e seu processo de pensar e de exprimir-se é um processo dialético. Ele ressalta ainda que Machado participou da vida política do país através da “crítica política” e de seus personagens voltados para os problemas nacionais. Astrojildo define seu “mestre” como um “*intérprete da sociedade de seu tempo (...) o intérprete ativo, interessado, vigilante, numa palavra – crítico (...)*” (PEREIRA,

³ Este artigo foi publicado em 30 de setembro de 1908, no *Jornal do Comércio*.

1959, p 109-110). Astrojildo, influenciado por Machado, acabou se especializando na crítica literária. Portanto, Astrojildo encontrou em Machado de Assis o grande ídolo, o introdutor não apenas da modernidade literária, mas de uma visão crítica da transição de um universo patriarcal dos resquícios monárquicos para uma utopia democrática e republicana (FEIJÓ, 2001). Contudo, a obra de Machado de Assis tem um peso importante na formação intelectual de Astrojildo Pereira, como, por exemplo, em sua crítica refinada, voltada aos problemas políticos e culturais nacionais; em sua lucidez literária, com sua escrita ativa e combativa; e, principalmente, em seu caráter inovador, transitório, pois, com o seu pensamento em constante movimento, Astrojildo é portador de uma visão “aberta” à novas tendências, à novas ideias, enfim, à novas possibilidades. Certamente estes são aspectos que Astrojildo adquiriu tendo como inspiração Machado de Assis.

Por seu interesse e admiração pela obra de Machado, Astrojildo foi diversas vezes criticado por membros do PCB, pois o autor era considerado um escritor pequeno-burguês e era inconcebível que o secretário-geral do partido se dedicasse a estudar e escrever a respeito das obras dele. Com isso, o trecho seguinte é uma espécie de resposta de Astrojildo a essas acusações:

A vida de Machado é, sobretudo, uma lição. Uma lição para o proletariado, para o homem do povo em geral, pois demonstra que o pensamento, a literatura e a arte não são um “dom natural” dos “bem nascidos”, mas um direito de todos os homens livres, de todos aqueles que sabem que só há horizontes fechados quando se foge à luta e que a cultura terá de ser, não uma concessão às massas, mas uma conquista das massas, uma vitória dos ideais de liberdade (PEREIRA, 1959, p. 268).

1.2 O itinerário Anarquista

Na procura de novos horizontes, de uma nova direção que o guiasse, Astrojildo encontrou a doutrina anarquista, que seria fundamental em sua vida nos próximos dez anos. Em 1909, seu pai, na volta de uma viagem de São Paulo, trouxe alguns folhetos e jornais de propaganda anarquista e lhe entregara (LIMA, 1979). Provavelmente, esse teria sido o primeiro contato de Astrojildo com a doutrina anarquista, pois o material era algo desconhecido para ele, mas despertou-lhe grande curiosidade. Assim, ele começou a frequentar um centro anarquista em Niterói e iniciou as leituras de teóricos anarquistas como Pedro Kropótkin, Mikhail Bakunin, Errico Malatesta, entre outros. Antes de aderir totalmente ao movimento operário, Astrojildo

desembarcou em Paris, planejando trabalhar e estudar lá, constituindo seu primeiro contato internacional (FEIJÓ, 2001).

O mito da capital do século XIX não encanta o jovem rebelde, que em uma situação de privações devido à falta de dinheiro, tudo o que conseguia aplicava em livros. Até que, em uma situação limite, foi repatriado ao Brasil junto com um amigo, por brasileiros residentes na Europa. A ida do jovem confuso e inseguro resultou na volta de um anarquista convicto, que passou a se definir como um “intransigente libertário”, defensor da causa operária (KONDER, 1988). A opção pelo anarquismo foi fruto, essencialmente, da desilusão de Astrojildo com a derrota de Rui Barbosa⁴ e de sua indignação com a repressão desencadeada pela Revolta da Chibata⁵ (FEIJÓ, 2001). Ao aderir ao anarquismo, Astrojildo se projeta ao interior do movimento operário brasileiro, pois a ideologia dominante no meio operário nas primeiras décadas do século XX era o anarcossindicalismo, o qual consistia em uma vertente do anarquismo. Assim, ele passa a atuar no sentido de modificar a sociedade em que vive, ideia que defende com intransigência por toda a vida, mas por essa escolha enfrentou conflitos ásperos, não só com o inimigo principal que combatia mas também em seu meio de luta, causando-lhe desgostos, contrariedades, desilusões, desgastes morais.

Nos anos 10, a militância anarquista vai ocupar praticamente todas as energias do jovem Astrojildo (...) sua formação deixa de ser passiva, tendo início o seu destaque no movimento operário. Até o início dos anos 20 declara-se anarquista, embora o impacto da Revolução Russa, a partir de 1917, tenha provocado uma definitiva inflexão: a sua transição para o marxismo, onde a fundação do PCB, em 1922, é um momento fundamental não só para sua história pessoal como para o processo da revolução brasileira (FEIJÓ, 1985, p. 61).

A atuação de Astrojildo como jornalista sempre foi notável, tanto na “imprensa operária”, quanto na “grande imprensa”. Nessa uma passagem marcante foi em 1940, aos 50 anos, quando publicava no *Diário de Notícias*, um jornal de ampla circulação, críticas literárias dominicais, que foram muito apreciadas pelos leitores, repercutindo em um positivo reconhecimento intelectual. Sua criatividade como jornalista era inegável, sendo que para

⁴ Em 1910 Astrojildo se mobilizou em apoio à Campanha Civilista de Rui Barbosa, a qual foi um marco na Primeira República como a primeira eleição verdadeiramente disputada, pois a aliança entre Minas Gerais e São Paulo estava rompida. Foi denominada assim por defender a candidatura de um civil em oposição à de um militar, o Marechal Hermes da Fonseca, candidato apoiado pelo então presidente da república, Nilo Peçanha. Em um contexto marcado por fraudes eleitorais, Hermes da Fonseca foi eleito.

⁵ A Revolta da Chibata foi um movimento de militares da Marinha do Brasil, constituindo-se em um motim que se estendeu de 22 a 27 de novembro de 1910, na baía de Guanabara, no Rio de Janeiro. Os marinheiros protestaram contra a aplicação de castigos físicos impostos a eles. A repressão desencadeada pela revolta foi grande e contou com a expulsão da instituição dos marinheiros revoltosos.

suprir a falta de colaboradores nos pequenos jornais do movimento operário, usava pseudônimos, como: Astper, Tristão, Pedro Sambê, Alex Pavel, Cunhambebe, Maximo X e Aurélio Corvino. Para animar os jornalecos polemizava com ele mesmo (KONDER, 1988).

Contribuiu intensamente na imprensa operária, sendo que até 1919, sob a orientação ideológica libertária, tendo como principal referência teórica *A conquista do pão* de Kropótkin (FEIJÓ, 2001). Seus artigos se caracterizam por informar a classe operária sobre os acontecimentos ocorridos nos centros industriais e por tentar organizar os trabalhadores para a revolução social. Escrevia sobre os seguintes temas: “repúdio à participação eleitoral e formação de partido político operário, incentivo à formação de sindicatos de resistência (luta contra o capital), incentivo ao emprego da ação direta na luta pela melhoria das condições de vida e de trabalho dos operários” (LIMA, 1979, p. XXII). Contribuiu ainda, organizando Congressos de Trabalhadores, manifestações, greves e, dessa forma, com sua participação intensiva, Astrojildo se tornou uma referência obrigatória no movimento operário e sindical brasileiro.

O ano de 1917 foi fatídico na trajetória política de Astrojildo Pereira. A Revolução Russa⁶ talvez tenha sido o acontecimento fundador de maior repercussão na vida dele, pois a partir dela, ele se volta a novos horizontes, a uma nova ideologia que vai defender até sua morte, a uma nova prática política, repensa todo o seu percurso até o momento e decide romper com seus companheiros e com aquela teoria que fora tão importante e que defendera com tanto vigor até então. Após a eclosão da Revolução na Rússia uma onda de ataques à Lenin passou a ser comum no Brasil. “*As informações a respeito da revolução na Rússia eram vagas, incertas e muito insuficientes, quando não torpes. Não se podia adquirir um conhecimento exato e profundo dos acontecimentos. Ninguém tinha uma base marxista para compreendê-los a fundo*”. (BRANDÃO, 1978, p. 165) Astrojildo, com limitado conhecimento, passou a se informar sobre essa revolução, no intuito de esclarecer os trabalhadores do que se tratava

⁶ A Revolução Russa de 1917 foi uma série de revoltas políticas na Rússia, que puseram fim ao czarismo (revolução de Fevereiro), se estabelecendo no poder o Partido Bolchevique (revolução de Outubro) liderado por Lenin, resultando desse processo a criação da União Soviética, o primeiro país comunista do mundo, que influenciou partidos e revoluções em todas as partes do planeta. De acordo com Reis Filho, o que ocorreu na Rússia foi um golpe e uma revolução. Golpe pois a insurreição ocorreu como uma operação militar, sem autorização do governo e das instituições russas, foi desencadeado pelo comitê do soviete de Petrogrado, sob a liderança do Partido Bolchevique. Foi empreendido por uma vanguarda que se arroga o direito de agir em nome das maiorias. E revolução devido aos decretos aprovados pelos sovietes, reconhecendo e consagrando juridicamente as aspirações dos movimentos sociais, que passaram a ver no governo (o Conselho dos Comissários do Povo, dirigido por Lenin) a garantia das reivindicações populares asseguradas. Os bolcheviques “foram extraordinariamente ousados na ação golpista, mas sensíveis às mudanças que os soldados, os camponeses, os operários e as nações não-russas compreendiam como necessárias. Eram mudanças revolucionárias. Paz imediata, (...) toda a terra para os camponeses, (...) direito de secessão como propunham os não-russos, controle operário sobre a produção (...)” Ver: REIS FILHO, Daniel A. **As revoluções russas e o socialismo soviético**. São Paulo: UNESP, 2003. p. 67.

(LIMA, 1979). Num primeiro momento, os intelectuais ligados ao movimento operário, anarquistas ou socialistas, colocaram-se ao lado dos bolcheviques. Nesse momento se explicita a necessidade de uma reflexão mais aprofundada: Quais as limitadas informações, as quais Astrojildo dispunha sobre a revolução? O que desperta esse interesse em Astrojildo que se empenha em entender o caráter da revolução? Por que ele se põe à frente desta campanha de esclarecimento dos trabalhadores?

Juntamente com esses acontecimentos na Rússia, o Brasil passava por importantes mobilizações nesse ano. Em 1917, se inicia uma onda de greves que toma conta do país, caracterizando a melhor fase do movimento operário nos primeiros anos do século XX, que termina em 1920.⁷ Em 1918, Astrojildo editava, redigia e distribuía sozinho o tablóide *Crônica Subversiva*, que contribuiu na conspiração que visava organizar um *soviet* para a tomada de poder. Os anarquistas organizavam uma greve geral, o que seria a introdução dos *soviets* no Rio de Janeiro, quando a infiltração policial e a ingenuidade dos militantes levaram mais de cem trabalhadores à prisão, inclusive os líderes do movimento Astrojildo Pereira e José Oiticica e organizações sindicais foram fechadas (FEIJÓ, 2001). Após sair da prisão, Astrojildo começa a pensar em novas formas de organização. Nesse episódio notamos duas questões centrais: a primeira é o envolvimento de Astrojildo no movimento operário e anarquista, onde reunia algumas funções que se cruzavam, pois era o jornalista que produzia publicações anárquicas; era o líder anarquista, atuando na organização de greves por meio de suas publicações; e, sobretudo, era o intelectual atento às novas ideias e formas de combate, como a formação de um *soviet*. E a segunda é a repercussão da Revolução Russa no interior do movimento operário brasileiro, mesmo sem uma definição exata de seu caráter e de como poderia auxiliar os revolucionários brasileiros, já os influenciava, como na ideia de introduzir um *soviet* no Rio de Janeiro.

⁷ Ver FAUSTO, Boris. **Pequenos ensaios de história da república: 1889/1945**. São Paulo: Cadernos Cebrap, 1972. Caderno 10. O autor ressalta que as manifestações mais importantes foram: a greve geral de São Paulo em julho de 1917 e a generalizada de maio de 1919; a greve dos têxteis no Rio de Janeiro em novembro de 1918 e a da Leopoldina em 1920. Porém, para Fausto, o movimento da classe trabalhadora urbana na Primeira República foi limitado e seus êxitos foram exceções, devido à reduzida importância da indústria, no aspecto econômico, e da classe operária, no âmbito político. Sobre o movimento operário e essas greves ver também: BATALHA, Cláudio. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília. **O Brasil Republicano** (o tempo do liberalismo excludente). v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. Para Batalha, esses momentos de ação coletiva envolviam muito mais gente do que o número restrito de trabalhadores, pertencentes às sociedades operárias. “São nesses processos que a classe como uma realidade histórica aparece, na medida em que os interesses coletivos se sobrepõem aos interesses individuais e corporativos. É então que podemos falar de formação de uma classe operária, não como resultado mecânico da existência da indústria ou da abolição da escravidão, mas como um processo conflituoso, marcado por avanços e recuos, pelo fazer-se e pelo desfazer-se da classe, que surge na organização, na ação coletiva, em toda a manifestação que afirma seu caráter de classe”. (BATALHA, 2006, p. 173)

Em 1919, ocorre uma ruptura no movimento anarquista em relação ao apoio à Rússia soviética, em decorrência de um maior conhecimento do que se passava lá no âmbito político e do verdadeiro caráter da revolução. Com informações um pouco mais precisas a respeito dos leninistas, os intelectuais foram pressionados a se posicionarem, alguns foram abertamente contrários, como Oliveira Vianna, fazendo pesadas críticas ao regime comunista, outros manifestaram interesse e simpatia, como Octavio Brandão e Astrojildo Pereira (KONDER, 1988). A repercussão da Revolução Russa no movimento operário se deu em um momento de crise interna. A falta de direção para lidar com a repressão desencadeada pela onda de greves de 1917-1920 levou os ativistas a constatarem que não dispunham de instrumentos teóricos adequados para preservar, politicamente, suas conquistas. Desse modo, passaram a buscar novas formas de organização para tornar o combate mais eficiente. Ao mesmo tempo, crescia no mundo a ação organizada da Revolução Russa, a Internacional Comunista (IC), que entrara em contato com militantes latino-americanos, entre eles Astrojildo Pereira. Assim, considerando a incapacidade demonstrada pelo anarquismo na resolução dos problemas do movimento operário, Astrojildo inicia sua longa caminhada em direção às idéias de Marx e Lenin (LIMA, 1979).

Em novembro de 1917, logo que tomou conhecimento da Revolução Russa, Astrojildo Pereira, sob o pseudônimo de “Alex Pavel”, empreendeu a redação de cartas à imprensa, que depois foram reunidas em um folheto publicado sob o título *A Revolução Russa e a imprensa* (MORAES FILHO, 2007). Segundo ele, trata-se de uma defesa e ilustração da obra dos “maximalistas” russos, contrariando as calúnias que surgiam na imprensa brasileira sobre o assunto. Nesse folheto, Astrojildo sustenta com argumentos previsivelmente anarquistas, mas com ironia e paixão, a defesa à causa de Lenin e de seus companheiros. Essa iniciativa de Astrojildo nos revela o seu processo de amadurecimento intelectual, pois “aberto” a novos paradigmas e acontecimentos, no mesmo ano da Revolução, empreende a redação desse folheto, rebatendo a imprensa e visando informar a população, isto é, apesar das precárias informações que dispunha, sentia a necessidade de se posicionar diante dos acontecimentos, perante a sua sociedade.

A importância de um texto como *A Revolução Russa e a imprensa* na trajetória de Astrojildo Pereira não consiste apenas em antecipar o fundador do PCB e o militante comunista aplicado e disciplinado. Não tanto pelas cartas que enviou com sua coerente indignação, (...) mas pela tentativa em torná-las perenes por meio de publicação em brochura. (...) Era o preparo, como intelectual, para vãos mais altos, aspirações políticas e culturais mais consistentes e duradouras (FEIJÓ, 2001, p. 69).

Um dos momentos fundamentais da trajetória política e intelectual de Astrojildo Pereira, o qual trouxe desdobramentos por toda sua vida, constitui-se em sua transição do anarquismo, ideário defendido ativamente na década de 1910, para a doutrina comunista, a qual se dedicou pelo resto dos seus dias, mas que nos anos 20 sugou toda a sua energia. Para analisar com mais atenção essa transição é necessário iniciar compreendendo em que consistia a doutrina anarquista e sua vertente mais destacada o anarcossindicalismo, predominante no movimento operário brasileiro até o fim da década de 1910. De acordo com Chilcote (1982), o anarquismo defendido pelos militantes brasileiros era um sistema de pensamento social que defendia transformações fundamentais na estrutura da sociedade e a substituição do estado autoritário por alguma forma de cooperação não governamental entre indivíduos livres e, assim, o anarcossindicalismo era o anarquismo praticado e pregado pelo sindicalismo radical. O autor alerta que esses movimentos contavam com sérios problemas em sua organização, ideologia e liderança, mas foram a base da evolução do movimento comunista no país. Segundo Konder (1988), o movimento anarquista brasileiro do início do século XX era internamente muito contraditório e confuso, englobando: o mutualismo de Proudhon, o anarcocoletivismo de Bakunin, o anarcocomunismo evolucionista de Kropótkin e o anarcossindicalismo. Para o autor, o anarquismo no Brasil consistia em um conjunto de sugestões para uma conduta mais humana, mais verdadeira, mais justa e autêntica. Assim, os intelectuais acabaram se aproximando dos trabalhadores pela solidariedade e protesto contra as injustiças sociais. Sendo que o anarquismo brasileiro contava com algumas singularidades como a combinação de ideias tidas como de “esquerda” e de “direita”, pois a influência de correntes teóricas da ideologia das classes dominantes, como o evolucionismo, o positivismo e o cientificismo, é inegável para Konder.

De acordo com Fausto (1972), a predominância do anarquismo na vanguarda operária exerceu uma influência negativa nas condições da sociedade brasileira, pois trata-se de uma ideologia que enfatiza movimentos espontâneos de classe, recusa formas organizatórias mais definidas, reforça as tendências à desarticulação em uma sociedade com precária estrutura de classe. Assim, a ausência de um centro coordenador teria pesado muito sobre os movimentos de 1917-1920. Ou seja, para Fausto, o anarquismo, que objetivava a derrubada da burguesia do poder por meio de uma greve geral revolucionária, foi prejudicial para o movimento operário brasileiro. Em outro polo da discussão encontra-se Batalha (2006), ao afirmar que a corrente denominada anarcossindicalista não seria uma mera ramificação do anarquismo, mas seria uma corrente autônoma, com doutrina própria que conservava elementos do anarquismo como a ação direta, o federalismo e do marxismo como a luta de classes. De acordo com o

autor, os dirigentes anarquistas defendiam a adoção de um programa sindicalista revolucionário pelas organizações de cunho sindical. Essa corrente recusava a luta política por não acreditar que as práticas eleitorais e parlamentares possibilitassem uma transformação da sociedade. Assim, o sindicalismo revolucionário pretendia alcançar a emancipação dos trabalhadores através da luta econômico-sindical, em torno de condições e remunerações do trabalho e adotando como método a ação direta, principalmente os movimentos grevistas. Segundo Dulles (1977), os anarquistas brasileiros pregavam a autonomia individual, combatiam os governos, a Igreja, os partidos políticos e o conceito de propriedade, sendo que a maior influência teórica seria o russo Mikhail Bakunin.

Hardman (2002), ao estudar a “cultura operária”, afirma que o discurso anarquista construía um mundo “civilizado” e de “equilíbrio” em suas relações com a classe operária, onde se constituiria uma ordem mais perfeita e humana do que a desigualdade capitalista. A necessidade do discurso anarquista retomar o tema da “ordem” e recolocá-lo em seus devidos termos de classe, ocorria devido a segregação do proletariado pela classe dominante, na recusa em ampliar os estatutos da cidadania burguesa. Era preciso afirmar a supremacia da “ordem anarquista”, apoiada dialeticamente na “desordem” do não governo dos homens e na espontaneidade das massas, sobre a “desordem capitalista”, legitimada ideologicamente pelo mito da “ordem do trabalho” e do “progresso social”. Uma constante preocupação dos anarquistas e, posteriormente, dos comunistas, era a distância entre os cultos e os incultos no país, situação complicada pelo analfabetismo e multiplicidade linguística, provinda da imigração. Nesse contexto, os anarquistas buscavam incessantemente ouvintes e um discurso capaz de persuadi-los. Com as dificuldades e impossibilidades da palavra escrita, os anarquistas passaram a utilizar outras linguagens, como: a fotografia, o cinema, a música. O autor destaca que para os anarquistas o sindicato é um espaço valorizado como expressão de força e dignidade, sendo definido “‘como a forma social do movimento revolucionário, destinada a substituir o Estado’, ele deve constituir todo o universo do operário, preenchendo suas necessidades materiais, morais e culturais” (HARDMAN, 2002, p. 102).

Portanto, em primeiro lugar, acreditamos que o anarcossindicalismo era uma ideologia política, derivada do anarquismo, mas organizada em torno dos sindicatos, que eram o espaço privilegiado dos operários, considerando que as correntes ideológicas existentes no país neste período, anarquismo, socialismo, cientificismo, acabavam se misturando na formação política dos militantes operários. Hardman expõe que as contradições que surgiram no interior do movimento anarquista, ocorreram devido à eclética formação dos militantes e às posições de intelectuais dissidentes da pequena burguesia, como Astrojildo Pereira. A oscilação dos

anarquistas entre o convencional e a livre criação, o desconhecido/a novidade e o conhecido/o habitual, ou seja, a convivência presente no interior do movimento entre a ideologia revolucionária e práticas socioculturais tradicionais é nítida para Hardman, afirmando que os libertários brasileiros contavam com o milenarismo implícito em sua visão de mundo, com o peculiar sentido ético e com a religiosidade, características que remontam os movimentos das classes subalternas pré-industriais do século XIX. Assim, afirma Moraes Filho (2007), que nos primeiros anos do século XX se misturavam e se confundiam no Brasil todas as doutrinas da reforma social.

Estabelecidos os principais aspectos do movimento anarquista, o qual Astrojildo pertencia, analisaremos as motivações que o levaram a romper com tal movimento. Com a Revolução Russa, ocorreram importantes modificações no movimento operário brasileiro, pois era um Estado Marxista que se instalava concretamente e, assim, a repercussão no país foi notável. Os intelectuais já conheciam Marx, embora nem sempre o lessem e o compreendessem, mas a partir da revolução os nomes de Marx e Lenin passaram a ser propagados na imprensa, sendo Lenin com maior intensidade, entretanto, em geral, as notícias acerca da revolução eram deturpadas, tendo como fontes as agências internacionais. Nesse período, havia uma confusão em relação à orientação ideológica dos revolucionários russos, geralmente identificados com o anarquismo. “A Revolução Russa introduziu, no movimento operário brasileiro, novas ideias, novos conceitos, novas palavras, embora, inicialmente, de forma vaga e confusa. (...) Faltava, na verdade, a todos, inclusive à intelectualidade, a informação exata e precisa sobre o tipo de regime que, na Rússia, se implantava” (BANDEIRA; MELO; ANDRADE, 1967, p. 151). Vale ressaltar que no início a Revolução Russa foi vista positivamente pelos militantes do movimento operário, que passaram a defender um anarcocomunismo, que contou com o pioneirismo de Astrojildo Pereira, inclusive em 1919, os anarquistas do Rio de Janeiro estruturam uma nova organização denominada Partido Comunista do Brasil. De acordo com Edgard Leuenroth, essa organização não tinha nenhuma pretensão política, era uma organização de momento, sem o enquadramento disciplinar do bolchevismo e sem a finalidade de ser o centro do anarquismo no Brasil e, assim, foi cessando sua atividade. Segundo Astrojildo Pereira, tratava-se de uma organização anarquista e sua denominação era o reflexo, nos meios operários brasileiros, da grande influência exercida pela Revolução Russa.

O anarquismo é a base, uma função doutrinária, educadora e filosófica, atuando nos espíritos e nas consciências, quase com foros de religião. É um

evangelho, um sacerdócio, e não tem nada com a organização sindical nem com os interesses econômicos das classes.

O sindicalismo é a organização prática, é o regime econômico e administrativo das coisas na sociedade comunista.

Bolchevismo, maximalismo, espartacismo, significam ação, preparação, organização revolucionária para a destruição violenta da sociedade capitalista burguesa e instituição de um poder proletariano, - a ditadura operária. Sovietismo é a organização econômica desta fase transitória do governo dos proletários.

O fim do anarquismo é educar, é formar mentalidades sãs, caracteres nobres e elevados que hão de amanhã constituir a sociedade nova. O fim do sindicalismo é organizar o trabalho, os sindicatos, as profissões fora da ação patronal, é garantir a produção para que nada falte na sociedade comunista-anarquista. O fim do bolchevismo e do soviétismo é arrancar o poder da burguesia, é destruir as raízes da grande árvore secular; é desbravar o caminho ao sindicalismo e a anarquia; é, em resumo, fazer precipitar a revolução social. (RIBEIRO, 1919, p. 1)

Esse trecho foi retirado do periódico anarquista *Spártacus*⁸, o qual tinha como redatores Astrojildo Pereira e José Oiticica. Nele encontramos o processo no interior do movimento anarquista de busca por um entendimento sobre a Revolução Russa e a confusão teórica que permeou o movimento operário brasileiro no final da década de 1910. A partir das palavras de Manuel Ribeiro, compreendemos como os anarquistas entendiam as teorias e os conceitos utilizados na época, defendendo uma espécie de interação complementar entre anarquismo e comunismo. Essa mistura ideológica, além de provir das escassas informações que os militantes brasileiros dispunham sobre a revolução, é uma característica do movimento operário brasileiro do início do século XX. O anarcocomunismo durou pouco, pois muitos anarquistas se escandalizaram com a repressão soviética contra os seguidores russos de Kropótkin, as ações militares do Exército Vermelho causavam consternação nos meios libertários (KONDER, 1988). Assim, foi se acentuando as distinções entre as duas vertentes, pois o comunismo de bases autoritárias era incompatível com as premissas anarquistas de um modelo de comunismo libertário, gerando a ruptura no movimento operário brasileiro. Astrojildo opta por desenvolver seus estudos sobre o bolchevismo, junto com outros anarquistas, persistindo na defesa da unidade do movimento sindical e de sua reorganização de maneira mais centralizada, considerando que a derrota do movimento operário ocorreu, de certa forma, pela excessiva descentralização anárquica.

⁸ Periódico surgido no Rio de Janeiro em 2 de agosto de 1919, como principal porta-voz da causa maximalista, pela iniciativa de Salvador Alacid, José Oiticica e Astrojildo Pereira. Durou até o começo de 1920, sendo substituído pelo jornal *Voz do Povo*. Ver: RUDY, 2008.

1.3 A transição ideológica no movimento operário brasileiro: anarquistas e comunistas

Conscientes e seguros do nosso papel histórico, neste momento grandioso e decisivo da civilização, queremos bradar daqui, bem alto, à face da nação, a nossa fé ardente na revolução social internacional, à cuja causa temos consagrado nossas vidas e pelo triunfo da qual, no Brasil, empenhamos e empenharemos todas as forças da nossa energia.

E terminamos com este voto, ao povo russo, heroico iniciador de uma batalha redentora, e aos proletários de todos os países, soldados da nossa causa, a expressão mais calorosa da nossa fraternal e inquebrantável solidariedade. (OS ANARQUISTAS..., 1919, p. 2)

Ora, como eu estou convencido de que a maioria do povo, senão ainda conscientemente, instintivamente deseja estabelecer no Brasil um regime libertário semelhante ao da Rússia, e como sei que a minoria governante não se conforma com isso, eis porque eu prego a necessidade de uma revolução popular contra a burguesia e a sua república. (CORVINO, 1919, p. 3)

No início dos anos 20, Astrojildo Pereira realizou inúmeras reuniões para discutir o desdobramento da Revolução Russa e o posicionamento dos revolucionários brasileiros diante dela. Assim, ia se vinculando os rumos do movimento operário no Brasil a uma opção ideológica determinada: o bolchevismo russo. (ZAIDAN, 1989, p. 102) Como podemos notar nos trechos selecionados de *Spártacus*, a transição dos anarquistas em direção ao comunismo foi gradativa. No entanto, em ambos os trechos, tanto no primeiro, o manifesto dos anarquistas à população brasileira, quando no segundo de Astrojildo, sob o pseudônimo de Aurélio Corvino, encontramos a defesa da revolução social a ser implantada no Brasil e do movimento internacional, tendo o povo russo como símbolo, o exemplo a ser seguido.

A partir de 1921, Astrojildo Pereira definiu-se pelo marxismo, visando superar a crise em que o movimento operário estava imerso (DEL ROIO, 2007). Inicia-se, assim, um processo de discussão, não muito aprofundada, sobre a questão russa, devido à necessidade do movimento operário de encontrar novas formas de organização para se opor ao capital e superar o impasse ideológico. Possivelmente, em contato com comunistas argentinos, Astrojildo obteve informações a respeito dos resultados do III Congresso Mundial da Internacional Comunista e formalizou em 7 de novembro de 1921 o Grupo Comunista do Rio de Janeiro, no início composto por doze pessoas e que acabou se tornando o polo aglutinador e propulsor dos vários grupos comunistas que estavam se formando na região sudeste do país. Verificamos, no entanto, que a partir de 1917 começam a surgir no país pequenos núcleos de tendência pró-bolchevista, como: a União Operária 1º de maio criada em 1917 por

Hermogêneo Silva em São Paulo; a Liga Comunista, o Centro Comunista e a União Maximalista surgem em 1918 no Rio Grande do Sul, sendo a última fundada por Abílio de Nequete; o Círculo de Estudos Marxistas aparece no Recife em 1919, criado por Cristiano Cordeiro e Rodolfo Coutinho; o Grupo Comunista Brasileiro Zumbi é criado no Rio de Janeiro, com manifesto de Afonso Schmidt (CARONE, 1972). Sendo que esses criadores terão um papel de destaque na fundação do Partido Comunista Brasileiro. Nesse panorama de adesão ou simpatia pelo comunismo, o Grupo Comunista criado por Astrojildo Pereira é apenas mais um elemento que segue uma tendência já em desenvolvimento. Mas ganhou destaque, possivelmente, por estar localizado na capital do país, centro da efervescência política de então e por ter entrado em contato com as outras organizações comunistas existentes. Portanto, Astrojildo Pereira, apesar de ter uma visão à frente de seu tempo, de conseguir apreender a dimensão da Revolução Russa e apoiá-la, rompendo com o anarquismo, não foi o único, é importante destacar que outros militantes também se colocaram ao lado da Revolução e criaram condições em suas regiões para a fundação de um partido nacional que os representasse, o PCB. Assim, de acordo com Del Roio (2007), o PCB é produto da convergência de esforços de três pólos, unificados pela crise da dominação oligárquica:

1. O movimento operário do Rio Grande do Sul, que além da influência anarcossindicalista, contou com a influência do socialismo reformista do Uruguai e da Argentina e do forte positivismo de setores médio-agrírios e oligárquicos gaúchos. Sob essas influências, surge em 1918 a União Maximalista, que se transformou em 1921 no Grupo Comunista de Porto Alegre.

2. Em Pernambuco, desde 1910, a classe operária esteve envolvida na luta antioligárquica, juntamente com as camadas médias, herdeiras de uma tradição jacobina, sendo reforçada com o positivismo do movimento republicano. Assim, o anarcossindicalismo esteve submetido culturalmente ao positivismo. A partir de 1919, Antônio Canellas, porta-voz do movimento grevista daquele ano, percebera a necessidade da cisão teórico-prática com o reformismo; aceitava, dessa forma, o princípio da ditadura do proletariado. O debate sobre a questão russa e sobre um partido operário foi dirigido por Cristiano Cordeiro e Rodolfo Coutinho e em janeiro de 1922, foi formalizado o Grupo Comunista de Pernambuco. Segundo Del Roio, esse foi o maior dos grupos fundadores do PCB.

3. No Rio de Janeiro e no Sudeste, o movimento operário era mais forte e combativo, tendo o anarcossindicalismo como orientação predominante. Desde 1919 instala-se uma crise ideológica anarcocomunista.

Neste período fatal se encontra a sociedade burguesa dos nossos dias. A sua moral é um mulambo – e o seu domínio, que tem por bandeira esse mulambo, não pode durar muito...

Uma rajada saneadora, que arrase implacavelmente todas essas podridões, há de vir, pressente-se próxima, sopra já das bandas do oriente. É a revolução social do proletariado, já iniciada vitoriosamente na Rússia.

A bandeira vermelha, símbolo da renovação, há de em breve flutuar aos ventos de um nova moral humana: a moral do trabalho útil, em cujos postulados não encontrarão guarida os ociosos da decadência, almofadinhas e melindrosas, canastrões e fragatas várias... (MAXIMO X, 1920, p. 2)

Contudo, acreditamos que a transição de Astrojildo Pereira do anarquismo/anarcossindicalismo para o comunismo, ocorreu ao longo de um processo político-ideológico no interior do movimento operário brasileiro. O trecho exposto, publicado em *Spártacus* por Astrojildo Pereira, sob o pseudônimo de “Maximo X”, demonstra que a partir de 1920, as referências à ideologia libertária vão ficando para trás e o comunismo passa a ser melhor compreendido e explorado pelos militantes brasileiros. Esse processo contou com um início confuso, impreciso, com a defesa de uma revolução, que de imediato foi identificada como anarquista, posteriormente, foi definida como tendo caráter comunista e, assim, partiu-se para o anarcocomunismo, com a organização das primeiras instituições centralizadas, para então após maiores esclarecimentos acerca do comunismo e do marxismo e uma discussão interna entre os militantes operários, optarem pela ruptura entre anarquistas e comunistas. Nesse momento, Astrojildo Pereira se destaca na defesa do comunismo, mas essencialmente no Rio de Janeiro, pois em outras regiões do país importantes ativistas lideravam a ruptura com o anarquismo e atuavam no sentido de organizar um partido nacional comunista. Essa questão é importante, pois nas abordagens sobre a temática ocorre a predominância de uma versão que expõe Astrojildo como o único responsável pelos acontecimentos, como na seguinte afirmação:

com a mesma humildade, a mesma devoção quase religiosa, que dedicou, durante o resto da vida, à memória de Machado de Assis, como profundo estudioso de sua obra, entregou-se à causa da revolução social e, rompendo com o movimento libertário, teceu fio por fio, juntou peça por peça, reuniu diversos grupos espalhados no país, até fundar, em março de 1922, o Partido Comunista do Brasil (BANDEIRA; MELO; ANDRADE, 1967, p. 284).

Portanto, Astrojildo Pereira é pioneiro e importante figura nesse processo, mas não é único, sua participação e atuação devem ser desmistificadas e encaradas como incertas, duvidosas, afinal quais as certezas que ele tinha da prosperidade da Rússia Soviética? E em

relação ao Brasil e ao futuro de um Partido Comunista? Afirmamos ainda que a atuação de Astrojildo nesse processo não foi solitária, pois outros militantes também atuaram de forma decisiva na caminhada em busca do estabelecimento do comunismo no país e ainda contou com inúmeras dúvidas, com a insegurança por não saber se o novo caminho seria o ideal, o necessário, pois se trata de um passo determinante para os rumos da luta social no país.

1.4 Da Fundação do PCB

Por seu enraizamento na sociedade nacional e por sua indiscutível contribuição ao desenvolvimento político e cultural do país, o PCB constituiu-se também no mais contraditório e complexo dos partidos brasileiros. Não restam dúvidas de que foram os comunistas que decisivamente introduziram as classes subalternas na vida política de uma sociedade que tradicionalmente deixou à margem o conjunto de trabalhadores em seus processos decisórios (MAZZEO, 1999, p. ii).

A fundação do partido tem grande influência da teoria de Marx e Lenin. De acordo com Marx, não bastava interpretar o mundo, por isso o proletariado deveria se organizar em partido político autônomo, no sentido de adquirir estruturas organizativas e políticas próprias, sendo mais elaborado do que as reivindicações espontâneas, de ordem econômica imediata (MAZZEO, 1999). Lenin segue esse mesmo paradigma, colocando o partido como a mediação entre a teoria e a prática. Segundo Mazzeo, o partido é essencialmente o operacionalizador da mediação que a própria teoria revolucionária deve fazer entre a universalidade e a particularidade, entre a teoria social e sua aplicação objetiva. Porém, a maioria dos partidos que surgiram após a Revolução Russa e agiram em nome do proletariado, não conseguiram estabelecer os nexos fundamentais entre a universalidade, presente na teoria social de Marx e as realidades particulares em que atuaram e acabaram transformando seus referenciais teóricos em modelos míticos, estáticos e doutrinários de ação e reflexão.

Astrojildo, após estabelecer o Grupo Comunista do Rio de Janeiro em 1921, passa a se comunicar com os outros centros comunistas espalhados pelo país, divulgando as vinte e uma cláusulas da 3ª Internacional Comunista (IC) e, assim, novos Grupos Comunistas são formados. Outro passo fundamental nesta caminhada rumo ao bolchevismo, foi o primeiro periódico comunista do país, que surge em janeiro de 1922, intitulado *Movimento Comunista* editado pelo Grupo Comunista do Rio de Janeiro, cumprindo um importante papel na construção do partido, pois por meio de seu discurso se operou uma retórica para a construção

de uma ação, constituindo-se em um divisor de águas no processo de separação entre anarcossindicalismo e comunismo, num período de acirrados debates.

A revista *Movimento Comunista* foi a arma na qual se estruturou uma linguagem de vanguarda adequada aos novos objetivos de Astrojildo Pereira, mas o princípio retórico da *Crônica Subversiva* seria mantido. Um texto enxuto, partindo de fatos mais do que de ideias, e um combate definido. Nos anos de construção do PCB, a relação entre a escritura militante no calor da hora acabou se somando com a memória elaborada muitos anos depois. Por meio da publicação *Movimento Comunista*, Astrojildo enfrentou o inimigo da classe de sempre, mas também enfrentou o novo adversário, que eram os antigos companheiros de luta, os anarquistas (FEIJÓ, 2001, p. 76-77).

O mensário *Movimento Comunista* foi publicado com o objetivo de defender e propagar o programa da Internacional Comunista (PEREIRA, 1980). Suas principais teses se concentravam na “ditadura do proletariado” como sendo a condição para a vitória dos trabalhadores, a compreendendo num triplo sentido: liberal, histórica e revolucionária; pregava a centralização e a disciplina ao invés da fragmentação que ocorria nos sindicatos guiados pelo anarquismo; identificava a organização partidária a um programa ideológico, estratégico e tático, tendo como liderança as camadas mais conscientes do proletariado.

O momento essencial na trajetória de Astrojildo Pereira, que consolida o seu percurso rumo ao comunismo, foi a fundação do Partido Comunista Brasileiro. A fundação do PCB ocorreu em um momento de refluxo do movimento operário, orientado pelo marxismo equacionado pelos revolucionários russos, ou seja, período de sério revés da luta operária de inspiração anarquista no Brasil. Esse panorama é reflexo dos resultados negativos obtidos com as mobilizações de 1917-1920, como a coerção estatal, juntamente com a crise ideológica, a qual resultou da cisão no interior do movimento operário entre anarquistas e comunistas; a crise de acumulação na indústria, o que levou ao rebaixamento do preço da força de trabalho; e a repercussão da Revolução Russa no país, que, por um lado, desestabilizou o movimento operário e, por outro, o influenciou em grande medida.

O período no qual o partido é fundado e formado é marcado pela constante insatisfação com os padrões políticos, culturais, artísticos até então estabelecidos, por transformações econômicas e pela efervescência político-cultural. Além do movimento reivindicatório dos operários, membros da pequena e alta burguesia também estavam se mobilizando por mudanças na República oligárquica brasileira, inclusive em 1922 dois movimentos contestatórios podem ser destacados: A Semana de Arte Moderna em São Paulo, que passou a ser o marco do Modernismo no país, quando intelectuais e artistas, como Mário de Andrade,

Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e Tarsila do Amaral, se organizaram no sentido de definir e sistematizar a ideia de identidade nacional, se projetando contra os padrões culturais e artísticos tradicionais, os quais colocavam a Europa no centro, como modelo civilizatório do mundo. (VELLOSO, 2006) E a primeira revolta tenentista, “a marcha dos 18 do Forte”⁹. De 1922 a 1927, o tenentismo foi um movimento de conspiração, utilizando as armas para lutar contra as oligarquias dominantes (LANNA JÚNIOR, 2006). Porém, se manteve fiel à defesa da ordem e das instituições e era elitista, propunha a moralização política contra as oligarquias cafeeiras, defendendo a mudança a partir de cima, sem a participação das camadas populares, adquirindo o apoio das classes médias. O principal líder desse movimento foi Luís Carlos Prestes, o qual anos depois se tornou um destacado dirigente do partido comunista. O sistema contestado por esses movimentos era a denominada “Primeira República”, a qual era composta por oligarquias estaduais que monopolizavam o poder político, o acesso ao conhecimento e à cultura, se destacando no jogo político as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, vinculadas à principal atividade econômica do país, o cultivo e a exportação de café (FAUSTO, 1972). Associada à classe hegemônica estava a burguesia industrial, a qual, segundo Fausto, não tinha motivos e nem condições de opor-se às oligarquias. Nesse contexto, a atividade política era identificada às fraudes eleitorais, corrupção, negociação de votos, gerando uma população à margem da política e da cultura. A sociedade oligárquica será analisada com maior fôlego no segundo capítulo, onde estabeleceremos os elementos de sua cultura política.

Visando ser representado no 4º Congresso Mundial da Terceira IC, o Grupo Comunista do Rio de Janeiro entrou em entendimento com os outros grupos e iniciaram-se os preparativos para a realização do Congresso Nacional no Rio de Janeiro, de fundação do Partido Comunista.

O PCB nasceu para prover o movimento operário de um novo instrumento que fizesse frente à ofensiva do capital e do Estado liberal em crise. Para poder nascer, era preciso demarcar sua especificidade político-cultural, cindindo o movimento; para poder mostrar sua eficácia, era preciso construir a frente única proletária; e, para obter credibilidade e ganhar legitimidade nesta complexa empreitada, era preciso estar acoplado a um movimento de

⁹ A Revolta dos 18 do Forte de Copacabana ocorreu em 5 de Julho de 1922, na cidade do Rio de Janeiro, foi realizada por 17 militares e 1 civil que reivindicavam o fim do poder das oligarquias tradicionais, esboçando a defesa de princípios modernizadores. O descontentamento entre os militares era crescente, no entanto, apenas o Forte de Copacabana e a Escola Militar se revoltaram e foram facilmente combatidos. Dos 18 que mantiveram a marcha, apenas 2 sobreviveram. Ver: DRUMMOND, José A. **O movimento tenentista: a intervenção política dos oficiais jovens (1922-1935)**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

caráter universalizante, tal qual o representado pela Revolução Russa e pela Internacional Comunista (DEL ROIO, 2007, p. 27).

O Partido Comunista do Brasil foi oficializado no Congresso de fundação que ocorreu nos dias 25, 26 e 27 de março de 1922, no Rio de Janeiro e em Niterói, contou com nove participantes, entre operários e intelectuais, representantes dos setenta e três comunistas organizados em grupos em São Paulo, Recife, Porto Alegre, Niterói, Rio de Janeiro e Cruzeiro (SP), sendo que os grupos de Santos e Juiz de Fora não puderam enviar representantes. Os participantes foram: Manuel Cendón, alfaiate espanhol provindo das fileiras socialistas; e os provenientes da militância anarcossindicalista, o barbeiro de Porto Alegre, Abílio de Nequete; o jornalista Astrojildo Pereira; o professor pernambucano Cristiano Cordeiro; o eletricitista de Cruzeiro, Hermogêneo Silva; o gráfico de São Paulo, João da Costa Pimenta; o alfaiate sergipano, que trabalhava no Rio, Joaquim Barbosa; o sapateiro e marítimo pernambucano José Elias da Silva, que trabalhava no Rio; e o vassoureiro do Rio, Luiz Peres (RODRIGUES, 1983, p. 364). Nos dois primeiros dias, o Congresso ocorreu na sede de uma união operária no Rio de Janeiro, mas Astrojildo, preocupado com a polícia, transferiu as últimas reuniões do dia 27 para uma residência de seu pai em Niterói, onde moravam duas tias idosas que não faziam ideia do que estava se passando no local (DULLES, 1977).

Na reunião de abertura do Congresso, a 25 de março, estabeleceu-se uma ordem do dia para o andamento dos trabalhos: exame das vinte e uma condições de admissão à Terceira Internacional, estatutos do partido, eleição da Comissão Executiva Central, medidas em benefício dos flagelados russos do Volga, e assuntos vários. As vinte e uma condições foram examinadas e aceitas por todos. Os estatutos do partido, que se baseavam nos do Partido Comunista Argentino, foram elaborados, discutidos e provisoriamente aprovados no dia 27. Declarava-se no texto, que o Partido Comunista, Seção Brasileira da Internacional Comunista, tinha por fim promover o entendimento, a ação internacional dos trabalhadores e a organização política do proletariado em partido de classe (MAZZEO, 1999, p. 147).

Os delegados elegeram uma direção integrada por Abílio de Nequete, Astrojildo Pereira, Luiz Peres, Antônio Cruz Júnior e Antônio Canellas, sendo Abílio de Nequete, responsável pelo Grupo Comunista de Porto Alegre, eleito secretário-geral do partido (KONDER, 1988). Proveniente das fileiras anarcossindicalistas, o grupo histórico que fundou o partido era mal informado em relação às concepções de Marx, com vagas noções sobre o marxismo, sobretudo, orientado pelo ideário oriundo dos revolucionários russos, com exceção de Manuel Cendón, que tinha um conhecimento específico de Marx, pois havia militado no Partido

Socialista em Buenos Aires, mas não exerceu influência teórica em seus companheiros, falecendo em 1927. Assim, os primeiros ativistas do PCB se esforçaram para superar a herança pequeno-burguesa, principalmente a contida no anarquismo.

Segundo Vinhas (1982), a fundação do partido obteve êxito devido ao maior grau de clareza com que os militantes, apesar de suas origens anarquistas, colocaram a política no centro de suas atividades, sendo que o partido apresenta uma ruptura qualitativa em todos os níveis. Desde o início e durante a década, o PCB conservou seu desinteresse por fenômenos que colocavam questões políticas importantes para o país e, assim, enunciava sua aspiração à instalação direta do “regime comunista”. Com isso se evidencia o grau de sectarismo e distanciamento da realidade que pautou seus primeiros passos, resultando em seu tímido crescimento.

Pinheiro (1991) alerta para uma questão bastante importante, quanto ao surgimento do partido, ao expor que quando o PCB foi criado ele se deparou com algumas importantes características da Internacional Comunista que já estavam consolidadas, como a revolução projetada para o futuro, sendo mais uma referência utópica do que uma perspectiva concreta; a submissão organizativa das sessões nacionais à direção centralizada em Moscou; a imposição do modelo bolchevique de partido. Assim, de acordo com o autor, havia um descompasso entre a realidade e os desejos de revolução, o que teria gerado algumas ilusões nas lideranças do partido brasileiro, que acabaram determinando um comportamento voltado para moldar e transformar a realidade. Com isso, a doutrina comunista teria sido recebida mais em termos míticos do que ideológicos.

De acordo com Brandão (1978), o PCB teve papel educador no processo de desenvolvimento da consciência social, nacional e internacionalista. Em 1922, o movimento operário-popular de 1917-1920 estava esfacelado, os sindicatos desorganizados, desse modo, a classe operária passou para o segundo plano da luta política e a pequena burguesia para o primeiro plano, tendo o tenentismo como grande expressão. A situação internacional também não era favorável, com as derrotas das revoluções na Alemanha, Finlândia, Hungria, entre outras, gerando o refluxo da vaga revolucionária mundial. Contudo, Brandão conclui que criar o PCB em uma sociedade sem tradição marxista, que o perseguia implacavelmente desde o início, foi uma tarefa dura, difícil e dolorosa.

Um dos motivos pelo qual Astrojildo Pereira ganha destaque na formação do Partido Comunista Brasileiro, de acordo com Del Roio, é

a sua visão mais clara da necessidade de inserir o novo partido, cuja fundação teria um significado muito maior que suas parcas forças, num movimento de vanguarda política e cultural de caráter universal, tal como a Internacional Comunista, projetado instrumento da revolução socialista. Somente assim o PCB conseguiria legitimidade diante do movimento operário brasileiro, às voltas com uma séria crise e sem perspectivas de construção de uma nova autonomia de classe, visto que o anarquismo havia demonstrado seus limites na luta social. Deste modo, o PCB aparece como elemento constitutivo fundamental da modernidade emergente no Brasil, ao prover a luta social de um novo instrumento político e cultural, referido ao marxismo refundado na práxis instituída pela revolução popular socialista no Oriente russo e na Europa Centro-Oriental (DEL ROIO, 2007, p. 25).

Os membros do grupo fundador do Partido Comunista Brasileiro tiveram trajetórias diversificadas, onde após sua união em 1922, acabaram divergindo e indo para caminhos diferentes. Colocaremos, a seguir, algumas informações a respeito deles, exceto Astrojildo, que é o nosso objeto de estudo, obtidas através de Octávio Brandão (1978, p. 224):

Abílio de Nequete: era barbeiro, pequeno proprietário. Antes de fundar o partido havia sido secretário da União Maximalista, fundada em 1918, em Porto Alegre/RS. Foi eleito o primeiro secretário-geral do partido, indicado por Astrojildo Pereira. Três meses após a fundação, foi preso e sob ameaças policiais, renunciou a seu cargo, voltando para o Rio Grande do Sul. Enviou uma carta à Internacional Comunista relatando que o PCB era um reduto de anarquistas. A Comissão Central Executiva do partido fez um relatório, discutiu o caso e expulsou Nequete como traidor.

Cristiano Cordeiro: foi professor, bacharel, pequeno funcionário público no Recife. Continuou maçom, mesmo depois de ser membro da Comissão Central Executiva (CCE) do partido, o que teria lhe rendido perseguições. Posteriormente, se tornou prestista e, após 1930, abandonou o partido por não concordar com a linha política da Revolução Soviética imediata.

Hermogêneo Silva: era eletricitista em Cruzeiro/SP e havia fundado em 1917, a União Operária Primeiro de Maio, a qual atuou principalmente entre os ferroviários. No partido, criou vários núcleos comunistas ao longo da rede ferroviária Sul-Mineira. Por volta de 1935, afastou-se da militância, retornando em 1945, porém, nunca mais obteve um papel de destaque no PCB. (RODRIGUES, 1983, p. 364)

João da Costa Pimenta: foi gráfico, militante sindical anarquista. Incluído no grupo dos raros operários comunistas de 1922, prestou serviços no sindicato dos gráficos do Rio de Janeiro e depois abandonou o PCB.

Joaquim Barbosa: foi artesão, alfaiate e militante sindical. Em 1928, formou um grupo fracionista e desertou do PCB, juntamente com quarenta e oito militantes.

José Elias: era um pequeno funcionário da Escola Visconde de Mauá, antigo militante sindical anarquista. Abandonou o partido nos primeiros anos, mas nunca o renegou.

Luiz Peres: filho de vassoureiro anarquista espanhol, era artesão e vassoureiro. Militou nos primeiros tempos até mudar-se para Taubaté, onde melhorou de condição financeira e deixou de se interessar pela atividade partidária.

Manuel Cendón: era alfaiate e artesão espanhol. Em sua militância sindical, contava com a influência do socialismo da Argentina, onde havia vivido por um período. Nunca foi anarquista. Foi fiel ao partido até sua morte em 1927.

1.5 A formação do PCB (1922-1929) e a liderança intelectual

No período de formação do Partido Comunista Brasileiro, a trajetória de Astrojildo Pereira se confunde com o caminho percorrido pelo partido. Desde a criação do Grupo Comunista do Rio de Janeiro em 1921, com a publicação de *Movimento Comunista*, a partir de janeiro de 1922, onde Astrojildo era o redator principal; passando pela fundação do partido, onde Astrojildo atua na organização e desenvolvimento do Congresso e é eleito para a direção central; mas, principalmente, quando Astrojildo é eleito o novo secretário-geral do partido, três meses após a fundação, onde o PCB é posto na ilegalidade e Abílio de Nequete, até então secretário-geral, é preso e renuncia a seu cargo. Esse cargo é fundamental na hierarquia partidária comunista, trata-se da maior autoridade eleita e a personalidade dominante do partido, tem autoridade para mudar a linha política e substituir quadros partidários, mas está subordinado aos planos soviéticos para a América Latina, Astrojildo ocupa esse cargo de 1922 a 1929, sendo esse o período correspondente à formação do PCB (CHILCOTE, 1982). De acordo com Chilcote, desde o início, a organização do partido baseou-se no modelo soviético com uma estrutura centralizada e hierarquizada, isto é, uma minoria liderou a maioria que contava com pouca participação. Assim, nos períodos de clandestinidade a maioria foi isolada de sua liderança, gerando o declínio da filiação. O autor ressalta que uma das marcas do partido, em toda a sua história, foi a procura pela manutenção da influência no movimento operário. Mas a centralização hierárquica e a incapacidade da direção de se aproximar das massas resultaram no controle rígido sobre as tendências democráticas. Chilcote conclui que o desempenho do PCB foi ineficaz, essencialmente pela liderança dominante e pela falta de participação das massas.

Uma das primeiras lutas de Astrojildo, na direção do partido, foi pela sua legitimação, para tanto o partido teria que se filiar ao *Comintern*. Segundo Konder:

um dos acertos básicos de Astrojildo Pereira foi o de ter percebido que a legitimação do recém-criado PCB dependia do fato de ele ser reconhecido, em geral, como parte de um vigoroso movimento internacional. (...) Astrojildo foi a Moscou (...) e com a ajuda de Rodolfo Ghioldi, do Partido Comunista Argentino, teve êxito em sua viagem (1924). Assegurou a legitimação almejada: o PCB passou a ser a “Seção Brasileira da Internacional Comunista” (...) O partido fundado por Astrojildo agiu, errando e acertando, por conta própria. Sua inserção num movimento mais amplo, no processo mundial da revolução proletária, não lhe anulava a autonomia (KONDER, 1981).

O próprio Astrojildo Pereira reconheceu que a fundação do partido em 1922 não teve nenhuma repercussão nos ambientes intelectuais tradicionais da sociedade brasileira, sendo que até o fim da década a situação pouco se modifica. Mas alguns intelectuais, provenientes da militância anarquista, integrados ao movimento operário, se aproximaram do partido como Octavio Brandão, que em outubro de 1922 adere ao PCB e em pouco tempo se torna o maior teórico do partido no período. O instrumento teórico dos marxistas brasileiros era o transmitido pela orientação política da Internacional Comunista, em língua castelhana ou francesa. Somente em 1923, foi traduzido do francês por Brandão o *Manifesto do Partido Comunista* de Karl Marx e Friedrich Engels, publicado em 1924 pelo jornal *Voz Cosmopolita*, no Rio de Janeiro. Assim, o texto chega ao nosso país com quase oitenta anos de atraso, mas considerado subversivo, teve exemplares apreendidos e a polícia anunciou incinerá-los. Nos primeiros anos do partido, poucos intelectuais aderiram a ele, reforçando o caráter de partido emerso do mundo do trabalho urbano, sendo que a elaboração teórico-política ficou a cargo de Brandão e Astrojildo Pereira. O que pode demonstrar também as dificuldades de assimilação do marxismo à realidade brasileira e a relutância da intelectualidade, pela perspectiva da desigualdade étnica e social, em reconhecer a autonomia das massas na construção do devir histórico (DEL ROIO, 2007). Porém, mesmo Brandão e Astrojildo, tendo um melhor conhecimento teórico, estavam como os demais militantes, absorvidos por tarefas imediatistas, relativas à organização do partido, à agitação e propaganda no meio operário e as questões filosóficas eram deixadas de lado (KONDER, 1988).

Octavio Brandão foi o responsável pela primeira tentativa de interpretação da realidade brasileira por meio do marxismo. Segundo Del Roio (2007), um grupo dirigente revolucionário se forma ao se apropriar de um cabedal teórico, que se une a um movimento de conformação do proletariado em classe social e partido político. Esse cabedal teórico é

essencial para a leitura crítica da realidade que se pretende transformar, a qual ocorre em meio à luta sociocultural, estabelecendo alianças e antagonismos. Assim, a primeira tentativa de compreensão teórica marxista da formação social brasileira, ocorreu em 1924, com a obra *Agrarismo e Industrialismo: Ensaio Marxista-Leninista sobre a Revolta de São Paulo e a Guerra de classe no Brasil* de Octavio Brandão, servindo de inspiração às teses formuladas por Astrojildo para o 2º Congresso do PCB em 1925 (DULLES, 1977). A obra de Brandão foi publicada em 1926, mencionando-se Buenos Aires como local de edição e “Fritz Mayer” como autor, para despistar a polícia, que conhecia e perseguia os comunistas no período. De acordo com o próprio Brandão (1978), seu livro foi orientado pela obra de Lenin *O imperialismo, estágio superior do capitalismo*, baseou-se em matérias que ele acumulou sobre as empresas estrangeiras no Brasil. Segundo o autor, esse é um estudo sobre o Brasil em geral, o domínio do imperialismo e do agrarismo feudal e, em particular, a respeito das insurreições armadas de Copacabana em 1922 e de São Paulo em 1924, levantando uma série de problemas políticos militares. Brandão diz que começou a ser antiimperialista ao ler a obra de Lenin e que em 1924, pioneiramente, mostrou as características do imperialismo como etapa especial do capitalismo, o papel dos monopólios e do capital financeiro, apontando-o como principal inimigo. Em seu livro definiu o imperialismo da seguinte forma: “*O imperialismo é a dominação mundial do capitalismo; é a substituição da livre concorrência pelo monopólio; é a formação de uma oligarquia financeira; é a exportação do capital (...)* não nos iludamos: o que nos espera em regime capitalista é uma série de guerras horríveis”. (BRANDÃO, 1978, p. 290) Brandão apresenta uma ótica lúcida e importante sobre a questão, que na década de 20 começava a despontar, porém, tem uma visão radical, messiânica sobre os acontecimentos futuros.

Sobre a economia brasileira dos anos 20, Brandão expõe em *Agrarismo e Industrialismo*, que ela era instável, baseada no café, um produto secundário sujeito a todas as flutuações do mercado, precisando constantemente de empréstimos e valorizações, ou seja, era uma economia agrária, feudal. Via a indústria como incipiente, reduzida ao litoral e adjacências e, por isso, o número de operários era igualmente pequeno. Contudo, classificava a economia do país como agrária, prevalecendo a grande propriedade. Para Brandão e, conseqüentemente, para o partido, o futuro do Brasil não estava no café e sim no petróleo, no carvão, no ferro, no manganês, na lavoura industrializada, na maquinaria que transformaria a borracha e o algodão, isto é, o futuro do país estava na indústria centralizada, a qual seria a base da sociedade comunista.

Brandão expõe uma das principais ideias do partido no período, a qual marcou a geração dos primeiros intelectuais comunistas:

Lutemos por impelir a fundo a revolta pequeno-burguesa, fazendo pressão sobre ela, transformando-a em revolução permanente no sentido marxista-leninista, prolongando-a o mais possível, a fim de agitar as camadas mais profundas das multidões proletárias e levar os revoltosos às concessões mais amplas, criando um abismo entre eles e o passado feudal.
(BRANDÃO, 1978, p. 296)

Assim, *Agrarismo e Industrialismo* apoia os revoltosos pequeno-burgueses (tenentes) das insurreições armadas de 1922 e 1924 e os critica por desconhecerem as regras de Marx e Engels. Defende a realização de uma terceira revolta e a formação da frente única do proletariado, da pequena burguesia urbana e da grande burguesia industrial, contra o imperialismo e o governo dos grandes proprietários rurais.

Além disso, nessa obra, Brandão esboçou algumas questões pioneiramente, rompendo com as considerações raciais e naturais para a explicação do país, antecipou eventos e desdobramentos da cena política brasileira, pois as ideias de Brandão coincidem com o episódio de 1930, quando as elites agrárias são tiradas do poder por uma ação da pequena burguesia e para tanto utilizou o arsenal clássico marxista, como a luta de classes, a análise do desenvolvimento econômico, as relações políticas internacionais (SILVA, 2007). Mas o autor acabou cometendo alguns equívocos em sua análise, influenciado por Euclides da Cunha, em algumas passagens, se distancia de Marx e acaba unindo elementos distintos e contraditórios, com a junção da teoria marxista e a visão naturalizada das sociedades humanas.¹⁰

Na década de 20, se consolidou na Comissão Central Executiva¹¹ do PCB uma direção composta por intelectuais e operários, mas a atividade dos intelectuais ganhou destaque ao estabelecerem os princípios teóricos e práticos do partido e por sua atividade política e cultural, com inúmeras publicações, no intuito de consolidar a cultura política marxista e organizar o movimento comunista no Brasil. Uma das principais características da primeira geração de intelectuais do PCB, que trará desdobramentos no percurso do partido, é a questão

¹⁰ Em autocrítica publicada em 1957, Brandão expõe que de 1924 a 1928, o desenvolvimento do PCB foi travado por “desvios de direita” gerados pelo foco na oposição “agrarismo-industrialismo”, sendo que uma das principais falhas foi não fazer referência aos trabalhadores rurais na aliança da “frente única” e, além disso, sua análise subestima o papel do proletariado na revolução e superestima a pequena burguesia.

¹¹ A Comissão Central Executiva é um órgão muito importante no PCB, pois dirige as atividades do partido e se responsabiliza por seus atos, geralmente composto por militantes de confiança do secretário-geral, toma a maior parte das decisões importantes, dominando o Comitê Central (órgão ocupado pela liderança máxima do partido, com alta capacidade de organização e funções especializadas em setores da atividade comunista). (CHILCOTE, 1982)

ideológica. De acordo com Chilcote (1982), a ideologia é um sistema de convicções e ideias que pretende explicar fenômenos sociais complexos, dirigir e simplificar as opções sociopolíticas com que se defrontam os grupos e indivíduos, sendo que a ideologia efetiva é aquela que apresenta uma crítica a nível social, econômico, político e cultural à ordem estabelecida. Contudo, essa geração de fundadores e primeiros dirigentes do PCB é caracterizada como contendo traços ideológicos imprecisos, híbridos, com resquícios anarquistas, positivistas, cientificistas, que acabaram se misturando com o deficiente conhecimento teórico que dispunham da teoria marxista, constituindo a “questão ideológica”. Verificamos que essa mescla de correntes ideológicas que caracteriza os intelectuais comunistas, ocorre devido aos processos de transmissão cultural, de acordo com suas referências, inatas e adquiridas. Como, por exemplo, o positivismo, vertente predominante nas classes altas e médias da sociedade brasileira de fins do século XIX e início do século XX, constituindo uma herança inata. Já o anarquismo é uma herança que esses intelectuais adquiriram por sua adesão ao movimento operário nas primeiras décadas do século XX. Segundo Chilcote, essa mistura ideológica levou a conflitos ideológicos entre as lideranças partidárias comunistas na década de 20, ocasionando cisões e rupturas no partido, sendo que as influências ideológicas eram as seguintes: trotskistas, marxistas, leninistas, stalinistas, anarcossindicalistas, populistas e nacionalistas. Assim, o PCB recém-fundado não conseguia promover uma difusão eficiente do pensamento de Marx, pois os próprios dirigentes mal conheciam os escritos do pensador que citavam, mesmo homens de grande curiosidade intelectual como Astrojildo Pereira e Rodolfo Coutinho, reconheciam-se mal informados a respeito das concepções de Marx, sendo que as contradições internas ameaçavam a unidade do partido. Por isso, uma das maiores dificuldades do partido, ao longo de sua história, foi a assimilação da teoria marxista e a sua aplicação à realidade brasileira.

Essa geração é proveniente, em sua maioria, da pequena burguesia, classe que acabou excluída do esquema de alianças da classe dominante, o que resultou na sua oscilação entre o Estado e os movimentos sociais. Por isso, para Zaidan (1989), em momentos de crítica ao regime essa classe assume uma função jacobina, antiliberal, nacional-popular, constituindo uma das fontes das ideias socialistas no país, desde o final do século XIX. Assim, é notável a procedência abolicionista e republicana de muitos fundadores de partidos trabalhistas na Primeira República, como Astrojildo Pereira, Evaristo de Moraes, Maurício de Lacerda. Portanto, essa herança será decisiva na formação ideológica dos primeiros dirigentes comunistas brasileiros, ligando-os às particularidades da vida política do país. Um aspecto em que Zaidan inova, é ao afirmar que a formação ideológica dessa geração de dirigentes

partidários não provém de reminiscências anarquistas, pois, corresponderia, na realidade, ao reflexo da formação social brasileira, assim como, o anarquismo que se desenvolveu como uma corrente eclética. De acordo com o autor, o matiz nacional-popular na gênese destas ideologias sociais, como o positivismo, o socialismo, o anarquismo, o comunismo, o trabalhismo, se relaciona às lutas abolicionistas e republicanas no Brasil.

Outra questão importante é a ideologia produzida e veiculada por esses intelectuais e a cultura política de sua época. Esta é a primeira geração de comunistas no Brasil e, assim, sua tarefa central era inserir a ideologia comunista na sociedade brasileira, principalmente, nos meios trabalhistas, pois eles se colocavam como a vanguarda do movimento operário, os representantes da classe trabalhadora e esta sendo uma ideologia inovadora, contou com muita resistência, nos meios sindicais e uma forte repressão por parte do governo. Os integrantes dessa geração tinham uma vida difícil, pois constantemente eram perseguidos pela polícia, desde os tempos em que integravam as fileiras do anarquismo, a maior parte deles foi preso, torturado, havia um aparato repressivo que agia rigidamente sobre eles. Assim, os membros dessa geração tem essa vivência comum, levavam uma vida clandestina, defendendo a derrubada da ordem vigente, criticando a sociedade e pregando a revolução, a implantação direta do comunismo no país, sendo que a ilegalidade é uma característica marcante da vida do PCB, que na década de 20, contou com poucos meses de existência legal. Um dos casos que configura a ação policial sobre o partido, no qual se entende a sua primeira crise, é o do seu primeiro secretário-geral Abílio de Nequete (KONDER, 1988). Por volta de três meses após a fundação, o PCB é posto na ilegalidade, na onda de repressão que ocorreu após o levante do “Forte de Copacabana”, é decretado o estado de sítio e o encarceramento de elementos considerados subversivos. Assim, a polícia carioca invadiu uma reunião dos comunistas e Nequete, como titular do cargo de maior liderança do partido, se declara o responsável pelo encontro, por isso, acabou preso, sofreu diversas ameaças e amedrontado renunciou a seu cargo, voltando para o Rio Grande do Sul. Após esse episódio, o intrépido Astrojildo Pereira, que já havia sido preso e ameaçado pela polícia, é eleito o novo secretário-geral do partido.

Mas vale ressaltar que, apesar de sua ideologia pioneira contrária ao governo, os integrantes dessa geração eram fruto da sociedade que combatiam, estavam inseridos nela e por isso, carregavam permanências, resquícios ideológicos e culturais da sociedade oligárquica. Como, por exemplo, a dedicação de Astrojildo Pereira ao estudo da obra de Machado de Assis, considerado um escritor pequeno-burguês, criticado pelos comunistas, mas Astrojildo o defendia e mesmo não sendo aceito pelos militantes do partido, prosseguia

seu estudo. Assim como, a confusão ideológica, o marxismo deficiente observado nos membros dessa geração é motivado por eles estarem inseridos nessa sociedade e carregarem traços de ideologias próprias de sua origem, geralmente ligada às oligarquias ou às camadas médias da sociedade. Contudo, independente de convergências e diferenças, essa geração marcou com suas ações e letras o pensamento e a prática social da gênese do comunismo no Brasil.

Esses intelectuais defendiam e veiculavam o marxismo, porém, o entendiam de forma superficial e vaga e, desse modo, defendiam e tentavam propagar uma doutrina que mal conheciam e, assim, o resultado dessa tentativa foi deficiente. De acordo com Brandão (1978), o PCB de 1922 tinha um “comunismo de importação”, voltado para a Europa, pois não conseguia ligar as questões concretas de vida e luta do país com os problemas concretos internacionais. O partido sobreviveu e contou com um modesto crescimento na década, mas o trabalho de propaganda efetiva realizada por Astrojildo e seus companheiros intelectuais, não obteve o resultado esperado, pois a adesão dos trabalhadores ao partido ocorreu de forma lenta e diversificada. Assim, a política de união da classe e formação da “frente única”, que talvez seja a principal ideia que os intelectuais defenderam no período, além de ter obtido mínimos resultados, ainda foi a principal responsável pelas acusações dirigidas a eles, no final da década, o que desencadeou o processo de seu afastamento do partido. Contudo, analisando sua trajetória e a do partido, afirmamos que Astrojildo não conseguiu se aproximar da classe que visava representar, ou seja, não alcançou os trabalhadores, ficando confinado, predominantemente, na alta cúpula do partido ou no meio intelectual.

No 2º Congresso do PCB, em 1925, sua política foi estabelecida baseando-se na concepção dualista “agrarismo-industrialismo” de Brandão, pensando o capitalismo agrário semi-feudal e o capitalismo moderno como fontes da contradição fundamental da sociedade brasileira, após o estabelecimento da República. Para os comunistas brasileiros, a revolução democrático pequeno-burguesa seria a precursora da revolução comunista e, por isso, eles se colocaram ao lado dela. Sendo que essa concepção foi consagrada no 3º Congresso do partido em 1928 (LIMA, 1981).

De acordo com Zaidan (1989), a elaboração teórico-política do PCB na década de 20 é uma construção simultânea a eventos político-militares associados ao tenentismo, ou seja, para o autor, a teoria política do partido tem raízes nacionais, é influenciada pelos eventos que ocorreram no país. Sendo que essa elaboração procura mediatizar as concepções “leninistas” à luz das particularidades nacionais, por isso a singularidade da teoria revolucionária brasileira: pequeno-burguesa. A partir de 1924, Stálin vai assumindo o monopólio da hermenêutica

marxista-leninista e, em geral, o controle da produção literária comunista (MORAES, 2007). Mas o leitor brasileiro, na década de 20, teve reduzido acesso aos textos de Stálin, com exceção dos dirigentes do PCB, principalmente, dois destacados intelectuais: Astrojildo Pereira e Octávio Brandão. Eles tinham acesso à literatura socialista publicada em línguas estrangeiras e, assim, foram bastante influenciados, em seus esforços de assimilação dos fundamentos do marxismo e do bolchevismo, pela concepção staliniana do marxismo-leninismo. Desse modo, se deu a caminhada político-doutrinária do PCB em seus primeiros anos de existência, do bolchevismo ao marxismo, ambos apreendidos por meio da hermenêutica staliniana. Mas de acordo com Moraes, politicamente Astrojildo foi mais stalinista do que Brandão, inclusive em 1929, em Moscou, ele teria apoiado o grupo dirigente reunido em torno de Stálin. Intelectualmente a situação se inverte, pois não se percebe nos escritos de Astrojildo traços da influência stalinista, sendo que nos escritos de Brandão essa influência é inegável, pois sua pretensão era um estudo da sociedade brasileira à luz do “marxismo-leninismo”.

Astrojildo Pereira e Octavio Brandão, notáveis dirigentes do PCB, são ricos personagens, tanto por sua parceria ideológica e convívio no partido, quanto por sua rivalidade e antipatia pessoal. Ao mesmo tempo, em que caminhavam juntos, formulando a teoria comunista do partido brasileiro, atuando no desenvolvimento do PCB, eram desafetos convictos, criando uma dualidade de complicada compreensão. A trajetória política-ideológica de Brandão tem grandes semelhanças com a de Astrojildo. De 1919 a 1921 Brandão se declara libertário, anarquista revolucionário, mantendo contato com intelectuais anarquistas, sempre visitava Astrojildo em Niterói. (BRANDÃO, 1978) Assim, iniciou sua atividade no movimento operário, atuando como conferencista para os trabalhadores, com publicações em jornais anarquistas, como *Spártacus*, *A Plebe*, *Voz do Povo*. Para Brandão, 1921 foi o ano da vazante, onde os trabalhadores estavam vencidos e os sindicatos esfacelados e, assim, ao lado de Astrojildo, operários e intelectuais, fundou o Comitê de Socorro aos Flagelados Russos, vítimas da seca no Volga, evidenciando a conversão de intelectuais e operários à causa dos revolucionários russos. Apesar de não ter participado da fundação do partido, em 1922 Brandão colaborava com o PCB, enquanto Astrojildo o emprestava livros marxistas, para que conhecesse melhor a doutrina através de leituras de Marx, Lenin, Engels. Em outubro de 1922, se filiou ao PCB e Astrojildo tornou o ato solene numa seção em novembro, no quinto aniversário da Revolução Russa. Em pouco tempo, Brandão se tornou uma figura de destaque no nascente movimento comunista nacional, no âmbito teórico, intelectual, assim como, no âmbito prático, político, sendo um respeitado dirigente do partido, homem de confiança de

Astrojildo. Em 1923, Brandão foi eleito membro da CCE do PCB, chefiando a Comissão de Educação e Cultura. Mas apesar da proximidade entre eles, havia divergências insuperáveis, as quais são mais explícitas do lado de Brandão, que nos deixou suas memórias, fazendo questão de expor tudo o que pensava de seu companheiro de batalhas. Para Brandão (1978, p. 228), Astrojildo foi a figura central em 1922. Era um jornalista pequeno-burguês, fluente e brilhante, destacou-se no movimento operário e no PCB. Descendente próximo de portugueses, tinha um tipo europeu. Segundo Brandão, Astrojildo perdeu todo o espírito crítico em face de Machado de Assis, descobrindo no mestre virtudes que ele não tinha; colocou Marx e o marxismo a serviço de Machado, da burguesia e de seus intelectuais. A burguesia rejubilou-se com a façanha, pagou os panegíricos de Astrojildo com elogios e amabilidades. Brandão afirma que Astrojildo não ia às portas de fábricas e oficinas como ele, nem aos bairros operários, misturar-se com os simples trabalhadores, não convivia com eles. E critica o vigor intelectual de Astrojildo, dizendo que ele era “*o jornalista dos acontecimentos do dia, da última hora. Não gostava de pesquisar e fazer estudos que exigissem longos esforços e muita paciência. Amava as generalizações superficiais. E dispersou-se a vida inteira em centenas de artiguetes sobre assuntos do momento.*” (BRANDÃO, 1978, p. 229) Brandão diz que Astrojildo se preocupava em recrutar anarquistas para o partido, enquanto ele priorizava as massas operárias e populares. Para Brandão, o silêncio de Astrojildo, sobre os fatos referentes à saída de ambos intelectuais do partido, contido em *Formação do PCB*, é inadmissível, pois oculta a veracidade dos acontecimentos. E, conclui que Astrojildo é um oportunista que nunca se curou do velho sectarismo crônico.

Essas colocações de Brandão são importantes, mas devem ser pontuadas. Em primeiro lugar, Brandão escreve suas memórias nos anos 70, com uma grande distância dos acontecimentos, portanto, sua apreciação sobre Astrojildo não é somente sobre a década de 20 e o período em que conviveram no interior do partido, mas sobre tudo o que aconteceu na vida deles, as escolhas diferentes que fizeram e a forma diversa como passaram a ser vistos pela sociedade brasileira. Notamos que Brandão até o fim de sua vida é amargurado, ressentido, pelo seu afastamento do partido no início dos anos 30 e atribui grande parcela de culpa a Astrojildo, o qual ao invés de defendê-lo, preferiu se calar. Nos próximos tópicos discutiremos detalhadamente os acontecimentos que resultaram na saída desses intelectuais do partido. A grande dificuldade em fazer um paralelo e tentar compreender o dissabor entre os intelectuais é a falta de informações de Astrojildo Pereira, o qual não nos deixou uma obra memorialística, como a de Brandão e em sua obra silenciou sobre o seu afastamento do partido e deixou poucos registros sobre sua relação com Brandão. Como Brandão escreveu

suas memórias nos anos 70, Astrojildo, que morreu em 1965, nem ao menos teve tempo de se defender das acusações feitas por Brandão, mas talvez mesmo se tivesse, não o faria.

Em 1918, Astrojildo escreve o seguinte comentário sobre o texto de Brandão *Um Evadido da Realidade*: “Octavio Brandão é seguramente um dos cérebros mais cultos e potentes do Brasil intelectual de agora”. (BRANDÃO, 1978, p. 23) E em um dos registros encontrados, Astrojildo descreve Brandão da seguinte maneira:

temperamento extremamente vibrátil, mentalidade apaixonada, com esta propensão irresistível para as causas gerais (...) Octavio Brandão, muito naturalmente, em rápidas etapas, acabou entregando-se, de corpo e alma, à causa do proletariado. Abandonou tudo, para ser apenas isto, que é mais do que tudo: um militante do movimento operário. (BRANDÃO, 1978, p. XII)

Nessa citação, Astrojildo fala de Brandão de maneira mais dócil, menos áspera, mas utiliza algumas palavras que fornecem certa dubiedade ao que ele diz, talvez alguma ironia, como por exemplo, ao dizer que Brandão tem uma “mentalidade apaixonada” e é propenso à “causas gerais”. Essa colocação de Astrojildo pode ser um elogio à atuação de Brandão, ou uma crítica sagaz ao seu modo de agir. Heitor Ferreira Lima, amigo pessoal e companheiro de partido, expõe algumas características de Astrojildo, do período de formação do PCB: “(...) sorriso franco e acolhedor, apresentava figura simpática, atraente logo à primeira vista. Calmo, sério, falando sem pressa, tinha prosa agradável e variada. Jovial e simples”. (PEREIRA, 1979, p. XXI) Basbaum, em suas memórias, descreve os dois intelectuais quando os conheceu, nos anos 20:

Lembro que Octavio era moreno, magro, de olhos fundos, tinha cara de conspirador anarquista clássico, tal como eu os imaginava, ao contrário de Astrojildo que tinha o rosto muito alvo, corado e com óculos de aro de metal, sempre risonho, tinha mais força comunicativa e ares de intelectual, sempre com livros e uma pastinha debaixo do braço e uma capa de chuva sobre os ombros. Tinha um grande senso de humor, gostava de dar risadas e tomar cerveja, coisa que raramente acontecia com Octavio, que só tomava leite. (BASBAUM, 1976, p. 37)

A partir das memórias de Brandão e das informações a respeito de Astrojildo, ficam mais nítidas as diferenças entre eles, que eram de personalidade, de comportamento, apesar de compartilharem a mesma ideologia, cada um tinha a sua própria individualidade. Assim, talvez Astrojildo também guardasse ressentimentos em relação a Brandão, mas preferisse não ser tão agressivo quanto ele. Brandão era o “clássico” comunista, radical, portava um marxismo dogmático, messiânico, um homem sério, de poucas palavras e intolerante com

opiniões distintas das dele, que acabou sozinho e amargurado. “*Sou boicotado e bloqueado por todos os lados – pela direita porque é profundamente reacionária e pela pretensa ‘esquerda’ por que é oportunista até a medula. Tudo terminou no desconforto atroz e ostracismo total*” (BRANDÃO, 1978, p. XXVIII) Astrojildo era o intelectual refinado, urbano, “um revolucionário que soube ser cordial num contexto de brutalidade” (FEIJÓ, 2001), polido e tolerante, não se amargurou com as dificuldades e derrotas sofridas. Contava com uma sólida rede de sociabilidade no terreno intelectual, obtendo ajuda e proteção de seus amigos, até o fim de sua vida. Além disso, há outra questão pertinente, referente à luta de ambos pelo reconhecimento intelectual. Astrojildo conquistou esse reconhecimento, principalmente, a partir dos anos 40, mesmo com seu envolvimento com o partido. Já Brandão obteve notoriedade por sua erudição no campo das Ciências Naturais, por volta de 1918, porém, ao se tornar um revolucionário comunista, seus estudos foram reduzidos e de intelectual reconhecido passou a homem perseguido. Isso explica parte do ressentimento de Brandão, que acusa Astrojildo de ter se deslocado para o lado da burguesia, em troca do almejado reconhecimento. Apesar do mal-estar entre eles, esses intelectuais convergem, principalmente, com sua união em torno do PCB na década de 20, na luta pela democratização da cultura no país. Brandão e Astrojildo são homens, que além do seu vínculo político-partidário, atuam contra o atraso e o obscurantismo reinantes na Primeira República, defendendo a expansão do conhecimento e da cultura à toda população.

As tarefas mais urgentes do PCB, em 1924, eram: o estabelecimento de cursos sobre o leninismo, pois havia uma preocupação com a teoria, considerada a base para a unidade da ação revolucionária; a criação de células comunistas em todos os locais de trabalho e em todos os sindicatos; a concentração das energias sobre os operários das principais indústrias, centralizando as atividades do partido sobre Rio de Janeiro e São Paulo, considerados os campos de batalhas decisivas; a formação da frente única de todos os trabalhadores. (BRANDÃO, 1978)

Em 1925, o partido passa a publicar um importante semanário popular que teve repercussão no período. Trata-se de *A Classe Operária* – “Jornal dos trabalhadores, feito por trabalhadores, para trabalhadores” (DULLES, 1977), o qual tinha Astrojildo Pereira como redator e Octavio Brandão como diretor. A criação do jornal foi uma recomendação da Internacional Comunista, que em julho de 1923, escreveu ao PCB dizendo que a revista *Movimento Comunista* deveria ser transformada em um jornal operário de massas e, assim, foi feito dois anos depois. (BRANDÃO, 1978) As principais temáticas abordadas pelo jornal eram: as condições de vida dos trabalhadores e suas reivindicações imediatas, o movimento

sindical, a situação internacional, a popularização da União Soviética, a formação da frente única operária e os planos do ingresso do partido na política através da formação de um Bloco Operário, materiais de conteúdo literário, episódios da história do Brasil. Numa época de estado de sítio e dura censura policial, foram diversos os obstáculos enfrentados pelo PCB no desenvolvimento de um jornal legal, de massas, vinculado a um partido ilegal. De acordo com Brandão (1978), o jornal começou com muita dificuldade, com a montagem da máquina clandestina de propaganda, com pacoteiros nas fábricas e oficinas. Os trabalhadores tomaram iniciativas e doaram pequenas quantias (como o valor correspondente a um dia de trabalho mensal) para sustentar o jornal e, aos poucos, com o aumento do número de assinantes e subscritores, o jornal foi penetrando em grandes fábricas de tecidos do Rio de Janeiro, assim como, entre gráficos, marceneiros, marítimos, ferroviários, motoristas, trabalhadores da Light, sindicatos, bairros operários. *A Classe Operária* foi um importante periódico, pois realizava um trabalho de educação e organização, agitação e propaganda comunista no país. Sua repercussão se deve ao grande número de impressões, pois chegou a dez mil exemplares por edição e, além disso, era lido em voz alta nas reuniões e corria de mão em mão nas fábricas. Mas alguns meses após o início da publicação, o governo, criticado pelo jornal e descontente com seu êxito, resolveu fechá-lo. O PCB tentou continuar com sua publicação, mas nenhuma tipografia aceitou publicá-lo ilegalmente e, assim, as dificuldades políticas e técnicas foram insuperáveis. Porém, em maio de 1928, o jornal reaparece, novamente com visibilidade.

Analisando a atividade do PCB na década de 20, fica evidente que suas formulações teóricas e políticas sofreram grande influência das formulações da Internacional Comunista (IC)¹². Em 1924, ocorre o V Congresso da IC, que promoveu uma mudança organizativa, a chamada “bolchevização”, com maior centralização na associação internacional comunista. Em seus primeiros anos de existência, o PCB pretendia construir uma política fundada numa visão de centralidade operária. Mas fortemente influenciado pelas teses da IC, que definiam a necessidade de incorporar os movimentos burgueses e pequeno-burgueses de caráter nacionalista, rompeu com a herança anarquista. O grupo dirigente, seguindo a política da “frente única”, buscou alianças consistentes e que tivessem um horizonte histórico, sendo que

¹² A Internacional Comunista foi fundada em 1919, agregando grupos e partidos que defendiam e difundiam a revolução socialista e a emancipação dos povos, serviu de elemento catalisador de novas lutas e mobilizações em toda parte, provocando um impacto político-cultural que marcou a história do século XX. Seus ecos fizeram-se sentir na América Latina, contribuindo com significativas mudanças no movimento operário e no marxismo “refundado”. Ver: DEL ROIO, Marcos. O impacto da Revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil. In: MORAES, João Q.; REIS, Daniel A. (org). **História do marxismo no Brasil** (o impacto das revoluções). v. 1. Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas, 2007.

a principal aliança possível era com a esquerda positivista, que se encontrava nas escolas militares, na intelectualidade, na imprensa, nas escolas, na sociedade civil.

E assim, em 1927, a política da “frente única” ganhou grande repercussão no partido, pois foi o ano da publicação de *A Nação*, onde na redação estavam Astrojildo, Brandão e Leônidas de Rezende, proprietário do jornal, professor positivista que havia aderido ao comunismo. *A Nação* foi importante, pois divulgou os preceitos da doutrina comunista, chegando a uma tiragem de quinze a trinta mil exemplares. E, além disso, em 5 de janeiro de 1927, focando na campanha para as eleições federais, publicou uma carta aberta da Comissão Central Executiva do PCB dirigida à Mauricio de Lacerda, Azevedo Lima, Partido Socialista e a diversos centros políticos proletários, propondo a formação de um Bloco Operário (DULLES, 1977). Desse modo, Astrojildo e Brandão criaram o Bloco Operário (BO), que contou com a adesão de Azevedo Lima e dos centros operários da Gávea e de Niterói e lançou candidatos às eleições. Nesse ano, o partido conquistou sua primeira vitória eleitoral com a eleição do médico Azevedo Lima, candidato pelo BO, porém, essa vitória foi restrita, pois o médico contava com eleitorado próprio no bairro de São Cristovão (BRANDÃO, 1978).

Mas como a orientação da IC era a formação do “governo operário-camponês”, a CCE do partido reorganizou o BO e transformou-o em BOC (Bloco Operário e Camponês), em 1928. Assim, o PCB, na ilegalidade, passa a atuar através do BOC, que era uma organização legal de massas. O BOC lançou pioneiramente no país a ideia de aliança política dos operários com os camponeses e vice-versa, abrindo uma nova perspectiva política no Brasil; realizou um trabalho de educação, agitação e propaganda partidária (militantes entravam nas fazendas de café de São Paulo, distribuindo jornais, folhetos e manifestos); penetrou em várias regiões do país, com cerca de sessenta Comitês; organizou Ligas Camponesas e marchas de camponeses das fazendas de café até as cidades vizinhas, onde havia a confraternização entre os camponeses e os operários dos sindicatos; criou no Rio de Janeiro, o Comitê das Mulheres Trabalhadoras, a primeira associação de massas femininas do país. (BRANDÃO, 1978) Mas a repressão policial sempre rondava o BOC, Brandão, por exemplo, foi preso quatro vezes em 1928, por suas atividades no Bloco. Em 1 de maio de 1928, reaparece *A Classe Operária*, como órgão legal e passa a auxiliar o trabalho do BOC, atingindo trinta mil exemplares em maio de 1929. Em outubro de 1928, o BOC apresentou dois candidatos para intendentess (vereadores) do Rio de Janeiro: Octavio Brandão e Minervino de Oliveira, ambos foram eleitos, constituindo uma das maiores vitórias do PCB na década, pois era o partido que dirigia o BOC e ainda por ser nessa eleição, provavelmente, que pela primeira vez os

trabalhadores brasileiros elegeram seus representantes políticos. Desse modo, se constituiu na prática a ideia de ampla frente única de forças políticas antioligárquicas.

os comunistas encontravam sérias dificuldades para se comporem como partido organizado em células que se alimentassem do contato com a classe operária e as massas populares e transmitissem energia para o grupo dirigente partidário em gestação. O PCB não conseguiu superar o caráter fluído de sua forma – partido, o que tornou difícil a distinção entre a organização política da frente única de massas e o partido propriamente dito, quando um deveria servir de filtro para o crescimento do outro (DEL ROIO, 2007, p. 34-35).

Ao ser eleito, Brandão fez diversas excursões pelo país, propagando o ideário comunista, porém, apesar da eleição, os dois intendentess do BOC/PCB viviam perseguidos, presos ou foragidos. Mesmo assim, fizeram um trabalho extraparlamentar, indo às fábricas e oficinas, aos bairros operários e subúrbios, auxiliando o movimento sindical e *A Classe Operária*, defendiam as greves, falavam em comícios, faziam longas caminhadas para visitar os lares dos trabalhadores. (BRANDÃO, 1978) No Conselho Municipal, defenderam as reivindicações imediatas dos trabalhadores; a acumulação das dívidas aos bancos estrangeiros, recusando crédito para pagá-las; defenderam o socialismo, a União Soviética; sustentaram as liberdades democráticas, exigiram que o analfabetismo fosse combatido no Distrito Federal. Mas, a partir de dezembro de 1929, os discursos dos dois intendentess comunistas não eram mais publicados e apesar dos protestos, essa situação foi mantida até 1930, quando o Conselho Municipal foi fechado pelo golpe de Getúlio Vargas. (BRANDÃO, 1978)

Em meados de 1927, surge a Lei Celerada, que reprimia organizações operárias, manifestações, publicações e, assim, o governo, amparado legalmente, passa a fechar agremiações, sindicatos, centros, contrários ao governo e à ordem pública. Com essa lei o PCB ficou em uma situação bem difícil. Por ser uma cobertura legal, os dirigentes comunistas levaram adiante sua ligação com as massas por meio do BOC. Além disso, os líderes do partido resolveram tentar uma aliança com a “Coluna Prestes”, amparados pela teoria da revolução democrático pequeno-burguesa, tentavam uma articulação com os tenentes. E, assim, em fins de 1927, Astrojildo foi à Bolívia se encontrar com Luiz Carlos Prestes, levando grande parte do material teórico marxista encontrado no Brasil, sendo esse o primeiro contato do líder da Coluna com a teoria comunista. Anos depois, Prestes viria a ocupar um lugar de destaque no interior do PCB.

Outra organização importante no período foi a Juventude Comunista (JC), criada no Recife (Pernambuco), de acordo com as recomendações de Astrojildo Pereira, por Leôncio

Basbaum, jovem pernambucano, estudante de medicina, que se tornou secretário-geral da JC em sua inauguração, em agosto de 1927. Ao voltar ao Rio de Janeiro, Basbaum é convidado por Astrojildo, a comparecer a uma reunião da CCE e relatar sua atividade no Recife, sendo que este convite era uma honra dentro do partido, concedida a poucos militantes, os quais se destacavam em suas atividades. (BASBAUM, 1976) A partir de então, Basbaum se torna membro da CCE, com direito de voz e voto, como representante da JC e responsável por ampliá-la a âmbito nacional. A ideia da JC era preparar os jovens para serem bons comunistas, através de propaganda marxista, unindo-os através de esportes, teatro, festinhas, piqueniques. Em meados de 1928, já havia Comitês Regionais da JC no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Pernambuco, no Rio Grande do Norte, no Espírito Santo. A JC conseguiu se filiar à KIM - Juventude da Internacional Comunista -, que ofereceu uma bolsa de estudos de três anos na Escola Leninista em Moscou, a um jovem operário brasileiro vinculado à JC. O escolhido foi Heitor Ferreira Lima, alfaiate de vinte e um anos na época, servindo como reconhecimento por sua inteligência, seriedade e militância. Basbaum, em 1929, completa vinte e um anos, deixa a JC e passa a integrar os quadros do partido.

Em 1928, a direção do partido passa a editar *Autocrítica*, órgão de discussão onde membros da organização apresentavam ideias sobre as debilidades do partido até então, tendo como referência as cisões ocorridas no mesmo ano, quando intelectuais e membros importantes acabaram se afastando do partido, por discordarem dos dirigentes quanto à linha política a ser seguida (DULLES, 1977).

O 3º Congresso do PCB ocorreu em fins de 1928 e início de 1929, onde as análises da situação política eram guiadas pelas teorias postuladas no 2º Congresso de 1925 (DULLES, 1977). A direção do partido reconheceu que não tinha um firme controle sobre a direção política do BOC e, assim, ficou estabelecido que o partido caminhasse rumo ao desenvolvimento de sua própria propaganda junto às massas. Foi percebida a debilidade na tarefa de arregimentação de novos adeptos e na continuidade deles no partido e a organização sindical foi caracterizada de primitiva e defeituosa, pois os militantes estavam limitados aos sindicatos, ignorando o partido. Astrojildo permaneceu em Moscou de fevereiro de 1929 a janeiro de 1930, onde fez um curso na Escola Leninista.

O VI Congresso da IC ocorreu em julho/agosto de 1928, com debates acerca do desenvolvimento capitalista, contradições interimperialistas, fascismo. Nesse Congresso, Astrojildo Pereira foi eleito um dos cinquenta e oito membros da Comissão Executiva da Internacional Comunista, ao lado de Stálin. (DEL ROIO, 2007) Portanto, acreditamos que esse momento, a sua eleição para a Comissão Executiva da IC, represente o auge da trajetória

de Astrojildo no PCB, nos anos 20. A orientação da IC para os comunistas latino-americanos era que participassem de governos conduzidos pela pequena burguesia, para combater o latifúndio e o imperialismo, focando na ideia do “governo operário-camponês”. A partir das resoluções do Congresso, os comunistas brasileiros entenderam que a natureza da revolução era democrático-burguesa e que esta deveria ser conduzida por uma aliança forjada em torno do proletariado, com o campesinato e a pequena burguesia. Ocorreu o deslocamento do inimigo principal que do regime político liberal-oligárquico passou a ser o imperialismo, entendido de maneira abstrata, gerando assim, um estreitamento da política de frente única. Porém, após o VI Congresso da IC, ocorreu uma mudança de orientação no Partido Comunista Russo, gerado pela ascensão do grupo de Stálin na direção do partido, entendendo que os comunistas deveriam preparar-se para guiar as massas proletárias na nova “crise revolucionária”, na qual era necessário acentuar a ruptura com a social-democracia. A partir de então, teve início um processo de reciclagem na direção política da IC e de cada uma de suas seções nacionais. A tendência foi excluir aqueles que percebiam na social-democracia de esquerda um aliado forte na luta contra a reação capitalista, os quais passaram a ser encarados como inimigos que dificultavam a radicalização da classe operária em direção à tomada de poder. Dessa forma, ocorre o esvaziamento de todo o conteúdo da fórmula política da “frente única”, reduzida a mero eufemismo. (DEL ROIO, 2007) No Brasil, esse processo resultou no afastamento do primeiro grupo dirigente do PCB.

Nos anos 20, a deficiente presença do PCB na vida política nacional correspondia a uma evidente fraqueza de sua presença nos debates da vida cultural brasileira. Mas apesar da precariedade ideológica, política e material, o PCB apresentou um crescimento. Em sua fundação, o partido contava com cerca de 73 adeptos, no final de 1922 já eram 250 membros (VINHAS, 1982). Em 1925, foram contabilizados 300 membros, sendo que a metade deles se concentrava no Rio de Janeiro e em Niterói. Esse número foi considerado pelo partido uma insignificância ridícula, pois o Distrito Federal, maior centro industrial de então, contava com número superior a trezentos mil operários (DULLES, 1977). Em 1928, o número de filiados ao partido aumentou para 700, dos quais 400 no Rio de Janeiro, 80 em São Paulo, 80 no Rio Grande do Sul, 60 em Pernambuco e o restante espalhado em pequenos grupos na Bahia, Vitória, Campos, Juiz de Fora e outras localidades (RODRIGUES, 1983). Outros 700 membros, que haviam se associado no período de 1922 a 1927, abandonaram o partido. E no final da década, o partido tinha cerca de 1000 militantes. Portanto, apesar das limitações, carências e dissidências, o partido cresceu e se desenvolveu.

Astrojildo se destacou em várias iniciativas de grande importância na primeira década de vida do PCB: a publicação do jornal *A Nação* (de janeiro a agosto de 1927); o empenho na formação do Bloco Operário; a publicação de uma revista intitulada *Autocrítica*, no segundo semestre de 1928, (...)o primeiro encontro e as primeiras conversas de um dirigente do PCB com Luiz Carlos Prestes, em dezembro de 1927. Astrojildo teve como secretário-geral do PCB, ao longo dos anos 20, uma acentuada preocupação com a democracia na vida interna do partido. Apesar da clandestinidade e de todas as imensas dificuldades ligadas à repressão policial e à extrema pobreza de recursos da agremiação, Astrojildo contribuiu decisivamente para a realização de três Congressos (1922, 1925, 1927) (KONDER, 1981, p. 58).

1.6 Fim de uma Era: Astrojildo e os intelectuais “saem” de cena

Além das dificuldades de aprofundamento analítico sobre a realidade nacional, consequência direta da debilidade da produção teórica em um país situado na periferia do capitalismo, o partido termina atrelado às formulações genéricas realizadas pelo *Komintern* - Internacional Comunista -, assim como às mudanças de rumo em sua política (MAZZEO, 1999, p. iii).

Um dos momentos mais importantes do percurso de Astrojildo Pereira foi o seu afastamento do partido no início de 1930. Em sua obra, encontra-se um silêncio sobre os motivos que resultaram em sua saída da agremiação, mesmo pretendendo deixar os registros de sua passagem pelo partido, prefere excluir esses acontecimentos. Com isso, a bibliografia trata o tema de diversas maneiras, expondo uma variedade de motivos que o teriam levado ao ostracismo nos anos 30. Encarando essa questão como fundamental para este trabalho, executaremos uma análise detalhada dos acontecimentos, que resulte em uma interpretação conclusiva acerca do final de sua trajetória na liderança do partido.

Com a ascensão de Stálin na direção do Partido Comunista Russo, se deu a consolidação da ditadura stalinista na União Soviética e uma guinada na orientação política da IC. Assim, inicia-se o “Terceiro Período”, que é a fase da “classe contra classe” e a social-democracia passa a ser designada como “social-fascismo”. (DEL ROIO, 2007) Isso resulta na mudança da linha política e de grupos dirigentes em praticamente todos os PCs, sendo afastados elementos identificados com a direita. Em 1929, o Secretariado Sul-Americano (SSA) da IC difundiu na América Latina a nova orientação, iniciando esse processo com o envio de uma “Carta aberta aos partidos comunistas da América Latina sobre os perigos de direita”. Entendia-se que para os partidos comunistas do continente garantir sua identidade e autonomia política, era necessário romper com os partidos socialistas reformistas e com os movimentos políticos pequeno-burgueses, dando mais atenção ao conteúdo agrário do movimento, a direção deveria

ser formada por quadros egressos da luta social e de origem proletária. Assim, em 1931, para a Internacional Comunista, o problema dos países coloniais e semicoloniais era a garantia de uma ação autônoma, pois neles os “desvio de direita” estavam na diluição do organismo proletário em formações de caráter pequeno-burguês e na composição social pequeno-burguesa de partido e da sua direção. A opção foi pela defesa da identidade comunista e pelo isolamento, contra a política de alianças dirigida contra as oligarquias locais. Sendo o combate a esses “desvios”, um processo violento de fortalecimento do poder de Stálin na União Soviética.

A “depuração dos quadros de direita” atingiu Astrojildo Pereira, que acabou destituído de seu cargo de secretário-geral, o “astrojildismo” passou a ser identificado como “desvio de direita” e Astrojildo, assim como, a maior parte dos intelectuais de sua geração, sofreu processo de marginalização (FEIJÓ, 2001). Esse processo se inicia quando Astrojildo foi eleito no VI Congresso para o Comitê Executivo da IC, onde trabalhou no Secretariado para a América Latina, durante o ano de 1929 e, por isso, permaneceu em Moscou. Com a presença de Astrojildo, a IC resolveu estudar a situação brasileira e a atuação dos comunistas dentro dela, efetuando uma série de reuniões, nas quais os pontos centrais foram: o caráter da revolução brasileira, a posição do PCB e seus possíveis aliados.

Devido à sua orientação, a concepção da revolução democrático pequeno-burguesa, o PCB recebeu críticas contundentes nas reuniões do Secretariado da IC.

O PCB foi acusado de orientar toda sua tática e estratégia à espera de uma “terceira revolta”, colocando-se, desse modo, à reboque da pequena burguesia, menosprezando as reivindicações específicas do proletariado, de abandonar a questão camponesa, esquecendo a reforma agrária e a aliança dos operários com os trabalhadores do campo, de esconder o partido atrás do Bloco Operário e Camponês, de não cuidar suficientemente da formação do PCB independente, à altura das necessidades nacionais, de não se ocupar com os problemas dos negros e dos índios, enfim, de adotar uma orientação pequeno-burguesa, contrária ao leninismo e às recomendações da IC (LIMA, 1981, p. 39).

Com isso, os brasileiros presentes nas reuniões do Secretariado, essencialmente Astrojildo, ficaram perplexos, quase aniquilados perante o desmoronamento de seus esforços de anos de trabalho. Mas essas acusações teriam sido exageradas ou os membros da IC tinham um conhecimento aprofundado da realidade brasileira que validasse tais críticas? (LIMA, 1981) Acreditamos que os membros da IC, não tivessem um grande conhecimento da sociedade brasileira e suas críticas podem ser até exageradas, mas o partido realizou um trabalho deficiente, principalmente, no que tange a questão de alcançar e arregimentar as

massas. Basbaum, um dos dirigentes partidários da geração de Astrojildo, coloca de forma clara a nova orientação a ser seguida: a “proletarização”, que era atribuir ao partido uma ideologia proletária, o que seria alcançado de duas formas, em primeiro lugar, atrair para o partido os trabalhadores e, posteriormente, levar-lhes a teoria revolucionária, ensinando-lhes os fundamentos do “marxismo-leninismo”. (BASBAUM, 1976)

De qualquer forma, o PCB teria que se adequar à nova situação, começando pela depuração do partido dos portadores de “desvios de direita”. Enfrentando dura repressão estatal e sofrendo direta intervenção externa, o partido mergulhou em profunda crise, pois alheio ao “golpe” de 1930 e aos acontecimentos do país, o PCB acabou imobilizado. (DEL ROIO, 2007) Em abril/maio de 1930, ocorre em Buenos Aires o Pleno Ampliado do Secretariado Sul-Americano da IC, um encontro entre dirigentes do SSA/IC e dirigentes do PCB, com o objetivo de desenvolver uma análise intensiva dos “desvio de direita” e criar condições para o avanço revolucionário. Nesse encontro se estabeleceu que não deveria permanecer nenhum sinal da aliança com o movimento político da pequena burguesia, pois este seria o equivalente ao “social-fascismo” no Brasil, a linha do 3º Congresso do PCB foi fortemente criticada e exigida, além da guinada na orientação política, uma reestruturação social e política interna no partido, ampliando sua base social e sua inserção no seio do proletariado industrial. (DEL ROIO, 2007) Em Buenos Aires, o principal alvo das críticas foi Octavio Brandão, considerado o maior expoente teórico do PCB, atacado por pregar a teoria da revolução democrático-pequeno-burguesa (DULLES, 1977). Para a IC, essa orientação apoiava-se num conceito menchevista, antileninista e antimarxista, pois negava a hegemonia do proletariado na revolução democrático-burguesa, como melhor preparação do proletariado para a conquista do poder. E seu livro, *Agrarismo e Industrialismo*, foi condenado como esquemático e falso. (BASBAUM, 1976) Assim, a IC entendeu as resoluções do 3º Congresso do PCB como “oportunistas”. Sobre esses acontecimentos Brandão diz:

Estava no meio do caminho de minha vida. Via vasta perspectiva. Marchava para o ponto culminante. Nessa hora, recebi um golpe terrível. Foi o “prêmio” por tantos combates, batalhas e vitórias. Em nome da absurda Revolução Soviética imediata para o Brasil da época, fui duramente combatido na Conferência dos Partidos Comunistas, em Buenos Aires, em 1930. Ouvi dezesseis discursos de ataques, inclusive pessoais. Procuraram fazer tábua rasa de minha vida, obra e luta.. (BRANDÃO, 1978, p. 379)

Brandão tentou resistir à linha “esquerdista” da revolução imediata, mas isolado e ameaçado de expulsão, teve que aceitar defender uma ideia em que não acreditava e fazer

autocríticas por erros, que ele considerava, imaginários, como por não ter lutado pela Revolução Soviética imediata. Nessa conferência, de acordo com Brandão (1978), Astrojildo escapou às responsabilidades e acabou rendido sem luta. Após essa nova orientação da IC, vários membros da direção nacional perderam o cargo, muitos militantes foram excluídos ou se afastaram do partido, o qual passou a encarar o proletariado como força motriz da revolução brasileira.

Embora não fosse bem visto pelo Secretariado Sul-Americano da IC, Astrojildo manteve-se em seu cargo, após as Conferências de Buenos Aires. (DULLES, 1977) Mas teria que executar as ordens ditadas ao PCB, sendo que uma das diretrizes determinava a demissão da maioria dos membros da Comissão Central Executiva do PCB. Desse modo, Astrojildo teve que desfazer a CCE, que havia dirigido o PCB desde 1922, assim como, pôs fim ao BOC. Brandão obedeceu ao partido e defendeu publicamente uma política em que não acreditava. Porém, as divergências entre ele e Astrojildo vieram à tona,

acusou Astrojildo de capitular ante a Internacional Comunista, infiltrada por trotskistas e, não obstante o muito que fizera pelo partido no passado, de enveredar naquela hora por uma política errada e defendida, inclusive, pelos trotskistas. Protestando contra o desmantelamento do BOC, disse a Astrojildo que o abandono do movimento de frente popular ia diretamente ao encontro dos planos de Getúlio Vargas. Astrojildo respondeu a Brandão, acusando-o de “oportunista”. Com o seu afastamento, e o de vários outros companheiros do Comitê Central, Brandão sentiu que Astrojildo, em cinco minutos, liquidara o órgão que orientou o partido durante oito longos e duros anos (DULLES, 1977, p. 354).

Brandão voltou de Buenos Aires amargurado, de um lado, era constantemente perseguido pela polícia, de outro, estava sendo hostilizado pelo PCB. (BRANDÃO, 1978) Ainda em 1930, em uma reunião em Niterói, foi demitido da CCE, do cargo que ocupou por sete anos. Mas Brandão continuou participando de reuniões e comícios do partido, entretanto, sua atividade era limitada e acabou diminuída, por ser muito visado pela polícia e preso com frequência. Entre 1930 e 1931, Brandão ficou 105 dias preso e ao ser solto reorganizou a publicação de *A Classe Operária*, o que lhe rendeu outra prisão e, em junho de 1931, acabou deportado pelo governo Vargas, para a Alemanha, junto à sua mulher Laura e suas três filhas. Brandão ficou mais de quinze anos fora do país.

De acordo com Basbaum (1976), quando ele, Brandão e outros intelectuais foram afastados da direção do partido, foram substituídos por “legítimos proletários”, como ferroviários, metalúrgicos. E, assim, o partido mergulhou no “obreirismo”, com a exaltação do proletário, a valorização de seu estilo de vida e comportamento, de forma radical e exagerada,

desprezando os intelectuais, que passaram a se sentir mal no partido e alguns tentaram se “proletarizar”. Ou seja, a tentativa de proletarizar o partido, mal compreendida desde o início, se transformou no “obreirismo”, que consistia em uma incompreensão da proletarização. (BASBAUM, 1976)

Em novembro de 1930, em uma reunião ampliada do Comitê Central, com duração de dois dias, Astrojildo Pereira foi destituído do cargo que ocupara desde o ano de fundação do partido, secretário-geral. (DULLES, 1977) Foi criticado por permitir que a organização atingisse um estado crítico e responsabilizado pela resistência à “proletarização” do partido, ambicionada pelo *Comintern*. Dessa forma, ocorreu a ascendência operária na direção partidária. Assim, o ex-secretário-geral é ordenado a escrever uma carta ao Comitê Central reconhecendo seus “erros” e é enviado à São Paulo, onde deveria militar no Comitê Regional em busca de “reabilitação”. Em 1931, Heitor Ferreira Lima é eleito o novo secretário-geral do PCB.

Com o endurecimento do regime em São Paulo, Astrojildo é preso e enviado para o Rio Grande do Sul. Pensando em se afastar do partido, na primeira oportunidade partiu do sul para a propriedade de sua família, em Rio Bonito/RJ e, assim, Astrojildo manteve-se alheio ao PCB, mas sem abandoná-lo completamente. (LIMA, 1981) “É possível que, inicialmente, Astrojildo tenha de fato feito um enorme esforço para se adaptar à militância na nova situação; a partir do começo de 1931, no entanto, a magoa prevaleceu: ele escreveu uma carta se desligando do partido que ajudara a fundar.” (KONDER, 1981, p. 61)

Basbaum, que também havia perdido seu cargo na Comissão Central Executiva do PCB, decidiu continuar no partido, até ser preso e exilado no Uruguai, onde recebeu a missão de voltar ao Brasil e tentar “salvar” Astrojildo, o qual havia escrito uma carta relatando o seu afastamento do partido: “sairia do palco para se colocar na plateia”. (BASBAUM, 1976, p. 110) Mas ao chegar em São Paulo, Basbaum descobre que o Comitê Regional havia sido preso, inclusive Astrojildo. Basbaum tentou reorganizar o partido em São Paulo, mas por volta de 1932/1933, sua situação no PCB ficou insustentável e, assim, Basbaum voltou para o nordeste, se afastando do partido, passando a se dedicar à medicina.

Em 1932, a “facção obreirista” do PCB estava no auge, condenando os intelectuais por terem traído o proletariado:

O próprio Astrojildo foi vítima do obreirismo. Recentemente (...) soube que Domingos Brás, que tinha horror aos intelectuais, dera uma solução final para o seu caso, expulsando-o do partido. A ‘desonra’ de Astrojildo ante a direção do PCB seria registrada em seu relatório ao VII Congresso Mundial

do *Comintern*, em que menciona a enérgica luta contra a pobre linha menchevista de seu antigo secretário-geral, o renegado Astrojildo Pereira (DULLES, 1977, p. 404).

Assim como Astrojildo, outros intelectuais, como Basbaum e Heitor F. Lima, também foram expulsos do PCB nessa época.

A desagregação do grupo dirigente original do PCB era já irreversível desde que Octávio Brandão fora preterido para a disputa das eleições de março e asperamente criticado no Pleno de Buenos Aires, o que só agravou o isolamento de Astrojildo Pereira. O principal fundador do PCB viu-se, em novembro, finalmente afastado da secretaria-geral do partido. Astrojildo Pereira retirou-se do partido em abril-maio do ano seguinte, e, pouco mais de um mês depois, Octávio Brandão partia para o exílio na União Soviética (...) O colapso do grupo dirigente original do PCB pode ser parcialmente identificado com a derrota de um projeto de inserção autônoma do movimento operário na desagregação da dominação oligárquica e no processo de revolução burguesa. O resultado mais imediato foi a disponibilidade de parcela significativa da classe operária diante do projeto de corporativização estatal, que começava a se delinear e começaria a ser implantado a partir de 1931 (DEL ROIO, 2007, p. 43-44).

De acordo com Dulles (1977), pela maneira como se deu a “saída” de Astrojildo do PCB, a impressão que se tem, inclusive muitos militantes comunistas teriam dito isso na época, é que ele negligenciou a sua parcela de culpa nos erros do partido, através de um grande silêncio, enquanto Brandão assumiu seus erros, publicou autocríticas. Assim, a atitude de Astrojildo foi considerada sórdida, pelos trotskistas e Brandão passou a considerá-lo um traidor.

No final da trajetória de Astrojildo Pereira no PCB na década de 20, evidencia-se a sua perda de prestígio e poder, a difícil relação entre o intelectual e as normas partidárias, a crise desencadeada no partido pela intervenção direta da IC, quando o Estado Soviético passa a ser, não apenas a mola propulsora da revolução, mas o único dirigente do movimento internacional. Com o seu afastamento, seguido por sua expulsão do partido, encerrava-se a carreira de Astrojildo como dirigente comunista e iniciava a sua carreira de sucesso no âmbito intelectual. Para Feijó (2001), a partir de então, Astrojildo procura por uma militância específica para o intelectual, que se limitaria às atividades relacionadas à crítica cultural e, no limite, à formulação de uma política cultural.

No ostracismo, desprezado pelo PCB, Astrojildo jamais tomou uma atitude repulsiva em relação ao partido e ficou esperando um momento adequado para retornar à organização, mas a nova direção partidária o atacava como inimigo (KONDER, 1981). Acreditamos que o

silêncio de Astrojildo, o qual limita e impulsiona nossa pesquisa, é decorrente de sua vontade de retornar às fileiras partidárias. Astrojildo discordava da “facção obreirista”, a qual dirigia o partido, sustentada pela IC e estando afastado da CCE, não tinha mais voz no interior do partido, por isso, preferiu se afastar e se calar, esperando um momento mais oportuno para voltar ao PCB. No entanto, décadas depois, Astrojildo escreve uma obra destinada a construir a história do partido, denominada *Formação do PCB*, e o seu silêncio permanece, não explicando a desagregação do primeiro grupo dirigente do partido.

Durante os anos em que esteve afastado da militância político-partidária, Astrojildo continuou se dedicando a escrever sobre questões ideológicas e políticas, além de seus escritos literários. (FEIJÓ, 2001) Assim, nos anos 30, Astrojildo encontra na especificidade das tarefas dos intelectuais uma saída para o impasse de um militante, que já não era aceito no partido que ajudara a criar. A revolução mundial entrava em crise e as certezas não podiam ser as mesmas. Esse período de 1932 a 1944, marca a fase mais produtiva intelectualmente de Astrojildo Pereira, período em que publica seus ensaios fundamentais. Graciliano Ramos escreve em 1945: “os anos de ‘vacas magras’ do militante foram exatamente os anos de ‘vacas gordas’ do intelectual.” (FEIJÓ, 2001, p. 97)

Em 1932, Astrojildo decide cuidar de sua vida pessoal e, assim, se casa com Inês Dias, filha de um grande companheiro de lutas, Everardo Dias e vão morar na propriedade de sua família, em Rio Bonito, passando a se dedicar a venda de bananas por atacado, negócio herdado de seu pai (DULLES, 1977). Nesse período, Astrojildo, além de se dedicar ao comércio, amplia o seu horizonte intelectual e entra em contato com vários intelectuais, como Graciliano Ramos, Octavio Tarquínio de Souza, Nelson Werneck Sodré, Otto Maria Carpeaux, Paulo Ronai (FEIJÓ, 2001), sendo que desde então, Astrojildo passa a “tecer” uma nova rede de sociabilidade, que se estenderá até o fim de sua vida, tendo como integrantes importantes intelectuais brasileiros.

Em 1940, Astrojildo publicava no *Diário de Notícias*, críticas literárias dominicais, que foram muito apreciadas pelo grande público. O 1º Congresso da Associação Brasileira de Escritores (ABDE) em 1944, uniu a intelectualidade, tanto as antigas vanguardas como os novos críticos. (FEIJÓ, 2001) Foi esse o momento em que Astrojildo conseguiu maior prestígio intelectual, sendo reconhecido como um dos maiores intelectuais do país, ao lado de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e nessa ocasião foi designado para redigir, com o auxílio de Caio Prado Júnior e Alberto Passos Guimarães, a Declaração de Princípios da organização. Mas, em algum tempo, essa união de intelectuais de várias escolas de pensamento, gerou divergências insuperáveis.

Em 1945, com a onda democrática que invade o país, o PCB foi legalizado e Astrojildo solicita seu reingresso na organização, mediante carta autocrítica de seus “erros” passados. Foi aceito e até candidatou-se à Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro, recebeu apoio de importantes intelectuais como Carpeaux e Graciliano Ramos, porém, desde os acontecimentos que resultaram em sua expulsão do partido, Astrojildo era visto com descrédito pelo PCB e, assim, não conseguiu se eleger. Acabou assumindo a tarefa de diretor de revistas no partido. (FEIJÓ, 2001)

Em 1946, Astrojildo dirige *Literatura*, revista que pretendia aproximar cultura e povo, aglutinando setores da intelectualidade. O PCB não dá muita importância à publicação, tratando-a como “coisa de Astrojildo Pereira”. Percebemos que Astrojildo, mesmo reintegrado às fileiras do partido, não era mais “levado a sério”, era encarado com desconfiança pelos dirigentes e militantes comunistas. Nesse período, Astrojildo dirige também outras revistas como: *Problemas do Socialismo*, *Estudos Sociais* e colabora com o jornal *Imprensa Popular* e com a revista *Novos Rumos* (SILVA, 2007).

Nos anos 50, Astrojildo participou da Comissão da Academia Brasileira de Letras, responsável por estabelecer o texto de Machado de Assis e por publicar suas obras completas. E, com a “desestalinização” em 1956, Astrojildo sofreu um duro impacto, pois se sentiu enganado, ludibriado e assumiu sua parte de responsabilidade pelo que havia de errado no funcionamento do PCB. (KONDER, 1981)

Nos anos 60, dirigia a revista cultural *Estudos Sociais* quando ocorreu o golpe militar. Após o golpe, apresentou-se voluntariamente ao comandante do IPMs (Inquéritos Policiais Militares) em que era indiciado, foi preso aos setenta e quatro anos, longamente interrogado. (KONDER, 1981) Fizeram-lhe perguntas sobre a fundação do partido, sobre os anos 20, o remoto período em que fora secretário-geral do PCB. Sua casa foi invadida pela polícia, que saqueou seus livros, quadros e documentos. Alguns amigos intelectuais se mobilizaram pela sua soltura e acabaram conseguindo em janeiro de 1965. Com a saúde bastante debilitada, em novembro do mesmo ano, Astrojildo faleceu de insuficiência cardíaca, seguido pela morte de sua mulher, meses depois.

Os documentos pessoais e históricos, que a polícia política não destruiu, os companheiros e amigos de Astrojildo salvaram, com destaque para Nelson Werneck Sodré e foram enviados para a Itália, onde permaneceram guardados por muitos anos em Milão, junto ao Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro. Atualmente esse acervo se encontra no CEDEM – Centro de Documentação e Memória da UNESP. Já seus livros foram vendidos por sua mulher, devido a problemas financeiros. Esses livros com edições raras e publicações

fundamentais acabaram dispersos por várias bibliotecas, algumas famosas e acessíveis, como a da USP – Instituto de Estudos Brasileiros. E outros, se encontram em acervos particulares. (FEIJÓ, 2001)

1.7 O legado cultural de Astrojildo Pereira

Astrojildo Pereira deixou como herança cultural um grande número de artigos, manifestos, ensaios, voltados para a análise da conjuntura social do país. Nesses textos, encontram-se as influências de Octavio Brandão, apesar de não haver afinidade pessoal entre eles. Os escritos de Astrojildo não foram produzidos de forma sistemática e exaustiva, sendo direcionados, ora para a classe operária, ora para os intelectuais. De acordo com Moraes em *A evolução da consciência política dos marxistas brasileiros*, a indigência intelectual das elites brasileiras contrastou com o trabalho de Astrojildo, que mesmo manejando o marxismo de forma rudimentar, conseguiu produzir interpretações sobre os destinos políticos do país, que aquela elite não foi capaz de fazer (SILVA, 2007). Além de seus escritos político-ideológicos, em sua obra encontram-se também escritos voltados para a literatura, se destacando a crítica literária, onde sua preocupação se volta para a cultura e seu interesse se concentra na obra de Machado de Assis. Seus escritos literários se desenvolveram e ganharam notoriedade após os anos 30, com o seu afastamento do partido, quando o seu posicionamento como intelectual se consolida, adquirindo reconhecimento a nível nacional.

De acordo com Feijó (2001), a formação intelectual, moral e estética de Astrojildo e sua obra é resultado da combinação de dois fatores: as cidades e os livros. Pois nos livros ele teria encontrado, principalmente, a sua educação estética e no espaço urbano teria ocorrido a sua formação intelectual e moral impregnada pelo fator político. Desse modo, esses dois elementos não podem se dissociar, essencialmente para um escritor que sempre sublinhava a necessidade da unidade entre o pensamento e a ação. Nos livros, lidos desde a adolescência, Astrojildo encontrou em Machado de Assis o grande ídolo, o introdutor não apenas da modernidade literária, mas de uma visão crítica da transição de um universo patriarcal dos resquícios monárquicos para uma utopia democrática e republicana. A cidade do Rio de Janeiro possibilita ao jovem Astrojildo o encontro com a modernidade e a tradição, o nacional e o internacional, o fascínio e o desencanto, a elegância e a brutalidade, a utopia republicana e a luta de classes, a vida literária e as festas populares, tudo em contraditória tensão, que esteve presente na origem do revolucionário e em sua vida.

Uma reflexão importante referente à obra de Astrojildo é a sua dependência com o público, onde ocorre o livre pensamento, sendo que tipos dominantes como o intelectual revolucionário, podem mudar a opinião pública. (HÜBINGER, 2011) Na década de 20, Astrojildo tem uma produção bastante variada, no formato de artigos, ensaios, publicados majoritariamente em periódicos do partido como: *Movimento Comunista*, *A Classe Operária*, *A Nação*, *Autocrítica*. Esses textos têm finalidades muito específicas, como: difundir a doutrina comunista; expor os traços positivos da sociedade russa soviética; defender o comunismo dos ataques anarquistas, criticando o anarquismo; conscientizar os trabalhadores sobre a importância de se organizarem em torno do PCB, que seria a “vanguarda” do movimento operário. Portanto, se a produção de Astrojildo gira em torno do partido e da doutrina comunista e é publicada em órgãos do partido, acreditamos que ele tem como alvo um público pré-determinado, seu foco são os trabalhadores, mas isso não significa que apenas a classe laboral teve acesso a esse material. Provavelmente, intelectuais que posteriormente se filiaram ao partido e a pequena burguesia, classe com a qual o partido visava se unir neste período, acabaram tomando conhecimento de alguns escritos. Assim, os escritos variados de Astrojildo, tiveram, igualmente, uma recepção variada, mesmo nos meios operários. Notamos que, nesse contexto, a dependência do autor com o público é muito grande e fundamental, pois Astrojildo necessita da aprovação e adesão dos leitores, afinal trata-se de um intelectual que atua no sentido de modificar a sociedade em que vive. Mas seus escritos, nesse período, não foram aceitos da forma como ele gostaria e Astrojildo acabou sendo alvo de diversas críticas nos meios operários, por sua origem anarquista e pequeno-burguesa (LIMA, 1979).

A relação de Astrojildo Pereira com o seu público-alvo (a classe operária), na década de 20, inclusive com os militantes do partido, foi conturbada, pois apesar de ser um líder respeitado e bastante conhecido, pela sua militância no movimento operário, era também uma figura complexa, havia de certa forma uma dualidade em Astrojildo, pois lutava ao lado dos operários, mas pertencia à classe média; defendia o comunismo, mas contava com um passado anarquista; liderava o partido comunista, mas como intelectual se dedicava à obra de Machado de Assis, um escritor identificado com a pequena burguesia.

Porém, o intelectual que buscava reconhecimento, jamais cessou sua atividade no âmbito do pensamento e da escrita. E, a partir da década de 30, fora do partido, parte em busca de novos meios para publicar e da ampliação de seu público, mas tendo como essência a sua orientação ideológica. O seu primeiro livro foi publicado em 1935, com o título *URSS. Itália. Brasil*, tendo como objetivo realizar um balanço do que considerava essencial no período que envolve o fim dos anos 20 e início da década de 30. Esse livro se divide em três partes: a

primeira trata da experiência vivida por Astrojildo na União Soviética em 1929, são abordados o V Congresso dos *soviets*, o plano quinquenal, a luta de classes na URSS, a política exterior, os principais aspectos das transformações que se operavam na URSS em contraponto com o que era divulgado nas agências internacionais. Ou seja, trata-se de uma espécie de complemento do folheto publicado em 1918, intitulado *A Revolução Russa e a imprensa*. Fiel à Internacional Comunista e ao fortalecimento do poder de Stálin, os textos de Astrojildo confirmam sua crença inabalável: o processo histórico é irreversível e a vanguarda do proletariado deve conduzi-lo. Os textos não obedecem a uma ordem cronológica e sim a um princípio lógico, o que segundo Astrojildo seria uma metodologia marxista.

A segunda parte do livro é composta por críticas ao fascismo italiano, tomando por base um livro publicado em 1930, *Finances italiennes*, de George Valois, um fascista francês que se decepcionou com o regime ao visitar Roma. Por meio da resenha desse livro, Astrojildo questiona a trajetória de Mussolini e a propaganda feita no exterior, a qual exaltava o Estado Fascista como futurista. Para um comunista como ele, esse estado era ultrapassado, militar, regressivo, pois via o fascismo como um legado de bárbaros, sistema arcaico, afirmando que a Itália só se recuperaria se o derrubasse e instaurasse um novo sistema, onde o Estado seria o aparelho administrativo da produção e dos produtores livremente associados, ou seja, um estado nos moldes do comunismo.

Astrojildo compara a União Soviética e a Itália, econômica e politicamente, não esconde sua preferência pelo comunismo e acredita que havia apenas dois caminhos para o Brasil: a revolução comunista ou a instalação de uma ditadura fascista. E, Astrojildo, como um intelectual que via além de seu tempo, de certa forma, estava certo, pois em 1937, Getúlio Vargas instala uma ditadura no Brasil – “Estado Novo” – que contava com características fascistas. Para Astrojildo, a realidade brasileira deveria ser vista como parte da realidade internacional e não encarada isoladamente. E, assim, defendia algo que já não era prioritário para a IC, a revolução mundial e demonstrava uma leitura própria da situação brasileira, a qual não correspondia mais às teses que o PCB adotava como programa político. Contudo, o mérito desse texto está na perspicácia da observação dos acontecimentos políticos e na relação entre o texto comentado e o contexto vivido. (FEIJÓ, 2001)

Seu segundo livro é *Interpretações*, publicado em 1944. Nele Astrojildo apresenta uma coletânea de estudos e ensaios sobre romancistas brasileiros, história e política social, guerra e pós-guerra, incluindo o artigo *Sociologia ou Apologética?*, consagrado como um dos melhores e mais profundos estudos de *Populações Meridionais do Brasil* de Oliveira Vianna, onde contesta a afirmação de não ter existido luta de classes na história do Brasil. Esse livro

pode ser considerado uma espécie de resumo da obra de Astrojildo, pois abrange desde a reflexão política à crítica literária, da crônica subversiva à origem de uma política cultural (FEIJÓ, 2001). Divide-se em três partes: a primeira é “Romances Brasileiros”, abordando livros e autores como Machado de Assis, Manuel Antônio Almeida, Joaquim Manuel de Macedo, Lima Barreto, Graciliano Ramos; a segunda parte é “História Política e Social”, abordando autores como Oliveira Vianna, Rui Barbosa e Padre Feijó; e por fim, “Guerra e após-guerra”, com dois ensaios sobre o contexto do período. É inovador ao estabelecer uma original relação entre literatura e cidade, analisando as obras de escritores que tiveram papel decisivo no Rio de Janeiro, na passagem do século XIX para o século XX. Trata-se do primeiro livro comercial de Astrojildo, que teve favorável repercussão desde o seu lançamento e adquiriu uma importância crescente no decorrer dos anos. (FEIJÓ, 2001) A partir dessa obra, Astrojildo começa a delinear uma possibilidade específica para o intelectual revolucionário, que não pretende instrumentalizar sua obra, nem se limitar às normas partidárias. Assim, esse intelectual criaria uma nova fronteira, buscando a história na literatura e, vice-versa, buscando a cultura na política e a política na cultura.

Na vida adulta, Astrojildo teve dois interesses predominantes até o fim de seus dias: o comunismo e a obra de Machado de Assis. O envolvimento de Astrojildo com a obra de Machado se dá

por um lado, o romance como narrativa da revolução e da transformação social: a relação entre a obra de Machado de Assis e a história; por outro, uma tentativa de atualizar uma preocupação já presente em Machado de Assis, e que é pertinente a uma atuação específica do intelectual na sociedade, como produtor e agente cultural (FEIJÓ, 2001, p. 140).

Um dos escritos mais importantes de Astrojildo sobre seu “ídolo”, que o notabilizou como ensaísta é *Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado*, de 1939, publicado em *Interpretações*, de 1944 e em *Machado de Assis*, de 1959. Esse ensaio demonstra a relação entre a ficção machadiana e a história brasileira e de acordo com Feijó (2001), o texto de Astrojildo se situaria na fronteira entre o *métier* do historiador e do crítico literário, sendo ele jornalista, formado na crônica subversiva e no publicismo revolucionário. O texto de Astrojildo é reconhecido por sua excelência, por figuras como Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido.

Em 1959, Astrojildo aponta para outra faceta de Machado, a sua preocupação com as atividades literárias, para que não fossem vistas apenas como divertimento, pois os escritores, para Machado, deveriam adquirir consciência de seu papel social, para tanto ele pedia uma

crítica elevada, ampla, doutrinária. O projeto político-cultural de Machado de Assis, defendia a garantia de uma unidade literária no meio da federação política, que se relacionava com a língua portuguesa falada e escrita no Brasil. A instituição que daria suporte a esse projeto foi fundada em 1897 e denominada de Academia Brasileira de Letras, sendo Machado de Assis o primeiro presidente. Portanto, para Astrojildo, Machado de Assis é um escritor moderno e urbano, um clássico de caráter nacional e universal ao mesmo tempo, singular de um período, o Segundo Reinado e simbólico de uma época, a Modernidade.

Com o livro *Formação do PCB*, publicado em 1962, Astrojildo pretende contribuir com uma possível construção histórica do partido. Predominando sua faceta militante-revolucionário, acreditava que o partido era a representação política da classe operária e como tal seria uma necessidade histórica e inelutável colocada perante os homens em determinada fase de desenvolvimento da sociedade e, por isso, a importância de estudá-lo. (PEREIRA, 1979) Esse livro trata do nascimento e desenvolvimento do Partido Comunista Brasileiro, sob a ótica de seu destacado fundador e secretário-geral da década de 20. A obra é composta por escritos de Astrojildo dos anos 40, 50 e 60, onde analisa, com certa distância temporal, sua liderança na agremiação, o que o possibilitou produzir diversas autocríticas. É um livro importante na compreensão da trajetória de Astrojildo Pereira no partido nos anos 20 e, assim, será analisado detalhadamente no terceiro capítulo deste trabalho.

O último livro publicado por Astrojildo é *Crítica Impura (autores e problemas)*, de 1963, o qual contém boa parte de sua colaboração na grande imprensa. O autor define seu livro de um modo que pode ser utilizado para definir sua obra em geral:

não é talvez um livro, no sentido orgânico e unitário da palavra (...) só o fio ideológico pode conferir-lhe uma certa unidade interna. Mas eu confesso, como simples leitor, que muito me agradam os livros ou volumes de feição assim variada, em que recolhem escritos de circunstância com a marca do tempo em que foram elaborados. Gosto possivelmente viciado por uma formação desordenada de autodidata (PEREIRA, 1963, p. 13-14).

A “crítica impura” de Astrojildo é inspirada em uma filosofia também “impura”, constituindo-se no oposto da “crítica pura” ou “crítica pela crítica”, que pretende colocar-se à margem das lutas ideológicas e políticas. Ou seja, o autor deixa claro que sua crítica tem uma orientação político-ideológica bem definida. Assim como os outros livros de Astrojildo, esse é composto por vários ensaios, artigos, notas de leituras, a maioria já publicada anteriormente em jornais e revistas.

Nesse livro, Astrojildo analisa alguns autores já conhecidos, como Eça de Queiróz, Lima Barreto, Monteiro Lobato, José Veríssimo, José Lins do Rêgo e também autores menos conhecidos como o padre Carapuceiro – Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama. Nas análises críticas, o intelectual comunista considera brevemente a biografia dos autores, ressaltando características relevantes para a compreensão de suas obras e traços políticos. Notamos que a obra de Astrojildo, por mais que se dedique à crítica literária, não perde seu teor político, tanto que *Crítica Impura* é um livro de crítica literária guiada por uma orientação política “impura”, de esquerda, revolucionária. Além disso, uma parte do livro é dedicada à “Nova China”, ou seja, à nova república socialista da Ásia, a partir de depoimentos de viajantes brasileiros, em obras que surgiam no país sobre a China Comunista. Astrojildo, favorável à “Nova China”, defende os avanços econômicos, políticos e culturais chineses e acredita que esses são fruto de um povo livre, consciente de si mesmo, com uma orientação acertada. Algo marcante nesses textos, escritos nas décadas de 50/60, é o aprofundamento teórico marxista apresentado por Astrojildo, em comparação com os escritos dos anos 20. Citando obras importantes de Karl Marx, como *Manifesto Comunista* e *O Capital*, faz algumas reflexões a respeito da teoria e define o marxismo como:

uma ciência social rigorosamente objetiva, em concordância dialética e histórica com o mundo e a sociedade humana em perpétuo desenvolvimento. Ele nos fornece o instrumento incomparável de pesquisa dos fatos sociais, de avaliação dos fatos materiais e espirituais que entram na composição dos acontecimentos (PEREIRA, 1963, p. 250).

Portanto, a trajetória de Astrojildo Pereira, apresenta o intelectual dividido entre a ação e a reflexão, predominando a ação até o final da década de 20 e a reflexão a partir dos anos 30. Porém, mesmo nos anos 20 em que o foco era a ação, o intelectual marcou presença com inúmeros textos publicados em periódicos do partido. E nos anos 30, privilegiando a reflexão, o militante continuou presente aguardando o momento certo para voltar ao PCB, escrevendo textos orientados pela doutrina comunista. Mas após ter sido afastado do partido, Astrojildo passou a buscar uma militância intelectual, escrevendo especificamente sobre e para os intelectuais, o que jamais anulou a sua ideologia revolucionária comunista. Contudo, a obra de Astrojildo Pereira, de feição variada, fruto de suas inúmeras publicações na imprensa operária e na “grande” imprensa, constitui uma fonte rica e original sobre a República brasileira e sobre homens que, guiados por uma ideologia pioneira, um dia pretenderam modificá-la.

1.8 O “revolucionário cordial”: a dualidade e a inovação de Astrojildo Pereira

Considerando a figura complexa e inquieta de Astrojildo Pereira, algo importante a ser questionado é a sua recepção, ou seja, como os autores que estudam o período e, principalmente, o partido, o enquadram nesse meio. Analisando algumas obras percebemos que, por um lado, é um militante “silenciado”, pouco estudado academicamente, sendo apenas citado em algumas obras e, por outro, é uma pessoa notória, reverenciado como o principal fundador do partido e líder injustiçado. Contudo, Astrojildo Pereira deve ser desmistificado e compreendido em suas devidas proporções, afinal quem é ele, trata-se de uma figura notória e reconhecida com Instituto e Fundação¹³ ou de um homem sem grande expressão? Ambos os extremos são problemáticos e simplistas.

A partir da colocação de Feijó (2001): “a trajetória de Astrojildo não foi tão linear como ele gostaria, nem tão contraditória como seus desafetos apontam”, acreditamos que as abordagens construídas sobre ele são guiadas por uma orientação político-ideológica, de simpatia ou antipatia partidária por Astrojildo, pois entendemos que essa questão está intrinsecamente relacionada com certo mal-estar que esse intelectual causa no interior do PCB. A primeira hipótese lógica seria que esse incômodo causado por Astrojildo, ocorre devido à sua origem pequeno-burguesa e anarquista. Mas essa hipótese simplista, esboçada por alguns autores, é rejeitada quando se percebe que a maioria dos fundadores do partido, oito dos nove, provinha da militância anarquista e que os intelectuais pertencentes ao primeiro grupo dirigente do partido, eram provenientes da pequena burguesia ou de famílias proprietárias de terras e nem por isso, são interpretados como Astrojildo. Então, por que Astrojildo gera esse problema no interior do partido, mesmo nos anos 20, antes de ser expulso? Afinal após a sua expulsão é compreensível que ele gere certa desconfiança, pois

¹³ O Instituto Astrojildo Pereira foi fundado em 1985, em São Paulo, por intelectuais, membros do Partido Comunista Brasileiro com os objetivos de debater e difundir a cultura marxista. Desde 1986, publica a revista *Novos Rumos*. Em 1992, reorganizou suas atividades, ampliando-as para estudos e reflexões sobre as diversas linhas teórico-políticas do movimento socialista e marxista. Organiza seminários e debates e se dedica também à preservação da memória das lutas operárias e comunistas no Brasil. Disponível em: <<http://www.institutoastrojildopereira.org.br/>>. Acesso em: 05/10/2012.

A Fundação que tem como patrono Astrojildo Pereira foi instituída pelo Partido Popular Socialista, herdeiro do PCB e destina-se ao estudo e à reflexão crítica da realidade, na construção de referências teóricas e culturais que incidam sobre as lutas democráticas da sociedade brasileira, aberta à todos os cidadãos, independente de concepções políticas e filosóficas. Disponível em: <<http://www.fundacaoastrojildo.com.br/>>. Acesso em: 05/10/2012.

trata-se do principal líder, responsabilizado por erros graves e expulso do partido, assim, Astrojildo carregou esse fardo até o fim de sua vida.

Percebemos, entretanto, que o mal-estar gerado por Astrojildo Pereira no interior do Partido Comunista Brasileiro, não está relacionado com questões políticas e nem com sua expulsão e sim com sua militância intelectual. Notamos que na década de 1920, Astrojildo não conseguiu aproximar o partido e nem se aproximar das classes trabalhadoras, as quais visava representar, ou seja, não alcançou os trabalhadores, ficando restrito, predominantemente, à alta cúpula do partido e ao meio intelectual. E ainda, diferente dos intelectuais que compõe a sua geração, Astrojildo não se limita ao partido e às questões políticas, pois obteve destaque intelectualmente fora do partido, inclusive no âmbito literário. Octavio Brandão, por exemplo, importante teórico do PCB, tem seus escritos na área da cultura questionados qualitativamente. Astrojildo tem relações com grandes intelectuais brasileiros, como Graciliano Ramos e Mário de Andrade, constituindo uma estrutura de sociabilidade de intelectuais, sendo que a sua qualidade intelectual, expressada no refinamento crítico, é reconhecida pela sociedade, inclusive por adversários políticos e, assim, nas décadas de 40 e 50, esteve envolvido em grandes movimentos de escritores brasileiros, com publicações em jornais da “grande imprensa”. Portanto, esse mal-estar é causado por ele não conseguir se aproximar das massas e após o seu afastamento do partido, essa tendência se acentua e Astrojildo parte para uma militância intelectual, apesar de não abandonar sua orientação político-ideológica, acaba confinado nos ambientes intelectuais, cada vez mais distante da classe a qual dedicou toda sua luta política, fato que constitui a maior dualidade de sua trajetória.

Além disso, Astrojildo Pereira como uma figura múltipla, diversificada, comporta uma interpretação igualmente diversa, de acordo com sua variedade de atuação. Por exemplo, os anarquistas o veem como o líder, o militante traidor, que além de ter migrado para o comunismo, levou com ele diversos importantes militantes e, ainda, construiu um partido que desestruturou o movimento anarquista no país, o qual já estava abalado no início dos anos 20. Oiticica “compreendia a ação subterrânea de Astrojildo. Ele havia, sem dizer nada, minado os sindicatos, propagado o vírus da ditadura do proletariado e da férrea disciplina” (MONIZ; MELO; ANDRADE, 1967, p. 281). Já os comunistas, tendem a vê-lo como o fundador do partido, o homem que dentro de suas possibilidades criou e desenvolveu um partido, que se tornou a grande referência do movimento oposicionista no país, sendo merecedor de Instituto e Fundação. “O trabalho de artífice coube a Astrojildo Pereira. Ele, com paciência e devotamento, procurou congrega, no Rio de Janeiro, aqueles companheiros que aceitaram o

desdobramento da Revolução Russa, com a ditadura do proletariado.” (MONIZ; MELO; ANDRADE, 1967, p. 289) E, há ainda, a visão dos intelectuais, que o consideram um homem brilhante, com uma escrita sofisticada e crítica refinada. Apontam méritos nos textos de Astrojildo, intelectuais, como: Mário de Andrade, Nelson Werneck Sodré, Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido. (FEIJÓ, 2001)

Outro ponto importante, ressaltado por Feijó (2001), é a dicotomia presente na figura de Astrojildo Pereira. Pensá-lo como “revolucionário cordial” é considerá-lo atípico, o revolucionário comunista, contrário a sua sociedade, defensor de uma disciplina rígida e de uma organização altamente hierarquizada, mas, ao mesmo tempo, um homem amável, gentil, amistoso, moderado. A partir dessa dualidade, alguns autores o caracterizam como um homem contraditório, porém, acreditamos que essa definição não é correta, pois sua ideologia sempre orientou sua ação e apesar das modificações e inovações, defendeu os mesmos princípios políticos e sociais, mas de maneiras diferentes. Desse modo, consideramos que a característica marcante de Astrojildo é a transição, um intelectual de mente aberta às novas ideias e perspectivas, sempre disposto a mudar e a se reinventar. Assim, a sua transição do anarquismo para o comunismo e no interior do partido, sua mudança de dirigente para militante intelectual, é claramente compreensível e condizente com sua essência. Mesmo alcançando o reconhecimento intelectual da sociedade brasileira, Astrojildo jamais abandonou sua orientação político-ideológica, presente, inclusive, em seus escritos literários. Além disso, a cordialidade de Astrojildo, ressaltada por companheiros de partido, como Basbaum e Heitor F. Lima, pode ser também notada em sua rede de sociabilidade, sendo amigo de grandes intelectuais brasileiros. Por outro lado, sua cordialidade significa também proteção, pois Astrojildo, desde sua militância anarquista, era um homem constantemente perseguido pela polícia e através de seus contatos pessoais, obtinha abrigo e defesa sempre que necessitava. Como, por exemplo, nos anos 60, ao ser preso pela ditadura militar, conseguiu ser solto através da mobilização de seus amigos intelectuais.

A principal ideia que esse intelectual defendeu durante sua vida, que orientou sua ação política e cultural, foi a transformação social aliada à democratização da cultura. Astrojildo militou sua vida toda pela transformação social do nosso país. Inicialmente no anarquismo, transitou para comunismo, se apoiando nos preceitos da Revolução Russa, organizou a fundação do partido comunista, foi o principal líder da agremiação nos anos 20 e a partir dos anos 40 transformou sua militância política em militância intelectual, dirigindo as principais publicações do partido. Assim como Octavio Brandão, Astrojildo sempre se preocupou com a falta de acesso à cultura da maioria do povo brasileiro, fez o possível para levar conhecimento

e difundir a doutrina que defendia à população humilde e com precária condição financeira. Esse é um dos motivos que levam Astrojildo a se interessar por Machado de Assis, a tentativa de atualizar uma preocupação de Machado, pertinente a uma atuação específica do intelectual na sociedade, como produtor e agente cultural. (FEIJÓ, 2001) Dessa forma, compreendemos que Astrojildo buscava nas funções de intelectual, uma saída para o que ele considerava o maior problema da sociedade brasileira, a concentração do conhecimento e da cultura na classe dominante em detrimento da grande maioria da população. Ou seja, sua atuação intelectual e política convergiam na tentativa de democratizar o acesso à cultura, proporcionando condições para a transformação social.

Astrojildo merece ser lembrado não como herói, que nunca teve pretensão. Muito menos como santo, vocação que abandonou ainda adolescente. E nem mesmo como comunista apenas, embora tenha sido esta sua opção pessoal e intransferível, definitiva. Astrojildo Pereira merece ser lembrado (...) como cidadão. Não o cidadão que gozou os plenos direitos, mas o que lutou por eles. Cidadão do mundo de seu tempo (FEIJÓ, 1985, p. 12).

Capítulo 2. *Construindo o PCB e a luta por uma nova cultura política*

O presente capítulo tem a função de analisar o percurso inicial do Partido Comunista Brasileiro, tendo como foco a luta de Astrojildo Pereira e de seus companheiros do partido, pela inserção de uma nova cultura política no país, ao se colocarem contra a cultura dominante de seu tempo, através de um novo caminho de pensamento e ação. Norteador dessa análise, encontra-se o livro *Construindo o PCB*¹⁴, o qual contém escritos de Astrojildo Pereira datados de 1922 a 1924, que relatam os anos iniciais do partido e, assim, será analisado como fonte primária, apesar de se tratar de uma seleção e organização de artigos, ensaios, textos de Astrojildo, desenvolvidas pelo competente historiador Michel Zaidan, em fins dos anos 70 e publicado em 1980, atendendo a critérios próprios e a interesses inerentes ao período no qual a obra foi publicada.

O contexto da época de publicação do livro é o início do processo de “abertura” do regime político militar (1964-1985), onde se localiza a discussão acerca da legalização do PCB, tendo Zaidan a pretensão de mostrar, com a escolha desses escritos de Astrojildo Pereira, que o partido sempre foi muito nacional, pois afirma que o PCB reflete as particularidades da sociedade brasileira. Outra intenção de Zaidan com o livro é destacar a permanente busca de unidade entre as forças de esquerda da sociedade brasileira, principalmente a unidade sindical e política, que sempre foi defendida e buscada pelos comunistas no país.

Os textos selecionados por Zaidan abordam diversas temáticas que permearam o desenvolvimento inicial do partido, como: “as relações do partido com a Internacional Comunista, a questão do Estado Republicano, a questão sindical, a luta contra o imperialismo, a discussão com o anarcossindicalismo e sindicalismo-cooperativista” (ZAIDAN, 1980, p. 15). Desse modo, realizaremos a leitura desses textos através da perspectiva de luta político-cultural, considerando que o grande objetivo de Astrojildo Pereira, no período, era se posicionar contra a cultura política dominante, apesar de estar inserido nela, propondo um caminho diverso do estabelecido, com a pretensão de alcançar as camadas baixas e difundir sua nova concepção político-cultural.

¹⁴ PEREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB (1922-1924)*. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.

2.1 Um debate: o caráter nacional e/ou internacional da formação do PCB

A primeira questão esboçada por Zaidan, amplamente discutida pelos autores que estudam a história do PCB, consiste na polêmica referente ao caráter nacional e/ou internacional do partido. Considerando os passos iniciais do PCB, Zaidan argumenta que nesse período, a aproximação do partido com o *Comintern* era mais um ato unilateral do PCB, do que uma consequência dos esforços da Internacional em dirigir e controlar as seções nacionais dos partidos sul-americanos, pois o partido teria nascido à margem da IC, sendo aceito como membro efetivo apenas dois anos após sua fundação (ZAIDAN, 1980). Expõe também, que o *Bureau* Latino-americano da IC só foi criado em julho de 1924, sendo que até então, os problemas das seções comunistas sul-americanas eram resolvidos pelo Partido Comunista da Argentina (PCA), inclusive os estatutos do PCB foram baseados nos do PCA e através do secretário-geral do partido argentino, o PCB conseguiu obter o reconhecimento oficial do organismo comunista internacional. Portanto, Zaidan afirma que o PCB sempre foi muito nacional, ocorrendo uma relativa autonomia do partido e de sua elaboração teórico-política em relação à IC nos anos 20, pois, de acordo com o autor, as estratégias e táticas do partido refletiam as características da formação social brasileira, sendo que a sujeição do PCB à Internacional foi ocasionada pelas carências teóricas e políticas dos comunistas brasileiros. Já Chilcote (1982), compreende a questão de maneira completamente diversa, afirmando que desde a década de 20 até a década de 60, a linha política do PCB foi totalmente influenciada pela linha soviética, havendo a interferência direta dos agentes do *Comintern* nas escolhas e nas expulsões dos dirigentes do partido brasileiro e a IC teria fornecido as linhas mestras para a organização nacional do partido. Ou seja, para Chilcote, a ideologia comunista se concentrava mais no cenário internacional, sendo que as táticas e estratégias do partido provinham da Rússia e, por isso, adaptá-las à realidade brasileira foi uma tarefa muito complexa, gerando a permanente marginalização social dos comunistas brasileiros.

De acordo com Vianna (1982), o PCB nasceu de uma crise do movimento operário brasileiro e não de uma importação ideológica, não resultando de um cisma de intelectuais socialistas, como ocorreu em países europeus. Assim, para o autor, o partido surgiu ingênuo, teoricamente ignorante, mas profundamente nacional e operário. Seguindo a mesma direção argumentativa de Zaidan e Vianna encontra-se Mazzeo (1999), afirmando que o PCB tem uma raiz profundamente nacional, pois seria resultado dos acúmulos políticos derivados de confrontos operários do Ocidente e principalmente das lutas dos trabalhadores brasileiros, que

se iniciaram no século XIX e se intensificaram nos primeiros anos do século XX. Para o autor, entre 1922-1927 as formulações do PCB não sofreram interferência direta do *Comintern*, pois havia um esforço do partido em considerar elementos específicos da realidade do país. Segundo Moraes (2007), o comunismo latino-americano, incluindo o brasileiro, sofreu o controle político e ideológico da IC, mas de uma forma diferente do controle exercido sobre os países europeus e asiáticos. Tanto pela distância geográfica, que separava a América Latina do centro moscovita, quanto pela posição periférica dos latinos em relação ao movimento revolucionário dos povos oprimidos pelo imperialismo, cujo epicentro estava na Ásia, especificamente na China. De acordo com Konder (1988), a Internacional Comunista teve escassa importância sobre o PCB, no período de sua criação, pois a fundação do partido dependeu de decisões tomadas em território nacional, com total autonomia e sob a responsabilidade dos ativistas do movimento operário brasileiro, recém-convertidos ao comunismo.

Contudo, há um paradigma predominante nas abordagens, o qual afirma que o caráter nacional da formação do partido é mais forte do que a influência externa da Internacional Comunista. Entretanto, para obter conclusões significativas a esse respeito, não basta analisar a respectiva bibliografia, pois a maior parte dos autores que se dedicam ao tema tem uma visão pautada por subjetividades, provenientes de vínculos e/ou simpatias partidárias, como Zaidan, que pretende, com a publicação da coletânea de escritos de Astrojildo Pereira, mostrar que o PCB tem raízes nacionais, em defesa da legalização do mesmo. Assim, faz-se necessária a análise minuciosa dos escritos do período, nesse caso específico, foram selecionados alguns textos de Astrojildo, contidos na obra *Construindo o PCB*.

Inicialmente algo que chama a atenção é a edição pioneira do mensário *Movimento Comunista*, datada de janeiro de 1922. Como já foi exposto, esse periódico teve uma grande importância na fundação do partido, editado pelo Grupo Comunista do Rio de Janeiro, foi o primeiro órgão de divulgação do ideário comunista no país, antecedendo a criação oficial do partido, que ocorreu em março de 1922.

1. Este mensário, órgão dos Grupos Comunistas do Brasil, tem por fim defender e propagar, entre nós, o programa da Internacional Comunista. Dentro dos modestos limites de nossas possibilidades, pretendemos torná-lo um repositório mensal fidedigno de doutrina e informação do movimento comunista internacional.

2. *Consciente e lealmente aderimos à plataforma da Internacional Comunista. Defendemos, por consequência, o princípio da “ditadura do proletariado. (...)”*¹⁵

Em relação à “crise do proletariado”, Astrojildo coloca em março de 1922:

Podemos dividi-la em duas fases. Primeira, ocasionada logo de começo pela guerra propriamente. Esta fase se caracterizou pelo deslocamento do movimento operário do plano internacional para o plano nacional. (...) Segunda fase, marcada com o rebentar da Revolução Russa, seu fulminante desenvolvimento e sua transmutação de política em social com o advento do bolchevismo. (...) A III Internacional constituída em 1919, concretizou esse movimento.

(...)

*Ora, pois que o fenômeno, por sua mesma natureza, é fundamentalmente um fenômeno internacional, não podia o Brasil escapar à crise e seus efeitos. O meio brasileiro é, porém, um meio singular. Nunca houve aqui partidos ou correntes sistemáticas propriamente socialistas. Todo o movimento proletário revolucionário no Brasil tem sofrido só a influência quase exclusiva dos anarquistas. Assim, entre nós, a crise tem sido e é uma crise de anarquismo. Esta crise, latente desde o advento do bolchevismo, chega a um desfecho lógico, com a constituição do partido comunista composto, em sua quase totalidade, de elementos de formação anarquista.*¹⁶

No primeiro trecho fica nítido que desde os primórdios, quando o partido era apenas uma projeção próxima, a questão internacional é muito presente no ideário dos comunistas brasileiros. Começando pela nomenclatura que eles utilizam, como “Grupos Comunistas do Brasil” e “Partido Comunista do Brasil”, onde eles se percebem como uma vertente brasileira do movimento internacional e com a fundação do partido, essa noção fica explícita com a denominação “Partido Comunista, Seção Brasileira da Internacional Comunista”. Porém, uma questão deve ser considerada: o partido era realmente uma vertente da IC, como aparenta num primeiro momento ou esse apelo ao movimento internacional foi a maneira encontrada pelos comunistas brasileiros de legitimar o seu movimento? De qualquer forma, a influência da IC no partido brasileiro foi notória desde o início, se relativa em sua prática, fundamental em seus traços político-ideológicos.

Astrojildo Pereira expõe o desenvolvimento do movimento internacional comunista, de forma simplista e vê o movimento brasileiro inserido nele. Mas apesar de reconhecer a influência internacional, ele considera especificidades do caso brasileiro, como no trecho onde retrata a “crise do proletariado”, no qual destaca uma das principais particularidades do

¹⁵ PEREIRA, Astrojildo. Movimento Comunista. In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p.16.

¹⁶ PEREIRA, Astrojildo. Não nos assustemos com o debate. In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 21-22.

movimento comunista no país que é a origem anarquista da grande maioria de seus primeiros integrantes. Essa origem marca o partido em sua década de fundação, pois, como Astrojildo ressalta, os primeiros membros do PCB eram ex-anarquistas, inclusive ele, o que gerou grandes dificuldades de assimilação da nova doutrina marxista e de sua aplicação à realidade do país. Assim, essa característica singulariza os comunistas brasileiros, pois, predominantemente, os PCs dos outros países foram criados por pólos socialistas, de tradição marxista.

Em 1º de maio de 1922, Astrojildo orienta os trabalhadores com as seguintes palavras:

*O item culminante nas moções dos comícios de hoje, em todos os países, deve ser este: a afirmação da mais alta e mais ativa solidariedade internacional dos trabalhadores com a Rússia dos Soviets. É necessário que o capitalismo sinta, nesta data por excelência proletária, que os trabalhadores do mundo se acham de corpo e alma ao lado dos operários e camponeses da Rússia, heróicos batedores da revolução mundial. (...) A revolução na Rússia não é uma revolução nacional, mas o início da revolução mundial. (...)*¹⁷

E em junho de 1922, três meses após o Congresso de fundação, *Movimento Comunista* noticia a constituição do PCB:

É com legítimo e grave contentamento que lançamos hoje ao grande público a notícia da constituição definitiva do Partido Comunista, Seção Brasileira da Internacional Comunista. (...) Podemos, pois, desde agora considerar-nos integrados de vez no seio da grande família proletária e revolucionária do mundo, a qual tem, na Internacional de Moscou, sua mais alta expressão ideológica e orgânica. Mas isso, com ser um motivo de compreensível contentamento, constitui, um feito da maior e mais grave responsabilidade. Ao constituir-nos em seção brasileira da IC, tomamos sobre os ombros o compromisso de uma imensa tarefa: desfraldar e sustentar, nesta parte da América, a bandeira vermelha da revolução mundial; formar, um só corpo orgânico, sólido homogêneo, a vanguarda do proletariado nacional; organizar e orientar as grandes massas trabalhadoras do Brasil em suas lutas e movimentos de reivindicação. (...)
*E agora, mais que nunca, nos sentimos irmanados aos comunistas russos, que formam a vanguarda da vanguarda das hostes proletárias do mundo. (...) O Partido Comunista, por sua mesma composição social, por sua doutrina e por sua tática de combate, é um partido de ação das massas, cujo programa tem por escopo único a emancipação integral dos trabalhadores. Sua é a bandeira em que se inscreve a divisa revolucionária da classe obreira, expressa por Karl Marx, o imortal fundador do comunismo: “a emancipação dos trabalhadores será obra dos mesmos trabalhadores”.*¹⁸

¹⁷ PEREIRA, Astrojildo. Viva a Rússia dos Soviets. In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 28.

¹⁸ PEREIRA, Astrojildo. Partido Comunista (SBIC). In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 32-33.

Portanto, é evidente que para Astrojildo havia uma revolução mundial em processo, desencadeada pela Revolução Russa e com a fundação do partido, ele pretendia inserir o Brasil nesse contexto. Apesar do PCB em 1922 não ter conseguido se filiar oficialmente à IC, a influência do organismo internacional pesa bastante sobre o partido, como podemos notar nesses escritos de seu destacado fundador. Considerar que só após o estabelecimento oficial do vínculo entre o PCB e a IC em 1924, a presença do *Comintern* passa a vigorar no partido pode ser equivocado, pois mesmo a Internacional não emitindo ordens diretas ao partido, nos primeiros anos, o PCB foi constituído se espelhando na organização de Moscou. Ou seja, nesse momento inicial do PCB, a IC não age diretamente sobre ele, mas o PCB busca no *Comintern* os meios para se legitimar e na Revolução Russa o exemplo a seguir. Astrojildo cita Marx, mas fica explícito em seu discurso que o polo norteador dos comunistas brasileiros foi a obra dos bolcheviques e, assim, apesar da relativa autonomia do partido brasileiro em relação ao organismo internacional, como coloca Zaidan, pois no início dos anos 20, a IC não controlava as seções nacionais dos partidos sul-americanos, o PCB conta com uma forte influência internacional, característica comum aos PCs naquele momento e ressaltada no texto de Astrojildo.

Afirmar que o PCB tinha um importante vínculo internacional nos anos 20, não significa que ele desconsiderava os problemas e particularidades nacionais, como pode ser observado:

(...) devemos, desde logo, examinar as condições subjetivas e objetivas – isto é, nossas próprias condições de militantes e as condições complexas do ambiente social – em que temos de desenvolver nossa atividade comunista. Temos, em mira trabalhar para o triunfo da revolução proletária mundial. (...) para que nossos esforços obtenham resultados positivos e não sejam despendidos em vão, teremos sempre que subordinar duplamente nossa atuação às nossas próprias possibilidades e às necessidades do meio social em que vivemos. Quer isto dizer que só devemos cogitar de realizações a um tempo possíveis às nossas forças e necessárias à situação geral do país.¹⁹

A burguesia brasileira comemora, nestes dias, festivamente, o primeiro centenário da independência política nacional. As camadas mal esclarecidas do proletariado, o povo em geral, batem palmas e participam, deslumbrados, dos esplendorosos festejos. É claro que nós outros comunistas, que não vivemos no mundo da lua nem somos amassados em argila diversa, não ficamos insensíveis ao espetaculoso deslumbramento das festividades. Mas apreciamo-la dum ponto de vista puramente estético, cenográfico, instintivo, sensorial. Não nos deixamos dominar pela bebedeira cívica generalizada. (...)

Temos, pois, estabelecido, assim, que a “independência do Brasil”, cujo centenário se comemora nestes dias festivos – e de que o 7 de setembro foi um episódio muito secundário – significa, na verdade, histórica e

¹⁹ PEREIRA, Astrojildo. Organização e Propaganda. In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 34.

socialmente, o advento, no Brasil, da classe burguesa, já dominante no mundo.

Não é, pois, a “nossa” independência cujo centenário se celebra agora. A independência da classe operária ainda está por fazer.²⁰

Paira sobre a população pobre do Rio de Janeiro a ameaça de um “despejo” coletivo a requerimento dos senhores proprietários de casas. (...) Não é, porém, o despejo em si que os senhorios têm a vista. Eles querem aumentar os aluguéis. (...) Vivemos num regime baseado no direito da propriedade privada e na concorrência industrial e comercial. A marcha dos preços – na venda dos gêneros de qualquer sorte – está sujeita à lei econômica vigente da procura e da oferta. O número de inquilinos cresce numa proporção maior que a de habitações. Verifica-se, assim, um aumento nos preços dos aluguéis correspondente a esse aumento de procura, necessariamente. (...) dentro do regime econômico atual, não há solução verdadeira possível para a crise permanente da habitação, para o problema inquietante dos aluguéis sempre em aumento.²¹

Nesses trechos percebemos a preocupação de Astrojildo com a sociedade em que vive e com os problemas decorrentes dela, isto é, a situação política, social, econômica do Brasil e a alienação da população diante desses fatores. A sua interpretação do Centenário da Independência chama bastante a atenção. Inicialmente pela forma como escreve, utilizando um estilo sarcástico ao se referir aos festejos e ao seu sentido. Atribui um novo significado para a data, bem menos importante do que o oficial e esboça a necessidade de se fazer a “verdadeira independência”, que seria a “libertação” do proletariado. Astrojildo expõe também a questão do inquilinato no Rio de Janeiro, a origem do problema e eventuais soluções, pois ele afirma que no regime vigente não existia solução, acreditando que apenas um novo regime solucionaria definitivamente o problema, o qual seria fruto da sociedade capitalista. Contudo, os escritos de Astrojildo têm o objetivo de informar e “esclarecer”, através da perspectiva comunista, os trabalhadores sobre os acontecimentos do período, contam predominantemente com uma linguagem simples, de fácil entendimento, expondo a ideologia comunista e propondo soluções para os problemas que assolavam as classes subalternas brasileiras.

Astrojildo ainda expõe a opressão contida na sociedade republicana brasileira, em janeiro de 1923:

Belo presente de festas, ao romper do Ano Novo, recebeu a população carioca e fluminense do governo Bernardes: a continuação do estado de sitio até maio... Como explicar essa perpetuação do sitio numa época da mais passiva normalidade política e social? De duas uma: ou o Sr. Bernardes, já que está com a mão na massa, pretende implantar, entre nós,

²⁰ PEREIRA, Astrojildo. O centenário. In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 42-43.

²¹ PEREIRA, Astrojildo. A questão do inquilinato. In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 50-51.

*um sombrio e grotesco czarismo de barrete frígido; ou então, está com medo de fantasmas. Ou, ainda, por ambos esses motivos... O que é certo é que a classe operária, que nada tem com o peixe da politicalha masorqueira, acaba sempre pagando o pato.*²²

E em junho de 1923, Astrojildo relata:

*Mais um mês, e um ano se completará de vigência do estado de sítio no Distrito Federal e no Estado do Rio. Decretado por dois meses quando estalou o previsto e malgrado motim militar de 5 de julho, ele foi sendo prorrogado até 31 de dezembro deste ano. 18 meses seguidos de suspensão das garantias constitucionais! Isso, no mínimo; porque ninguém sabe se o arbítrio governamental não se decidirá, de prorrogação em prorrogação, a manter o sítio até o fim do quadriênio...*²³

Astrojildo, com um texto irônico e provocativo, expõe uma das principais características da década de 20, os sucessivos “estados de sítio”²⁴ que legalizaram a repressão sobre o partido. Desde o ano de sua criação, o PCB foi fortemente reprimido com a proibição da sua existência legal e, assim, o partido caiu na clandestinidade tanto na década quanto por toda a sua história. A sua atividade ilegal é um dos fatores que gerou a marginalização dos membros e dirigentes comunistas, na maior parte do tempo perseguidos e excluídos da sociedade brasileira.

Verificamos que os escritos de Astrojildo têm como foco, predominantemente, os acontecimentos no Rio de Janeiro, mais precisamente no eixo Rio-São Paulo. Isso poderia se justificar por ele ser carioca, pelo partido ter sido fundado e ter sua sede central no Rio, por este ser a capital do país no período, pelo periódico *Movimento Comunista* ser editado e publicado no Rio e por São Paulo ter um movimento operário organizado e ativo. Entretanto, uma das inovações do PCB é se colocar a nível nacional, ou seja, como o representante dos comunistas brasileiros, pois os partidos políticos da Primeira República eram, majoritariamente, estaduais como o PRP (Partido Republicano Paulista), PRM (Partido Republicano Mineiro). Desse modo, em que medida o partido, nesse momento inicial, tratava dos interesses dos trabalhadores brasileiros, se só falava em nome dos trabalhadores cariocas e paulistas? Isso significa que nas outras regiões do país, inexistiam trabalhadores

²² PEREIRA, Astrojildo. Nossa palavra. In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 61-62.

²³ PEREIRA, Astrojildo. Negras perspectivas. In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 110.

²⁴ É um instrumento que tem por característica a suspensão temporária dos direitos e garantias constitucionais de cada cidadão e a submissão dos Poderes Legislativo e Judiciário ao poder Executivo, assim, a fim de defender a ordem pública, o Poder Executivo assume todo o poder que é normalmente distribuído em um regime democrático. O Estado de Sítio é uma medida provisória, utilizada em casos extremos, que ameaçam a unidade de uma nação e a segurança de sua população.

necessitados de representação política? Como já foi colocado no capítulo anterior, o PCB é fruto da junção de grupos comunistas de diversas regiões do Brasil, como Rio Grande do Sul, Pernambuco, portanto, em outros estados também havia trabalhadores que lutavam por representação, mas suas questões geralmente não eram abordadas por Astrojildo. Acreditamos que a falta de referência a outras regiões do país, seja fruto de sua posição geográfica “privilegiada”, pois Astrojildo estava na capital, palco dos principais acontecimentos político-culturais da época, centro econômico e onde se encontrava o maior número de operários brasileiros, ou talvez os periódicos comunistas tivessem uma edição, publicação e distribuição localizada em determinados estados ou regiões do país.

De acordo com Rodrigues (1983), dos anos 20 aos anos 60, o PCB apresentou, ao lado de seu nacionalismo, o “internacionalismo proletário” como característica relevante, expresso na fidelidade incondicional à URSS e ao Partido Comunista Soviético (PCS). Os dirigentes do partido brasileiro ressaltavam esse aspecto, pois o consideravam positivo e o negavam quando colocado de forma crítica. A dependência teórica, ideológica e política ao PCS, tornava suspeito o nacionalismo do partido brasileiro. Além disso, o vínculo com o organismo internacional dificultava o desenvolvimento de uma tática e estratégia adequada às condições brasileiras, pois a política do PCB foi determinada pelas mudanças da diplomacia soviética diante do mundo ocidental. Entretanto, os laços com a União Soviética eram vantajosos ao partido brasileiro, em termos materiais e políticos.

Por fim, percebemos que essa dualidade que contrapõe o caráter nacional e o internacional do PCB, em seus primeiros anos de atuação, é inexistente, pois o partido recebeu forte influência político-ideológica da Internacional Comunista, assim como, considerou as particularidades da sociedade brasileira e por meio da combinação desses fatores elaborou sua ação. Porém, a partir dos escritos de Astrojildo, notamos que os laços internacionais tiveram um peso maior sobre o partido, com a importância da IC sempre destacada e a ideia do movimento no Brasil estar vinculado, inserido no movimento internacional. Octavio Brandão (1978) ressalta essa ideia, afirmando que entre 1922 e 1924, o PCB teve muitas falhas e debilidades, mas guiado pelos ensinamentos da revolução de 1917 e pela IC, realizou uma obra importante. “*A Internacional Comunista contribuiu de um modo decisivo para o nascimento e o desenvolvimento do Partido Comunista do Brasil. Por intermédio do seu Bureau para a América do Sul, enviou um representante ao primeiro Congresso do PCB.*” (BRANDÃO, 1978, p. 221)

Brandão ainda cita alguns exemplos da relação entre a IC e o partido nos anos 20: em 1/07/1923, por exemplo, a IC escreveu ao PCB recomendando que o partido transformasse a

revista *Movimento Comunista* num jornal operário de massas. Assim, em 1925, surge *A Classe Operária*, atendendo à solicitação do organismo internacional. Brandão diz que a IC ensinou o partido a defender os princípios do “internacionalismo proletário revolucionário” e, desse modo, o PCB passou a defender as reivindicações imediatas dos trabalhadores. “*Orientado pela Internacional Comunista, o PCB, desde os primeiros anos, lutou pela paz, contra as guerras imperialistas, contra a reação e o fascismo.*” (BRANDÃO, 1978, p. 222)

Portanto, apreendendo as citações de Brandão dentro dos devidos limites, considerando seu dogmatismo e extremismo, e os textos de Astrojildo, afirmamos que o partido não era nem profundamente nacional e nem apenas fruto de uma importação ideológica, afinal neste período era notório tanto o seu vínculo internacional, na pretensão de ser a vertente brasileira do movimento comunista mundial, quanto a sua visão centrada na realidade dos trabalhadores brasileiros, onde visava representá-los e solucionar os seus problemas na implantação de uma nova forma de governo. Ou seja, havia uma “convivência” no interior do PCB entre as características próprias nacionais e as influências internacionais, onde predominava a ligação político-ideológica do partido com a Internacional Comunista.

2.2 Comunismo e Sindicalismo no Brasil: dificuldades iniciais

Outro ponto fundamental do livro organizado por Zaidan é a discussão referente à questão sindical no Brasil. Segundo ele, desde a publicação do artigo-programa *Movimento Comunista*, os comunistas brasileiros expõem a necessidade da unificação sindical que é colocada como princípio. Porém, essa luta foi complexa e repleta de obstáculos, sendo que a prática política do partido levava ao divisionismo.

Em seu artigo sobre essa temática, Zaidan (1988) ressalta que foi a primeira direção político-cultural do PCB, composta por Astrojildo Pereira, Octávio Brandão, Leôncio Basbaum, entre outros, a responsável pela introdução no Brasil da política de unidade sindical. No início dos anos 20, o “modelo bolchevista” passa a ser discutido e Astrojildo começa a defender a Internacional Sindical Vermelha, um modelo unitário e inovador, que organizava os operários por ramos industriais. A necessidade de mudar os métodos de organização era consenso, mas o problema era a pluralidade ideológica existente no movimento operário brasileiro. Com a criação do PCB em 1922, o partido busca a admissão

na IC e para tanto aceita as “21 condições”²⁵, as quais hostilizavam o contato de comunistas com outras vertentes ideológicas e, assim, de acordo com Zaidan, o partido acabou se tornando sectário e dogmatizante, envolto num verbalismo revolucionário que dissimulava a perda de foco na realidade.

Desse modo, na década de 20, a política de unidade sindical dos comunistas brasileiros teve caráter dual, resultado da dualidade de estratégias e táticas da IC. Assim, coexistiu no PCB, segundo Zaidan, a estratégia ofensiva a curto termo, que enfatizava a cisão no movimento operário através da criação de núcleos comunistas no interior das organizações sindicais. E a estratégia defensiva, ocasionada pelo refluxo do movimento operário europeu, privilegiando a criação de “frentes únicas” sindicais e socialistas com reformistas, centristas, cristãos, liberais, entre outros, mas pressupondo a hegemonia do PCB. Porém, essa política tendeu ao divisionismo, pois a hegemonia comunista não foi aceita pelas outras tendências.

No número inicial de *Movimento Comunista*, a questão sindical ganha destaque:

4. *No terreno sindical bater-nos-emos energicamente contra todas as divisões e fragmentações. A organização sindical, para responder a seus fins específicos, deve assentar sobre uma base econômica comum a todos os trabalhadores. De conformidade com este critério amplo e positivo, combateremos todos os desvios, todas as deturpações, todos os germes de dissolução que surjam no interior dos organismos sindicais. Preconizamos a mais íntima e estreita ligação orgânica funcional entre todas as unidades sindicais locais, nacionais e internacionais. Somos pela frente única de combate do proletariado de todo o mundo, sob a bandeira revolucionária da Internacional Sindical Vermelha.*

5. *Em resumo. Queremos unir e não dividir. Queremos solidariedade e não rivalidade. Queremos que o proletariado adquira, por sua organização e sua orientação, um máximo de eficiência combativa, nas lutas presentes e futuras. (...)*²⁶

E no periódico *O Internacional*, de junho de 1922, Astrojildo coloca:

Há que considerar, em primeiro lugar, que os sindicatos, para valerem como tais, devem associar as grandes massas de assalariados e não apenas insignificantes frações tendenciosas ou sectaristas. A não ser no período de efervescência geral de 1918-1919, nossos sindicatos, até hoje – refiro-me aos de tendência revolucionária – nada mais tem sido que sindicatinhos impotentes e incapazes, de caráter antes político do que propriamente econômico. Eles têm formado e formam, na verdade, um partido, - coisa de um esdrúxulo a toda prova. Por outro lado, velhas organizações corporativistas, anacrônicas e retardadas – mas sólidas e fortes – continuam a viver completamente arreadas do movimento geral, por culpa

²⁵ As “21 condições” foram estabelecidas por Lenin, tinham o objetivo de orientar os partidos de outros países para se filiarem ao *Comintern* e consistiam em exigências como: cada partido deveria se comprometer com uma ruptura completa e absoluta com o reformismo, com a rígida disciplina na luta comunista sistemática e persistente pela revolução, aceitando as decisões da Internacional Comunista. Ver CHILCOTE, op. cit.

²⁶ PEREIRA, Astrojildo. *Movimento Comunista*. In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 17.

exclusiva de um revolucionarismo inábil e inepto que não as têm sabido conquistar. O trabalho reorganizador de agora deve, por consequência, obedecer a este duplo critério: chamar aos sindicatos as massas não organizadas e conquistar a solidariedade das velhas uniões corporativistas. E isto, evidentemente, só pode ser feito segundo um plano, concreto e preciso, alheio a quaisquer sectarismos estreitos, a quaisquer particularismos ideológicos.²⁷

Fica nítido nesses trechos, que em 1922, Astrojildo e o PCB estavam tentando inserir no meio operário uma nova ideia: a unidade sindical. Mas essa tentativa não foi nada fácil, pois se trata da mudança de uma mentalidade bastante arraigada nos sindicatos, que, como expõe Astrojildo, eram tendenciosos, colocando a política na frente das questões econômicas. Ele faz críticas duras às tradicionais organizações sindicais, mas vale lembrar, que ele foi participante ativo nos sindicatos, em anos anteriores, defendendo o anarquismo, ou seja, se os sindicatos eram impotentes, incapazes e fracionados, por terem sido dirigidos e estruturados pelos anarquistas, ele tem a sua parcela de culpa nesse fato, afinal foi um destacado líder do movimento operário anarcossindicalista, atuando, como já foi exposto, nas greves de 1917-1919. No entanto, é necessário considerar também que Astrojildo, diferente da maioria das lideranças anarquistas, percebeu a necessidade de uma mudança profunda nos rumos da questão operária no país, inovou buscando novas formas de luta no movimento comunista mundial e, no início da década de 20, já propõe mudanças na organização sindical. E, apesar de ter se destacado na fundação do partido e ser um importante dirigente partidário, está propondo uma mudança que unifique os operários em torno de reivindicações econômicas, deixando de lado os posicionamentos políticos. Mas até que ponto o que Astrojildo propõe está imune às questões políticas, se suas proposições estão diretamente vinculadas aos “mandamentos” da IC?

A atuação dos comunistas nos sindicatos é coisa da maior importância. A formação dos “núcleos sindicais” constitui, como é sabido, ponto de especial relevo no programa da Internacional Comunista. Mas não é propriamente a isso que nos queremos referir aqui. Queremos antes chamar a atenção dos camaradas sindicados para a conduta individual cotidiana dos comunistas nos meios sindicais. Essa conduta pode ser traçada muito simplesmente: por sua atividade, por sua dedicação, por sua firmeza de critério, os comunistas devem sempre aparecer, nos sindicatos, como os melhores, mais enérgicos e mais clarividentes defensores dos interesses do proletariado, como os combatentes de primeira linha em todas as batalhas travadas pelos sindicatos. Nas discussões – tão comuns nos sindicatos – em torno do comunismo, anarquismo, socialismo, sindicalismo, os comunistas

²⁷ PEREIRA, Astrojildo. A reorganização sindical. In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 31.

*devem sempre esforçar-se por discutir com serenidade e clareza, com elevação de vistas e solidez de convicções.*²⁸

*O movimento operário no Brasil só poderá tomar corpo e progredir se obedecer a um plano de conjunto, a uma direção firme e definida. Para isso necessário se torna organizar o mais breve possível uma confederação geral dos trabalhadores, apoiada sobre bases que permitam o ingresso de todas as categorias de salarizados de todos os partidos e tendências. No terreno da luta os trabalhadores vão adquirindo consciência do seu papel histórico e das suas possibilidades de ação e só então estarão em condições de optar entre as diversas correntes políticas, as diferentes doutrinas que têm por fim a libertação dos trabalhadores.*²⁹

No primeiro trecho publicado em julho de 1922, em *Movimento Comunista*, num período de organização inicial do PCB, Astrojildo transmite algumas noções de conduta aos militantes comunistas para atuarem no interior dos sindicatos. O segundo trecho publicado no mesmo periódico, mas quase um ano depois, em março de 1923, expõe ideias básicas referentes à organização do movimento operário e, desse modo, esses trechos poderiam ser complementares, pois cumprem a tarefa de orientação. Notamos que nessa fase, a preocupação do partido se volta para a consolidação da vertente comunista no meio operário, assim, ganha ênfase a importância dos comunistas saberem se posicionar nas discussões, defendendo seus ideais com argumentos fortes, deixando questões pessoais e rasas de lado. Há uma grande disputa ideológica neste momento, pois no meio sindical a pluralidade ideológica acabava dispersando a organização dos operários e uma das principais lutas do partido, nesse período, é unificar os trabalhadores em torno dos sindicatos, porém, sob a hegemonia comunista, sendo que o ideário anarquista e seus defensores eram o maior empecilho às pretensões do PCB. Para Astrojildo, a sorte do movimento operário brasileiro estava vinculada à ação do PCB, pois a “direção firme e definida”, a qual ele se refere, seria a direção partidária na qual ele era o elemento principal. E faz uma referência explícita a Karl Marx, ao dizer que é necessário organizar os trabalhadores das mais diversas tendências para que eles “adquiram consciência de seu papel histórico e das possibilidades de ação” para poderem escolher uma corrente ideológica. Porém, Astrojildo está sendo, de certa forma, irônico, pois é claro que a pretensão dele com a unificação dos trabalhadores é que sejam liderados pelo partido comunista, afinal, o operário que adquire consciência de classe e de seu papel histórico, luta ao lado do comunismo. Segundo Marx e Engels (1961), com o desenvolvimento industrial, aumenta o número de proletários, assim como, sua consciência de

²⁸ PEREIRA, Astrojildo. Organização e propaganda. In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 36.

²⁹ PEREIRA, Astrojildo. O despertar do proletariado: a vitória dos gráficos paulistas. In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 91.

classe e quando passam a adquirir consciência, começam a se unir contra os burgueses e atuam em comum na defesa dos salários, resultando de suas lutas, a ampla união dos trabalhadores. De acordo com os autores, os comunistas teriam uma espécie de vantagem sobre o proletariado de outros seguimentos políticos, pois o comunismo seria uma compreensão mais nítida das condições, da marcha e dos fins gerais do movimento proletário, sendo que o seu partido não era oposto aos outros partidos operários, mas apenas divergente quanto à ação a ser realizada.

A oposição fundamental, em relação à questão sindical, entre anarquistas e comunistas, segundo Astrojildo é a seguinte:

Podemos, de tal sorte, caracterizar a política anarquista em matéria de organização sindical como sendo a “política do divisionismo”. Esta política deriva em linha reta de seu idealismo. Eles fizeram estes estatutos baseados unicamente no ideal, que vivem a sonhar. Pouco lhes importa o que é real. Eles nada esperam das organizações que não vivem a sonhar com aquele ideal. Dizem mesmo peremptoriamente que é impossível unificar, num terreno comum, os sindicatos de tendência libertária e os de tendências outras. Essa “impossibilidade” decorre, porém, unicamente de sua fundamental incompreensão do problema. Para os anarquistas, a organização sindical deve ser construída à base idealística, doutrinária, política. Que os sindicatos das várias tendências se federem à parte segundo as tendências políticas comuns a cada grupo. E nada de misturas nem de entendimentos! Tudo separado! Federação anarquista de um lado, Federação comunista de outro lado, federação amarela ainda de outro lado... Ora, esta é também, precisamente, a opinião da burguesia. Quanto mais dividido e subdividido estiver o proletariado, melhor para ela, burguesia, porque a “fragmentação” proletária é sinônimo de “fraqueza” proletária.

Nós, comunistas, encaramos a questão de outro modo. Nós encaramos realisticamente, objetivamente, e não através do prisma colorido do ideal. E a realidade crua e dura nos diz o seguinte: só argamassa num bloco único pode a organização proletária enfrentar o bloco burguês. A burguesia pode fracionar-se, internamente, em matéria política, de religião ou de qualquer outra coisa: mas quando se trata de atacar o proletariado ela forma um bloco uno, compacto, homogêneo. Ela esquece, em tais momentos, suas divergências quaisquer e une-se na defesa solidária de seus interesses, que são comuns, em face do proletariado.

(...) para poder unificar-se, como é necessário, a organização sindical terá que assentar nesta base de interesse comum, que é o econômico. Todo e qualquer operário, por mais alheio que ande das questões de ordem política, compreende perfeitamente a identidade de interesses que o liga aos demais operários. Isto é fácil, de demonstrar, de compreender e de sentir, “porque é a realidade mesma das coisas que no-lo ensina”.³⁰

³⁰ PEREIRA, Astrojildo. Unificação sindical. In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 98-99.

Portanto, pelos trechos analisados, principalmente pelo último, publicado em abril de 1923, fica evidente que para o PCB, o foco na questão sindical ocorria por uma perspectiva de unificação dos trabalhadores em torno de seus interesses econômicos, sendo que a maior oposição enfrentada nos sindicatos eram seus ex-companheiros anarquistas, que criticavam severamente o comunismo e os ex-aliados, por terem se bandeado para o lado “vermelho”. Mas Astrojildo expõe a dualidade de forma simplista e superficial, atribuindo o divisionismo e o idealismo ao anarquismo e a unidade e a objetividade ao comunismo, aproximando ainda o pensamento anárquico do pensamento burguês. De acordo com Del Roio (2007), os comunistas pretendiam delinear uma nova cultura, fundada no marxismo e inserida no movimento operário, para tanto tinham os seguintes temas centrais: a natureza da Revolução Russa, as condições e formas de organizar a luta operária no Brasil. Influenciados pela obra teórica e histórica dos bolcheviques, defendiam a necessidade de organizar as forças do trabalho em sindicatos unificados por meio de reivindicações de caráter econômico. E, assim, seria necessária uma direção política centralizada, selando a existência de um partido operário. Já os anarquistas preservavam seus princípios de oposição a qualquer autoridade, Estado ou representação política. Denunciavam o caráter repressivo que a Revolução Russa havia adquirido, negando seu caráter emancipador. Del Roio cita os principais veiculadores de ideias anarquistas do período, como: Edgard Leuenroth, Fábio Luz e José Oiticica. A disputa ideológica entre anarquistas e comunistas era estampada principalmente nos periódicos *A Plebe* e *Movimento Comunista*, sendo que os anarquistas identificavam Astrojildo como um traidor e, assim, passaram a atacá-lo e a criticar o comunismo, expondo os “horrores” da Revolução Russa. Dessa forma, foi travada uma batalha nos periódicos de ambas as tendências com ataques, acusações e defesas das duas partes. Astrojildo preferia considerar os anarquistas como adversários de tendência, já estes consideravam os comunistas como inimigos. Ao mesmo tempo, que o PCB se diferenciava dos anarquistas, insistia na necessidade de construir uma frente única proletária, política adotada pela III Internacional, cuja instância institucional se encontrava no sindicato. Segundo Dulles (1977), a maioria dos sindicatos tinham poucos associados, sendo que essa cisão ideológica levou ao fracionamento de velhas associações e à formação de sindicatos rivais. Verificamos, contudo, que após a fundação do PCB, o movimento operário brasileiro contou com duas posições antagônicas, que predominaram na sua liderança: a espontaneidade dos anarquistas, com foco na ação direta e na busca da revolução social; e os métodos bolcheviques, juntamente com a teoria leninista. Mas apesar de ambos terem preocupações semelhantes e pretenderem alcançar os mesmos militantes, havia um contraste fundamental entre uma vanguarda que se julgava

esclarecida e consciente de seu papel revolucionário reunida no partido comunista e a espontaneidade vigente até então.

O problema da organização e reorganização sindical é aquele que, nestes últimos tempos, com justa razão, mais tem preocupado aos elementos da vanguarda, entre nós. (...) eu entendo que em primeiro lugar deve ficar estabelecido o seguinte: que a organização sindical tem de ser uma organização de massas. Ora, para que as massas ingressem na organização, é indispensável que esta corresponda, por sua estrutura e por sua orientação, às condições reais em que se encontra o grosso do proletariado. A maior tolice que se tem cometido, no Brasil, - e não só no Brasil - nesta matéria, tem sido a da construção prévia de normas ideais para dentro delas encaixar os trabalhadores. Temos todos pago bem caro essa tolice, e só a obsessão sectária pode explicar a teimosia de vários militantes em palmilhar os velhos rumos batidos e rebatidos. Esse erro funesto resulta da confusão, que ainda muita gente faz, entre sindicato e partido.

O sindicato, por definição, é organismo especificamente econômico, destinado a agremiar todos os trabalhadores, sem distinção de partidos. E como há de ele agremiar todos os trabalhadores, num meio como o nosso, se pretende estabelecer, em sua estrutura ou orientação, uma política ou ideologia prévia? Impossível. Isso virá depois, em consequência precisamente da influência, em seu seio, das várias correntes ideológicas ou políticas. Nisso consiste justamente um dos mais sérios trabalhos dos partidos. (...)

Não queremos impor nossas doutrinas. Apenas, estamos convictos de que são nossas doutrinas comunistas as que melhor e mais cabalmente respondem às aspirações e às necessidades das massas proletárias, e que estas, naturalmente, mais cedo ou mais tarde, darão seu apoio ao Partido Comunista que é o verdadeiro partido revolucionário do proletariado.³¹

E é tempo também que o proletariado do Brasil cuide de participar do movimento internacional operário, aderindo à Internacional Sindical Vermelha de Moscou. Essa associação é a que agrupa as massas verdadeiramente revolucionárias do proletariado internacional. A acusação, feita por certos sindicalistas anarquistas, de que ela é uma Internacional política e subordinada à Internacional Comunista, é absolutamente insensata. A independência orgânica da ISV foi bem estabelecida no último congresso realizado em Moscou, de maneira a dar satisfação aos próprios sindicalistas franceses, que se mostravam os mais exigentes nesse particular da independência orgânica da organização sindical. Naturalmente, quando os objetivos da organização sindical e os da Internacional Comunista estão de acordo - o que sucederá fatalmente sempre que se tratar de uma ação revolucionária - , as duas organizações marcharão lado a lado. Não se pode porém, em boa fé, chamar a isso subordinação.³²

³¹ PEREIRA, Astrojildo. A organização sindical das massas. In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 70-71.

³² PEREIRA, Astrojildo. O despertar do proletariado. In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 92.

Para finalizar a discussão acerca das primeiras análises referentes ao sindicalismo no interior do PCB, observamos esses dois trechos publicados no mesmo ano, em 1923, mas o primeiro em janeiro e o segundo em março. Em ambos os trechos, Astrojildo faz exposições importantes do ideário do partido, tanto na organização das massas nacionais, quanto em relação ao vínculo destas com o movimento internacional. Considerando a situação sindical do Brasil, ele relata a dificuldade na organização dos trabalhadores, pois estes não estariam entendendo a diferença entre sindicatos e partidos devido a certas imposições ideológicas pré-existentes nos sindicatos. E define o sindicato como uma associação puramente econômica, onde os operários deveriam se unir para realizarem reivindicações econômicas gerais e, a partir dessa união, seria iniciada a tarefa central do partido comunista, que consistia em ampliar sua rede de influência nos meios sindicais, angariando novos membros para o partido. Assim, Astrojildo não pretendia impor sua ideologia e sim mostrar aos trabalhadores que a doutrina comunista era a que mais correspondia às suas necessidades e interesses e acreditava que as massas, dentro de algum tempo, perceberiam a importância do partido e se tornariam militantes. Astrojildo defende ainda o ingresso dos operários brasileiros na Internacional Sindical Vermelha (ISV), tentando desvinculá-la da IC, pregando sua autonomia e importância para os trabalhadores mundiais. Mas a ISV era uma associação que havia sido constituída em 1921, em Moscou, agrupando os sindicatos revolucionários de diversos países e acatando a política da Internacional Comunista. Portanto, havia uma forte ligação entre a IC e a ISV, nítida na fala de Astrojildo, mas ele tenta negar. Voltamos a afirmar que o PCB, nesse período inicial, estava atento tanto aos problemas nacionais, onde a questão sindical se destaca, quanto ao seu vínculo internacional, apesar de não oficializado, obtendo a influência direta do movimento comunista mundial.

Por meio das análises de todos esses trechos, percebemos que a estratégia do PCB no início da década de 20, em relação ao sindicalismo, foi falha devido a uma contradição central em seu discurso. A defesa fundamental era a organização dos trabalhadores, unificando-os nos sindicatos, que seriam voltados para reivindicações econômicas. Porém, o PCB como um partido político recém-fundado, em uma sociedade oligárquica como a brasileira, tentando inserir uma nova cultura política no país, necessitava crescer e se desenvolver e o seu foco eram os operários sindicados, portanto, apesar de sua teoria pregar a união desconsiderando posicionamentos políticos, a ideia implícita era a hegemonia dos comunistas nos sindicatos, a difusão de seus ideais e a conquista de novos membros. Ou seja, o partido divulgava uma ideia, mas seus objetivos políticos eram outros, tentando impor sua doutrina, quando seus líderes afirmavam que era a única que realmente atendia às necessidades dos oprimidos. Mas

considerando o contexto de sua criação e existência, inclusive de ilegalidade, havia outra forma do partido agir? Talvez houvesse, mas, naquela época, o que parecia mais favorável aos comunistas brasileiros era difundir a ideia de união dos trabalhadores a nível nacional e internacional, seguindo os ensinamentos de Karl Marx, afinados com as diretrizes da III Internacional, que afirmavam a importância de uma política focada em frentes únicas proletárias, onde o sindicato ganhou uma importância central. Por fim, concluímos que a dificuldade em realizar a união dos trabalhadores, com a qual o partido se deparou, além de uma estratégia falha e contraditória do mesmo, se relaciona diretamente com as barreiras impostas aos comunistas pelo meio operário de tradição anarquista, pois a chegada dessas novas ideias, de organização e atuação, enfrentaram grande resistência e foram fortemente criticadas e marginalizadas, tanto pelos anarquistas, e outras vertentes políticas operárias, quanto pela política republicana do governo.

2.3 Uma cultura política a ser implantada: o marxismo no Brasil

O Partido Comunista Brasileiro inseriu uma nova cultura política na sociedade brasileira, através de sua estrutura, organização, ideologia e atuação pioneiras, do ponto de vista cultural e político, acabou modificando o formato do cenário político nacional. Com o PCB, surge no país uma nova configuração política, a qual priorizava os interesses dos trabalhadores, os inserindo no cenário político nacional, defendendo uma plataforma de ação que incidia na elevação cultural da política. A defesa intransigente da revolução introduz no país a ideia de que a única forma de solucionar os problemas sociais e econômicos nacionais seria uma mudança profunda, proporcionando ao partido inúmeros aliados, como também, uma forte repressão. Assim, o PCB não passou despercebido, ou as pessoas se aliavam a ele ou faziam oposição, ele causa uma espécie de incômodo na sociedade brasileira. Assim, o PCB insere a cultura política marxista no país.

O partido foi criado em uma época desfavorável a seu desenvolvimento, caracterizada por partidos políticos oligárquicos, defensores dos interesses de oligarquias estaduais, ficando à margem da política a maior parte da população, os trabalhadores. Portanto, com o advento do PCB, surge no país uma nova forma de “fazer política”, focada na defesa dos interesses da classe laboral e por meio de sua inovadora cultura política, o partido comunista introduziu as classes subalternas no processo decisório do país, do qual haviam ficado à margem durante todo o período anterior à fundação do PCB e acabaram adquirindo grande importância na

visão de variadas tendências políticas, tanto de direita quanto de esquerda, após a atuação do partido e a implantação do ideário comunista no país.

Os primeiros dirigentes comunistas, tendo Astrojildo Pereira na liderança, contavam com um conhecimento precário da doutrina marxista e acabavam utilizando conceitos e fazendo interpretações equivocadas dos textos de Karl Marx, sendo que no Brasil a teoria marxista era preterida em nome de autores russos como Lenin e Stálin, pois a maior influência dos comunistas brasileiros era a Revolução Russa, a prática comunista. De acordo com Moraes (2007, p. 135-136), foi notável o predomínio da política sobre a ideologia no espírito dos intelectuais e operários que pioneiramente aderiram ao combate político sob a bandeira do bolchevismo. Durante o processo de fundação do partido, inúmeros textos bolcheviques foram publicados no Brasil, sendo um dos principais *A democracia burguesa e a democracia proletária* de Lenin. Outros textos, manifestos e discursos de Lenin, Máximo Gorki, Clara Zetkin, foram publicados entre 1919-1921, em jornais e semanários progressistas no país. (MORAES, 2007) Assim, os primeiros teóricos do partido mal conheciam os textos de Karl Marx e baseavam seus escritos no “marxismo refundado”, que seria a teoria marxista reformulada, de acordo com a prática revolucionária russa, tendo como referência as obras de revolucionários russos, como Lenin e Stálin e as orientações da Internacional Comunista. (DEL ROIO, 2007) Havia também, dificuldades na difusão da doutrina devido à falta de tradição marxista no movimento operário brasileiro e a dificuldade na obtenção das obras de Marx, que foram traduzidas para o português pioneiramente pelo PCB. A debilidade teórica do partido é ressaltada por Basbaum (1976), que em uma passagem de suas memórias nos diz muito sobre esse problema no partido. Ele relata que por volta de 1926, Astrojildo o incumbiu de explicar aos operários a obra de Karl Marx *O Capital*, sendo que Basbaum não a conhecia. Astrojildo, então, arranhou para Basbaum um resumo da obra e juntamente com o *ABC do Comunismo* e alguns livros de Lenin em francês, acreditou ter resolvido o problema. E, desse modo, Basbaum iniciou o curso, mas não o terminou, pois os operários não estavam preparados para um curso dessa natureza, de acordo com Basbaum. A partir desse relato, percebemos que os intelectuais do partido, tinham consciência da necessidade da difusão da teoria marxista, mas desorientados, absorvidos por tarefas urgentes, reuniões partidárias, publicações de periódicos, exigências da IC, fracassaram nessa tentativa. Portavam um conhecimento estreito e rudimentar sobre o marxismo, mas se consideravam capazes de propagar um conhecimento que não dispunham ou que dispunham parcialmente. Afinal, como Basbaum explicaria um livro que ele nunca havia lido? Certamente, através de resumos e textos de Lenin, não seria realizado um curso satisfatório sobre *O Capital*. E como os

operários, os quais, provavelmente, tinham uma precária alfabetização ou nem isso, compreenderiam uma obra densa e teórica como essa? Talvez, nem o próprio Astrojildo conhecesse o texto, mas sabia de sua importância, pois via a necessidade de divulgá-lo no meio laboral. Portanto, na década de 20, os intelectuais estavam perdidos em sua tarefa de apreensão e difusão da doutrina marxista.

Com a consolidação do poder de Stálin na União Soviética, a teoria de Marx foi deixada de lado, sendo elaborado e difundido o “marxismo-leninismo”, que seria a cristalização da visão do novo líder soviético. (KONDER, 1988) Acreditamos que na década de 1920, o PCB contava com uma orientação teórica guiada pelo “marxismo-leninismo”, ou seja, predominava no partido uma orientação stalinista. Essa concepção stalinista do marxismo-leninismo é observada, por exemplo, no texto de Brandão, que é reconhecido como a primeira tentativa de análise marxista da realidade brasileira e já no título apresenta sua apreensão teórica, ao se denominar um “Ensaio Marxista-Leninista”. Outro exemplo, válido para essa afirmação, é a teoria da revolução em etapas, difundida pelo PCB na década, a qual indica o referencial teórico stalinista que atuava na defesa do “etapismo”, método que compreendia a cristalização do processo histórico em etapas. Partindo desse princípio, os teóricos do partido passaram a defender que o próximo passo, no processo revolucionário brasileiro, seria a etapa da revolução democrático pequeno-burguesa, que antecederia a etapa ideal, na qual se estabeleceria a ditadura proletária. Contudo, a formulação teórica do partido, esboçada por Octávio Brandão e Astrojildo Pereira, tem como objetivo inserir o movimento operário como sujeito sociopolítico autônomo no processo de desagregação da dominação oligárquica, descartando a tradição cultural anarquista, contando com elementos como a formação cientificista e o pensamento positivista. (DEL ROIO, 2007) Assim, a caminhada político-doutrinária do PCB, em seus primeiros anos de existência, partia do bolchevismo rumo ao marxismo, apreendidos através da hermenêutica staliniana. (MORAES, 2007) E, foi sobre esse alicerce, que surgiu o marxismo no país.

Entretanto, com o passar dos anos, os intelectuais do partido se aprofundaram nas questões teóricas marxistas e se dedicaram à educação de seus quadros militantes, assim como, de outros grupos sociais não dominantes e acabaram influenciando a sociedade como um todo, em um patamar político-ideológico e cultural. Essa tradição tem início com Marx e Engels e se difunde com pensadores, dirigentes e partidos marxistas posteriores que potencializaram esse interesse através da produção e da difusão de cultura e seus meios. (RUBIM, 2007) O PCB seguiu essa tradição, apesar das dificuldades provindas principalmente da clandestinidade, lutando pela democratização do acesso das massas à

cultura. Assim, o partido brasileiro buscou, durante toda a sua existência, estruturar uma rede de aparelhos culturais que alcançou uma intervenção político-ideológica significativa na sociedade. Na década de 20, por exemplo, o PCB realizou palestras, cursos e organizou escolas para militantes e dirigentes partidários, enviou seus filiados às escolas internacionais mantidas por PCs. O partido se dedicou ainda à atividade editorial, editando livros, predominantemente, de divulgação marxista, como obras de autores soviéticos, obras clássicas de Marx e Engels, textos de comunistas brasileiros. A partir dos anos 50, esse trabalho de educação se torna mais sistemático e formalizado, quando se amplia o leque da influência marxista, que passa a ser verificada nas artes plásticas, na atividade cinematográfica, na música popular, no carnaval, na música erudita, no rádio, na televisão, nos esportes, enfim, nos mais diversificados espaços da cultura e da arte, a teia do PCB penetrou com intensidade variada, deixando marcas. Porém, segundo Rubim (2007), a subordinação teórica irrestrita ao “marxismo-leninismo” e a ampla submissão política ao Partido Comunista Soviético, acabaram inibindo o desenvolvimento criativo do marxismo no Brasil, gerando, também, uma limitada interpretação da realidade brasileira.

Portanto, é inegável a importância do Partido Comunista Brasileiro, na implantação e propagação do marxismo no país, forjando uma nova cultura política focada no trabalhador, tirando-o da marginalização política e o colocando no centro do debate. O PCB foi o primeiro partido a se estabelecer a nível nacional e a se colocar como o representante político dos trabalhadores, os inserindo na tríade política-ideologia-cultura. Sendo que essa cultura política foi amplamente utilizada no país, tendo alguns elementos apropriados por homens públicos e organizações partidárias, que passaram a falar para e em nome dos trabalhadores. Mas para a realização desta tarefa político-cultural, os comunistas precisaram compreender a situação concreta do país e difundi-la para as camadas menos esclarecidas, viabilizando a exposição de suas ideias diferenciadas e de propostas que solucionariam os inúmeros problemas nacionais. Nessa etapa, a primeira geração dirigente do partido tem uma função fundamental, pois promove a ruptura definitiva com o ideário anarquista, ao desenvolver questões importantes sobre a realidade do país, se destacando as análises de Brandão e Astrojildo. De acordo com Zaidan, os comunistas brasileiros, na década de 20, realizaram importantes análises sobre a natureza do Estado Republicano, que representam um grande avanço em relação às concepções políticas dos anarcossindicalistas e antecipam temas relevantes da historiografia contemporânea referentes à Primeira República, como: a regionalização da estrutura de classes, a hegemonia política mineiro-paulista, o reacionarismo antiproletário, o dualismo agricultura/indústria. (PEREIRA, 1980) No entanto, duas lacunas podem ser destacadas nos

escritos comunistas do período: o papel do imperialismo e o lugar da pequena burguesia na sociedade republicana. Pois, nesse momento, os teóricos comunistas não percebem que, em determinadas situações, a política do governo se sujeita antes aos desígnios do imperialismo inglês do que à elite cafeicultora e havia também a incompreensão do lugar da pequena burguesia no sistema de alianças da classe dominante. Algumas questões relevantes, referentes à república brasileira, desenvolvidas por Astrojildo, foram selecionadas, constituindo um material importante para a análise do grau de compreensão da cultura política oligárquica que o partido dispunha, contra a qual se projetava na década de sua fundação.

Em fevereiro de 1922, Astrojildo publica em *Movimento Comunista*, o seguinte texto sobre as eleições nacionais:

Com as eleições, a se realizarem no próximo dia 1º de março, vai a candente questão presidencial entrar numa fase decisiva. (...)

É evidente que a solução eleitora, pura e simples, dará ganho de causa ao Sr. Arthur Bernardes. Não é que o candidato mineiro conte com maior simpatia ou prestígio entre a população votante do país. Sabemos todos que votos, por si mesmos, nada valem, nada significam e nada representam. O que vale e decide é a máquina eleitoral. Ora, achando-se a máquina eleitoral, como se acha, dominada pelos propugnadores da candidatura de Bernardes, bem claro está que essa máquina só funcionará segundo a vontade daqueles que a dominam e manejam. Sobre este ponto não pode, pois, subsistir a menor dúvida. (...)

Tornamos a repetir: o proletariado nenhum interesse tem em intervir na contenda Nilo-Bernardes. Um ou outro que suba a presidência, será um presidente de uma república burguesa, chefe constitucional de um regime capitalista, de opressão e exploração dos trabalhadores. Mas indiferença entre a alternativa Nilo ou Bernardes não significa indiferença ou inércia diante dos acontecimentos. Muito pelo contrário.³³

E, em janeiro de 1923, no mesmo periódico, Astrojildo expõe:

Dentro das fronteiras nacionais, o caso culminante da quinzena foi um caso político: o da intervenção federal no Estado do Rio. Quando se procedeu à eleição para a sucessão presidencial nessa unidade federativa da República, dois candidatos se apresentaram “aos sufrágios das urnas” – um governista e outro oposicionista. Como é de regra em todas as eleições, o candidato governista – por isso que o governo tem nas suas mãos a máquina eleitoral – teve maioria dos votos, sobre o seu competidor na oposição. Era um fato líquido e vulgaríssimo. Mas acontece que a situação dominante no Estado do Rio era momentaneamente contrária à situação dominante na União, isto é, a Minas e São Paulo. Os oposicionistas fluminenses, pelo contrário, eram apoiados por São Paulo e Minas. A coisa se resolveu, por conseguinte, segundo os interesses do mais forte, mesmo em detrimento do direito do mais fraco. O governo da União – isto é, Minas e São Paulo – ordenou a ocupação de Niterói, derrubando o adversário aí dominante para em seu lugar colocar gente aliada e amiga. (...) São Paulo e Minas, os dois estados

³³ PEREIRA, Astrojildo. O dever mais urgente. In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 18-19.

mais ricos e mais poderosos da União, necessitam para defesa de seus interesses maiores, de impor sua hegemonia política sobre o país inteiro. Por outras palavras: sua hegemonia política é uma decorrência lógica de sua hegemonia econômica. Uma espécie de imperialismo interno. (...)

A propósito... Quanto nos custa, aos trabalhadores do Brasil, essa comissão executiva? Aqui temos à vista o decreto governamental que fixa o orçamento da despesa da União para o exercício corrente de 1923. Essas coisas do alambique orçamentário sempre andam envoltas num como transcendente mistério, superior ao entendimento rude das massas contribuintes. Convém, pois, divulgá-las em sua crua nudez, descascados de mistério e transcendências. (...)

Só o Exército e a Marinha gastam quase 3 vezes mais que a Saúde pública, instrução pública e a Agricultura, Indústria e Comércio tudo junto. A polícia militar custa ao Tesouro mais dinheiro – uma vez e meia mais... que a instrução pública. Para um país de 80 a 50% de analfabetos é simplesmente admirável! Mas para que comentar? A eloquência muda das cifras diz mais do que poderiam dizer mil palavras vãs...³⁴

Nesses trechos, o foco de Astrojildo é a crítica ao sistema eleitoral vigente na Primeira República, marcado pelas fraudes e corrupção. No início de 1922, ele prevê o resultado das eleições presidenciais que se confirmaram com a eleição do mineiro Arthur Bernardes, graças ao escandaloso sistema eleitoral brasileiro do período. De acordo com Fausto (1972), os estados que detinham o maior poder político eram São Paulo, o estado economicamente mais importante e Minas Gerais, o estado com o maior eleitorado. O sistema vigente no país de 1889 a 1930, característico do processo político da Primeira República, foi denominado “Liberalismo Oligárquico”, coexistindo uma constituição liberal e práticas políticas oligárquicas (RESENDE, 2006). A expressão ambígua e contraditória revela que a república, cujo pressuposto teórico é um governo que representa os interesses coletivos, teve significado limitado na construção da democracia e na expansão da cidadania no Brasil. Esse sistema, denunciado por Astrojildo, era baseado na dominação de uma minoria e na exclusão da maioria da população do processo político, isto é, as oligarquias estaduais, com destaque para a aliança política entre São Paulo e Minas, apesar dos desentendimentos e alguns rompimentos, monopolizaram o poder durante esse período.

O voto não era obrigatório e o povo, em regra, encarava a política como um jogo entre os grandes ou uma troca de favores. Seu desinteresse crescia quando nas eleições para presidente os partidos estaduais se acertavam, lançando candidaturas únicas, ou quando os candidatos da oposição não tinham qualquer possibilidade de êxito (FAUSTO, 1995, p. 262).

³⁴ PEREIRA, Astrojildo. Nossa palavra. IN: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 68-69.

Desse modo, os resultados eleitorais não refletiam a realidade, o voto era aberto gerando a submissão dos eleitores à pressão dos chefes políticos e a fraude eleitoral era uma prática comum. Contudo, o texto de Astrojildo expõe os abusos do sistema político de forma clara e dinâmica, demonstrando que o partido se preocupava com a realidade do país, desde a sua criação, principalmente, com os acontecimentos políticos, como a intervenção ocorrida no Rio de Janeiro, na tentativa de orientar e informar os trabalhadores acerca do que estava acontecendo no país. Revela ainda, de forma irônica, os gastos absurdos e extravagantes do governo brasileiro e com esses dados, provavelmente, ele pretendia gerar revolta nas classes menos favorecidas, mostrando que só uma nova forma de governo poderia reverter essa situação.

No mesmo seguimento de análise sócio-política, encontra-se o artigo publicado por Astrojildo, em fevereiro de 1923:

*Como no Estado do Rio, também no Rio Grande do Sul se vão fazendo sentir os efeitos da hegemonia política de São Paulo e Minas na vida do país. A oposição rio-grandense, como a fluminense, apoiada por São Paulo e Minas, proclama inválida a investidura do presidente situacionista reeleito e empossado e pretende desalojá-lo a todo custo e tomar seu lugar, tudo isso com o apoio e para o benefício está visto, da política mineiro-paulista. (...) Toda a política nacional, nestes trinta anos de República, tem sido dirigida segundo os interesses maiores dos dois grandes Estados – íamos dizer das duas grandes potências-centrais. (...) Tiremos agora, de todas essas considerações, algumas breves conclusões, segundo o ponto de vista dos interesses da classe operária. Ora, a hegemonia de São Paulo e Minas na política do Brasil significa o predomínio da fração mais forte, mais poderosa do capitalismo nacional sobre toda a vida do país. A política mineiro-paulista se caracteriza ainda pelo seu reacionarismo anti-proletário. São Paulo é o Estado brasileiro industrialmente mais adiantado, onde os capitalistas têm uma consciência de classe mais desenvolvida. Minas é principalmente um Estado-carranca, onde predomina o espírito estreito do fazendeiro semi-feudal e do pequeno burguês sórdido e retrógrado. E ambos são impregnados pelo clericalismo e pelo beatismo mais embrutecedores. Assim, quanto mais se vai reforçando sua hegemonia na política do país, tanto mais vai esta adquirindo os caracteres mais acentuadamente reacionários. Já temos visto que até aqui todas as medidas e leis de exceção contra os trabalhadores são sempre de iniciativa paulista, a que não falta jamais a coadjuvação jesuítica de Minas... É preciso, pois, que o proletariado brasileiro se preocupe em penetrar e compreender a significação dos acontecimentos políticos nacionais, para tomar, segundo seus interesses de classe, as mais adequadas medidas de defesa contra as ameaças da voracidade plutocrática, que é insaciável.*³⁵

³⁵ PEREIRA, Astrojildo. Nossa palavra. In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 72 e 76.

De acordo com Fausto (1995), a hegemonia mineiro-paulista, que marca o início da república no Brasil, é complexa e para compreendê-la faz-se necessário analisar as relações entre São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul. Na esfera federal, os políticos paulistas se concentravam nas iniciativas para obter apoio aos planos de valorização do café, ou seja, a elite política paulista defendia os interesses da burguesia cafeeira, de onde provinham muitos de seus membros. Minas Gerais era um estado economicamente fragmentado entre café, gado, indústria, sem ter um pólo dominante. Sem o potencial econômico de São Paulo, tinha na Câmara dos Deputados a maioria da bancada, assim, os políticos mineiros controlavam o acesso a vários cargos federais e através da união com os paulistas, apoiavam a valorização do café, de acordo com seus interesses. A presença dos gaúchos na política nacional relaciona-se com a presença militar e sua principal defesa econômica era o charque, principal produto da região. Havia ideais comuns entre a visão dos republicanos gaúchos e o grupo militar, como por exemplo, a defesa do positivismo. Nessa região de fronteira importante, concentravam-se os maiores efetivos do Exército e a luta armada na região havia favorecido o contato entre os oficiais e os partidos políticos. Desse modo, Fausto afirma que o Rio Grande do Sul era o centro mais articulado de oposição ao núcleo agrário-exportador, pelo qual o Exército tinha pouca simpatia. Porém, nos períodos de ruptura da aliança mineiro-paulista, as oligarquias de Minas e do Rio Grande do Sul se aliavam, como em 1910, na eleição do marechal Hermes da Fonseca e na “Aliança Liberal” em 1929. Mas em outras eleições as oligarquias de Minas e São Paulo tiveram a oposição do Rio G. do Sul aliado ao Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, como em 1922, na eleição do mineiro Bernardes. Em outras circunstâncias, como em 1926, o paulista Washington Luís é eleito com o apoio de Minas e do Rio Grande do Sul. Portanto, essa política de alianças oligárquicas era instável e diversificada, não era tão simples quanto Astrojildo acreditava e expunha em seus artigos. Mas de qualquer forma, através dos textos de Astrojildo, o PCB se mostra lúcido e envolvido nos problemas políticos e econômicos da sociedade brasileira, descartando a ideia de que o partido seria apenas um seguimento do movimento internacional, que não interagira com a realidade nacional.

Para remediar a quebradeira do Tesouro Nacional, o novo governo, por intermédio do Parlamento, recorreu ao velho expediente da agravação tributária. Os eminentes Corifeus da finança burguesa desta terra – e de outras terras – são assim. Os orçamentos acusam déficits? Não há nada. Contraem-se alguns empréstimos. Parte do cobre emprestado evapora-se, pelo caminho, em descontos, comissões, propinas e comilanças de toda a espécie, mas o resto sempre consegue chegar às arcas públicas. Todavia, não consegue esquentar as arcas. Promovem-se obras grandiosas, iniciam-se empreitadas de encher o olho do povo e o bolso dos empreiteiros... e

quando se chega ao fim de um quadriênio, a quebradeira é mais grave que no começo, os déficits aparecem mais vultuosos. Arma-se então um debate agourento em torno da falência iminente do país, a assustar o pobre Jeca com a “linguagem do desespero” das mensagens e dos discursos apocalípticos. Em seguida, fatalmente, lá vem a medicação de sempre: mil novas ventosas – impostos no lombo do contribuinte patriótico e passivo. (...) E a classe pobre, a classe laboriosa que pague e não bufe! É com sangue, o suor e as lágrimas do povo trabalhador que o alambique orçamentário produz dinheiro.³⁶

Nesse trecho publicado em janeiro de 1923, em *Movimento Comunista*, Astrojildo utiliza de sua “crítica impura”, irônica e perspicaz, para expor o grande problema orçamentário que o país vivia no período, destacando os diversos empréstimos contraídos do exterior e a administração pública deficiente e corrupta. Ele tem como foco desconstruir a imagem do governo, esclarecendo os homens simples e pobres sobre o escandaloso sistema financeiro-administrativo vigente na Primeira República, demonstrando que os maiores prejudicados eram, na verdade, os que mais precisavam de ajuda, os trabalhadores. Esse quadro crítico esteve presente na maior parte dos governos do período inicial da república brasileira, pois desde o final do século XIX, Campos Sales assume a presidência com uma crise política, econômica e financeira instituída (RESENDE, 2006). Outro grave problema foram as sucessivas políticas econômicas de valorização do café, que garantiram a rentabilidade do setor, pois o produto era o principal gênero produzido e exportado pelo país na época, porém, elas somente asseguravam a alta artificial do preço do produto mas não evitavam a superprodução, que era o principal motivo da desvalorização do mesmo. Sendo que a oligarquia paulista forjou as instituições estatais e transformou-as em instrumento de seus interesses. (FAUSTO, 1972) Essas políticas “valorizadoras” geralmente levavam o país a contrair mais empréstimos e eram extremamente prejudiciais ao orçamento da união.

Morreu Ruy Barbosa... Isso afinal tinha que acontecer um dia. Mas foi uma tragédia. A Pátria se cobriu de luto. A república desandou a chorar que nem uma bezerra desmamada. A Grande Imprensa, unânime, como é de hábito nas grandes ocasiões, enquadrou nas tarjas mais largas e mais negras seus soluços de reverência e desolação. Os cultores e profissionais da Retórica, de que o morto foi o Mestre incomparável, aturdiram as ouças públicas com suas catadupas verbais, num delírio lutulento, e impunemente... Numa palavra, a morte de Ruy assumiu proporções de verdadeira calamidade pública. Efetivamente, para a Pátria, a República, a Imprensa, a Retórica... a perda foi calamitosa. Apagou-se o Sol de seu sistema. Pura verdade. Porém, não menos pura verdade é que o proletariado não perdeu coisa alguma com isso. Antes pelo contrário, como dizia o outro...³⁷

³⁶ PEREIRA, Astrojildo. Nossa palavra. In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 63.

³⁷ PEREIRA, Astrojildo. Nossa palavra. In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 85.

O comentário sobre a morte de Rui Barbosa foi publicado em março de 1923, em *Movimento Comunista*. Algo relevante é a maneira como Astrojildo se refere a Rui, o que demonstra sua transmutação ideológica. O intelectual Rui Barbosa era um homem à frente de seu tempo, defendia ideias inovadoras para sua época como o federalismo, o abolicionismo, os direitos individuais e, dessa forma, conquistou, na primeira década do século, a admiração do jovem Astrojildo Pereira, o qual participou ativamente da campanha civilista de 1910, em apoio à candidatura de Rui. A derrota de Rui foi um grande choque para Astrojildo, que como exposto no primeiro capítulo, pode ter o levado ao movimento anarquista. Porém, nesse trecho selecionado, é notável que a morte de Rui para Astrojildo nos anos 20, foi um fato sem importância, tratando do assunto em poucas linhas de maneira superficial, ressaltando com irônica a comoção nacional que gerou e afirmando que esse fato não deveria repercutir no meio dos trabalhadores, pois Rui seria um representante do sistema excludente, que oprimia a classe laboral. E, assim, se explícita a mudança de dogma de Astrojildo Pereira e o seu olhar sobre as questões nacionais, inspirado pelas concepções bolcheviques, voltado aos problemas das classes menos favorecidas.

O apelo da IC aos operários e camponeses da América do Sul salienta o esforço tenaz com que o imperialismo “procura na América do Sul um mercado seguro para suas mercadorias, visto que o capitalismo na Europa, em razão do abalo de sua base social, não lhe pode mais comprar com segurança”. (...)

Até antes da Guerra era a Grã-Bretanha o país que maiores interesses financeiros e comerciais tinha no Brasil. Interesses por assim dizer históricos, tradicionais, que datam dos primórdios do século XIX. (...) O último cômputo (incompleto) dá um total de 138.955.814 libras de empréstimos ingleses aos governos federais, estaduais, municipais do Brasil. Igualmente vultuosos são os capitais ingleses investidos na indústria brasileira: 100.963.188 libras, segundo os cálculos mais recentes. Há mais de meio século funcionam no Brasil os bancos ingleses The London & River Plate Bank, The London & Brazilian Bank, The British Bank of South America.

Durante e após a guerra, os Estados Unidos aparecem no Brasil como um concorrente poderoso – já vitorioso em alguns pontos – da Grã-Bretanha. (...) Em 1921 o Brasil devia aos reis da Wall Street nada menos que 155.500.000 dólares. É um progresso... Antes da guerra, se não me engano, não havia nenhum banco americano instalado no Brasil; hoje há vários, poderosíssimos. Mas é sobretudo no intercâmbio comercial que o predomínio econômico da América do Norte sobre o Brasil se mostra claríssimo, desbancando de longe todos os países da Europa. (...)

Como é de ver, os importadores ingleses, alarmados, tomam enérgicas medidas no sentido de recuperarem seu antigo lugar no comércio para o Brasil. (...)

*A América do Sul constitui, assim, um dos pontos cardeais da arena mundial onde se chocam os interesses antagônicos do imperialismo ávido de poder e de ouro.*³⁸

Nesse trecho, Astrojildo procura expor a disputa imperialista entre Grã-Bretanha e Estados Unidos após a I Guerra Mundial, onde o país europeu perdeu sua hegemonia comercial e o país americano estava aumentando a sua influência econômica sobre o Brasil. Esse artigo publicado em maio de 1923, apesar de conter no título e citar em algumas passagens a América do Sul, só retrata a situação do Brasil, talvez por Astrojildo não ter dados suficientes sobre esta questão nos outros países sul-americanos, ou por ter como base as teses genéricas da IC, sem o conhecimento necessário da realidade e das especificidades de cada país. E, assim, Astrojildo torna os fatos homogêneos, como se a ação e os interesses do imperialismo inglês e norte-americano fossem os mesmos em todos os países do sul da América. Esse tipo de generalização demonstra a falta de maiores informações e reflexões sobre o assunto no interior do PCB, isto é, o partido assume uma visão simplista e limitada sobre o imperialismo, em seus primeiros anos de existência.

Os textos de Astrojildo Pereira, apesar de simples e até ingênuos em certos pontos, refletem a análise possível de um comunista, ex-anarquista, no início dos anos 20, fazer sobre a sociedade em que vivia e contra a qual lutava. Apesar dos esforços na apreciação da realidade social brasileira, o partido na década de 20 era constituído de pequenos grupos de agitação e propaganda e possuía um conhecimento limitado da situação do país, principalmente, no que tange a estrutura econômica e política. No entanto, é notável o esforço de Astrojildo e dos intelectuais de sua geração em superar a cultura política dominante/oligárquica, lutando pela constituição de uma nova cultura política.

A cultura dominante das primeiras décadas do século XX é a denominada *Belle Époque*, objeto de estudo do historiador Jeffrey Needell (1993). De acordo com o autor, havia uma dependência cultural do Brasil com a Inglaterra e a França, no início do século, gerando um predomínio da cultura de origem européia na estrutura social e econômica, principalmente, do Rio de Janeiro, a capital do país. Desse modo, os elementos estrangeiros se fundiam e se mesclavam com os elementos nativos. A “*belle époque carioca*” inicia-se no governo de Campos Sales em 1898, com o poder sendo conquistado pelas elites regionais e a estabilidade recuperada proporcionando condições para uma vida urbana mais elegante. Assim, nesse ano,

³⁸ PEREIRA, Astrojildo. O imperialismo yankee e os países sul-americanos. In: _____. **Construindo o PCB**. op. cit. p. 100-101.

as elites agrárias e seus aliados instalaram-se solidamente no topo da hierarquia sócio-econômica, triunfando sobre os projetos políticos radicais.

Segundo Needell, a *belle époque* no Rio de Janeiro significou tanto a continuidade do passado colonial quanto o potencial de mudança do novo período e, de certa forma, foi o “afrancesamento” da capital do país, pois no século XIX, a França e a Inglaterra eram vistas como “civilizadas”, sinônimos de alta cultura e sofisticação e, por isso, a elite brasileira tentou copiá-las. Foram, então, realizadas reformas urbanas, sanitárias, arquitetônicas, enfim, o mapa da cidade foi reformado, pois acreditava-se que a civilização seria alcançada através de mudanças que seguissem os modernos padrões europeus. O autor cita algumas mudanças culturais e sócio-econômicas ocorridas no Brasil, nesse período, como: a complexidade dos hábitos da alta sociedade e sua natureza mais cosmopolita, o papel mais ativo das mulheres de elite, a difusão do luxo, a europeização da arquitetura e da decoração doméstica, e a europeização cultural. Essas mudanças foram possibilitadas pelo aumento da riqueza, das viagens e da influência estrangeira em um porto em expansão. E, assim, as práticas culturais aristocráticas franco-inglesas serviram para reforçar e legitimar a distinção e a superioridade da elite carioca.

A cultura política da Primeira República era totalmente elitizada, assim como a educação, pois os poucos colégios existentes eram caríssimos, inacessíveis à maioria da população. Dessa forma, a familiaridade com as letras e o respeito pelos literatos eram comuns aos que pertenciam ou aspiravam à elite, sendo o Rio de Janeiro o centro de produção e difusão da literatura no período. Para o autor, a literatura era um aspecto essencial do fetichismo do consumo e da ideologia da civilização. Nessa época, o intelectual no Brasil tinha que conviver com gente da alta classe, ainda que tudo o separasse dela, porque era a única que sabia ler. Analisando a obra de Needell, torna-se mais visível a dificuldade de Astrojildo Pereira, tanto no anarquismo quanto no comunismo, na divulgação de seu ideário, pois era um jornalista contrário ao sistema, que tentava difundir novas ideias através de periódicos, tendo como público-alvo as classes subalternas, as quais eram distintas das classes altas justamente pela falta de acesso à educação e à informação. Ou seja, o povo brasileiro, durante a Primeira República, não estava alheio apenas à política, mas igualmente à cultura, o que talvez seja ainda mais revelador e mais grave. Portanto, um dos aspectos centrais da cultura dominante é a desigualdade cultural, onde a elite tinha acesso exclusivo à educação e à cultura, fato que a discernia das classes baixas. Astrojildo se coloca radicalmente contra esses padrões culturais europeus, sempre preocupado com a democratização da cultura, incentivando as classes laborais a saírem da alienação cultural e política, tentando de diversas maneiras tornar

acessíveis as informações aos trabalhadores, por meio de suas publicações em periódicos, leituras públicas e cursos nos sindicatos. Certamente essa questão cultural foi a mais prejudicial para o desenvolvimento do PCB, na década de 20, além dos problemas teóricos e organizativos internos, foi a barreira mais difícil de ser superada pela nova cultura política defendida pelos comunistas brasileiros.

Notamos, pela trajetória de Astrojildo e por seus escritos, que o anarquismo teve importância central na contestação da cultura vigente no país, assim como, foi preponderante na constituição do PCB, afinal o partido foi formado, prioritariamente, por militantes que migraram do anarquismo para o comunismo. Desse modo, a fase anárquica foi essencial para esses militantes, que passaram a contestar a república liberal e seus mandatários. Ou seja, o anarquismo foi o caminho encontrado por Astrojildo e pelos primeiros militantes partidários, para chegar ao comunismo e então forjar uma nova cultura política no Brasil. E, apesar dessa convergência e ligação entre os anarquistas e comunistas dos anos 20, eles empreenderam uma campanha de críticas e ofensas mútuas, como pode ser visto nos artigos de Astrojildo.

Portanto, o anarquismo possibilitou a Astrojildo Pereira o acesso ao ideário marxista. Mas, a partir das análises desses escritos de circunstância de Astrojildo, reunidos por Zaidan, fica evidente a sua visão limitada, o seu marxismo rudimentar e vago, entretanto, é necessário considerar a seguinte questão: no contexto brasileiro, saindo do anarquismo, em um país sem tradição marxista, vivendo em uma sociedade oligárquica, sendo perseguido por essa sociedade e realizando suas atividades na ilegalidade, seria possível que ele tivesse um conhecimento amplo e aprofundado da doutrina de Marx? Provavelmente não. Isto é, Astrojildo e os intelectuais de sua geração, apresentam um conhecimento modesto de Marx porque essa foi a possibilidade que eles tiveram, considerando o contexto de marginalização e mobilização política inerente à sua época. Assim, Astrojildo não poderia ser um exímio conhecedor do pensamento marxista em 1922 ou 1923, pois contava com um recente desligamento do anarcossindicalismo, com sua adesão ao comunismo ocorrida por volta de 1920, com a dificuldade na obtenção das obras de Marx e Engels no Brasil, com o grande impacto da Revolução Russa e da III Internacional, que passou a exercer grande influência no movimento operário brasileiro. Por mais mérito intelectual que tivesse, Astrojildo encontra-se ligado intrinsecamente à sua época, à sua sociedade, à sua classe social, pois originário da pequena burguesia era herdeiro de um arsenal ideológico específico, assim como, não tinha meios financeiros de adquirir as obras clássicas de Marx no exterior. Além disso, vale ressaltar, que o PCB está contra a cultura dominante, porém, seus militantes são fruto dessa cultura, fato que cria também dificuldades em superá-la. Contudo, percebemos que a luta em

direção à superação da cultura política oligárquica, foi bastante complexa, tendo Astrojildo Pereira, papel de destaque na caminhada rumo à implantação da cultura política comunista no país, através de seus escritos pioneiros e de sua atuação na liderança do PCB, nos primeiros anos da agremiação.

As temáticas analisadas nesse capítulo constituem os pilares básicos da cultura política inserida pelos comunistas no país, pois foram desenvolvidas nos dois primeiros anos de existência do PCB, pelo seu secretário-geral, que é uma das maiores referências intelectuais do período. Portanto, Astrojildo Pereira é o porta-voz do PCB na década de 20, sendo o intelectual mais esclarecido e melhor informado a respeito dos acontecimentos na Rússia e da doutrina comunista, por isso, seus escritos são tão importantes para a compreensão dessa época multifacetada, onde o partido iniciou sua atuação na sociedade brasileira. O enfoque recai sobre o caráter nacional e internacional do PCB, que se constituía por meio de uma relação híbrida expressada em suas formulações teóricas e em sua atuação; e, também sobre a principal luta do partido naquele momento, que foi a organização sindical, a qual significou uma novidade em relação à política dominante e ainda em relação à política desenvolvida até então no meio operário. Sendo que o maior êxito do partido foi ter inserido a classe laboral no cenário político brasileiro, através de uma organização partidária, algo inédito em uma sociedade onde predominava a política oligárquica, excludente e monopolista, que contava com um movimento de oposição operário baseado nos princípios anárquicos que se opunham a qualquer tipo instituição e organização. Assim, o Partido Comunista Brasileiro elabora uma ruptura em todos os níveis, políticos, culturais e ideológicos, existentes até então.

Capítulo 3. *Formação do PCB: Memória e História por Astrojildo Pereira*

Neste terceiro e último capítulo, nossa análise incidirá sobre a obra *Formação do PCB*, publicada originalmente em 1962. Apesar de ser uma coletânea de artigos e publicações de Astrojildo Pereira, esse livro conta com uma diferença fundamental em relação ao livro analisado no capítulo 2, *Construindo o PCB*, pois constitui uma seleção de textos realizada pelo próprio autor, atendendo a um critério bem específico: produzir pioneiramente um material que servisse de base para uma posterior construção histórica sobre o Partido Comunista Brasileiro.

Muitos camaradas e amigos entendem que podemos (e, até, que devemos) escrever a história do Partido. Pessoalmente não nos sentimos com ânimo para enfrentar tamanha empresa, e pensamos mesmo que por enquanto é extremamente difícil senão impossível fazê-lo, pelo menos como trabalho individual. A documentação existente se encontra dispersa, exigindo prévio arrolamento e classificação, sem o que será sempre precário o trabalho dos historiadores. Nem nos esqueçamos de que o PCB, em quarenta anos de vida, passou pelo menos trinta e cinco na ilegalidade, e que uma das regras mais elementares da vida ilegal consiste precisamente em reduzir ao mínimo certos documentos. Acreditamos de tal sorte que o melhor que se pode fazer desde já, como contribuição útil, necessária e relativamente fácil, é a elaboração de monografias sobre determinados períodos da vida do Partido (e bem assim sobre o movimento sindical e outros movimentos de massa), coletâneas de documentos, depoimentos pessoais, memórias, reportagens, etc. Contribuição igualmente possível será a publicação de ensaios parciais ou gerais sobre a história do Partido, tentativas provisórias de interpretação e de síntese. A história propriamente dita virá a seu tempo, como construção científica resultante da reelaboração de todos esses trabalhos prévios.

Esse volume não pretende outra coisa senão servir de material a essa construção. E não será difícil perceber nestas páginas mais de uma sugestão para monografias e ensaios, (...) Tais sugestões serão outras tantas formas de estimular o aparecimento de novos materiais para a história do PCB. (...) Limitamos o nosso trabalho do período de formação do Partido, que é menos conhecido e sobre o qual podíamos prestar melhor depoimento, com algumas anotações críticas e autocríticas. (PEREIRA, 1979, p. 41 e 42)

Compreendendo as pretensões de Astrojildo e, sobretudo, considerando que esse livro corresponde a uma homenagem aos 40 anos de existência do PCB, onde sua fundação é destacada, vamos analisá-lo partindo de três pontos centrais: 1. A “tradição inventada” por Astrojildo com esse livro e o seu contexto de produção, o fim dos anos 50 e início dos anos 60; 2. O caráter memorialístico e histórico da obra, considerando as memórias em conflito no interior do PCB, o movimento de lembrar e esquecer contido na obra e na história do partido;

3. O jovem militante dos anos 20 e o experiente intelectual dos anos 60, as permanências e rupturas presentes no pensamento de Astrojildo Pereira.

Em 1962, foi lançada a primeira edição de *Formação do PCB*, publicada pela editora Vitória, no Rio de Janeiro. (PANDOLFI, 1995) Seu lançamento foi comemorado com grande festa no estádio Caio Martins, em Niterói. A partir de então, a obra contendo alguns artigos anteriormente divulgados e outros escritos em 1960 e 1961, se tornou a principal e quase exclusiva fonte sobre os primeiros anos do PCB.

3.1 Uma tradição a ser “inventada”

As palavras de Astrojildo sobre a obra *Formação do PCB* parecem-nos, num primeiro momento, algo singelo, simples pretensões de um antigo militante comunista, que visa registrar uma parte de sua memória e história no partido. Mas quando nos detemos no livro, percebemos que Astrojildo acaba criando, direta ou indiretamente, uma “tradição” dentro do PCB e da esquerda no Brasil. A ideia de desenvolver a história do partido foi esboçada pioneiramente por Astrojildo, assim como, o método a ser utilizado para tal feito, contribuindo com rico material, onde registra a sua experiência no partido, no período de formação, no qual ganhou notoriedade como principal líder da agremiação. Além disso, a história do partido acaba dando legitimidade ao movimento comunista e aos militantes que o construíram, num contexto de desmoralização e desestruturação do PCB. Assim, surge a ideia de que a história legítima do partido seria aquela escrita pelos próprios militantes, personagens que tiveram alguma proximidade com a organização. De acordo com Hobsbawm,

por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM, 1997, p. 9)

Portanto, com *Formação do PCB*, Astrojildo Pereira inventa/cria uma tradição sobre a prática revolucionária comunista no país, onde militantes e adeptos do movimento se identificam com uma origem nos anos 20, esboçada por ele. Hobsbawm ao repensar a problemática da tradição acredita que quando ocorre referência a um passado histórico, as

“tradições inventadas” estabelecem com ele uma continuidade bastante artificial. Para o autor, essas tradições são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase obrigatória. Um dos tipos de “tradição inventada” é aquela que estabelece ou legitima Instituições, status ou relações de autoridade. Acreditamos que a tradição da história do partido comunista é uma maneira de torná-lo perene, legitimando a sua importância perante a sociedade brasileira.

De acordo com Hobsbawm, “a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição” (1997, p. 12). Assim, na história do PCB, a sua formação na década de 20 é muito importante, pois é o momento de criação de um novo instrumento de luta, de decisivas batalhas e conflitos, dos quais o partido saiu fortalecido e vingou. Nesse percurso inicial, à fundação de 1922 é atribuído um significado especial, pois se torna o momento simbólico, o lugar comum da identidade comunista. Para Dulce Pandolfi,

no processo de recuperação da história do PCB, o momento de fundação é significativamente o marco fundamental. É o momento ritual. Constantemente lembrado, a ele é atribuído um sentido mítico. É aí que os comunistas vão buscar as grandes virtudes, a principal razão de ser da organização. Ele é, sem dúvida, o principal “lugar da memória” do partido. (PANDOLFI, 1995, p. 70)

A história do PCB que o próprio partido elaborou, exalta 1922 como o marco inicial da nova era, o rompimento com o passado cheio de indefinições, de acordo com Pandolfi. A visão dos militantes sobre a fundação nunca se modificou e, assim, o dia 25 de março foi sempre celebrado com grande fervor. Ao longo dos anos, nas comemorações da fundação do partido o tom foi sempre de glorificação, sendo que as lembranças dos aspectos simbólicos do ritual vêm acompanhadas das lembranças do clima de repressão e de clandestinidade. Durante toda a história do partido, a ideia era comemorar 1922 como o momento de criação do “verdadeiro” partido da classe operária. Por fim, notamos que a história do PCB, essencialmente a sua fundação, a qual segue a tradição criada por Astrojildo, denota legitimidade ao partido. Sobre o Congresso de fundação do PCB, Astrojildo relata:

Depois de outras resoluções de caráter secundário e aprovadas as moções (Saudação à Internacional Comunista; Saudação à Revolução Russa; À memória dos Heróis da Revolução; Saudação aos perseguidos pela reação capitalista; Ao Bureau da IC para a América do Sul; Aos partidos comunistas da Argentina e do Uruguai; Aos trabalhadores do Brasil), deu-

se o congresso por encerrado, entoando os delegados, de pé, comovidamente, as estrofes da Internacional. Um viva a Terceira Internacional, e estavam terminados os trabalhos preliminares de fundação do Partido Comunista do Brasil.

Nem por serem poucos e sem exagerarem a modéstia de sua obra, os delegados presentes ao congresso não menos convictos se mostravam da importância histórica do ato que realizavam. Eles representavam, ali, senão organicamente, de certo em espírito, as aspirações mais altas do proletariado do Brasil, finalmente integrado na vanguarda revolucionária do proletariado mundial. (PEREIRA, 1979, p. 73)

No entanto, para Hobsbawm, as “tradições inventadas” são indícios e seu estudo só avança se integrado a uma análise mais ampla, abrangendo o contexto da história de determinada sociedade, pois “toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal.” (HOBSBAWM, 1997, p. 21) Verificamos que a comemoração dos 40 anos de vida do PCB e a publicação do livro de Astrojildo, ocorrem em um momento delicado tanto do partido, que se encontra desmoralizado e desestabilizado pelas denúncias dos crimes de Stálin, quanto da sociedade brasileira, a qual está prestes a sofrer o golpe militar de 1964. Trata-se, portanto, de um contexto histórico-social diferente daquele dos anos 20, onde o partido foi fundado e o vínculo com a Internacional Comunista garantia a legitimação necessária.

Esse novo contexto no interior do PCB começou a ser delineado a partir de abril de 1953, com a morte do maior líder comunista de então, Stálin. Em fevereiro de 1956, ocorreu o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), onde Nikita Krushev, o novo líder soviético, leu o relatório que denunciava o “culto à personalidade” e fez várias e sérias acusações, como autoritarismo e crimes, ao período stalinista. (SEGATTO, 1995) O informe caiu “como uma bomba” sobre o movimento comunista internacional e deu-lhe uma “sacudida brutal e dramática”, de acordo com Segatto. Os comunistas de todos os países receberam a notícia perplexos e constrangidos. O PCB manteve um absoluto silêncio sobre o relatório durante vários meses.

Quando a delegação do PCB ao XX Congresso regressou e atestou a veracidade do relatório, a CCE (Presidium) se recusou a tomar uma posição. Em outubro de 1956, os jornalistas militantes do partido resolveram iniciar o debate sobre os reflexos do XX Congresso do PCUS, em seus periódicos *Voz Operária* e *Imprensa Popular*, à revelia da direção do PCB. (SEGATTO, 1989) Devido às repercussões e ao rápido crescimento das críticas e protestos, a direção do partido se posiciona, dirigindo e limitando o debate. As principais críticas dirigidas ao PCB são: o monolitismo teórico, a centralização global, a ausência de democracia interna, a disciplina militarizada e o dogmatismo que permeou toda a

sua política. (VINHAS, 1982) Com a intensificação do debate, as divergências e conflitos foram aumentando no PCB e alguns militantes acabaram contra o partido, preconizando sua dissolução, como Agildo Barata e Osvaldo Peralva. Outro grupo, comprometido com o passado que se pretendia mudar, queria que o PCB se recusasse a fazer autocríticas, como Diógenes Arruda, João Amazonas, Maurício Grabois. Entre os extremos predominou uma corrente disposta a realizar uma autocrítica profunda, mas preservando o partido. Astrojildo Pereira, abalado com a situação, reconheceu o seu anterior apoio ao “culto da personalidade” de Stálin e tentou avaliar os aspectos positivos e negativos do ditador soviético. (CHILCOTE, 1982)

O vínculo com a Internacional Comunista, que anteriormente era motivo de orgulho e motivação, passou a ser problemático e desconfortável para o partido e seus militantes, com as denúncias dos crimes de Stálin. O movimento internacional comunista, em seu conjunto, sentiu o abalo e o PCB sofreu mais uma dissidência. Em setembro de 1961, em uma conferência nacional, o Partido Comunista do Brasil mudou de nome para Partido Comunista Brasileiro, visando facilitar o seu registro eleitoral e sua legalização, passando a enfatizar o caráter nacional do partido. (RODRIGUES, 1983) Porém, analisando a situação delicada do movimento comunista internacional, fica claro que essa mudança de nome, além de uma questão prática de tentar legalizar o partido, implica uma negação e/ou omissão ao vínculo internacional soviético, o qual o partido brasileiro havia ostentado por tantas décadas. Alguns ex-dirigentes e militantes comunistas que haviam abandonado ou sido expulsos do partido no final dos anos 50, como João Amazonas, Grabóis, Pomar, convocaram uma conferência nacional de oposição ao partido liderado por Prestes e reativaram o antigo nome, o qual ficou conhecido como PC do B, em hostilidade ao PCB. O PC do B defendia a tradição marxista-leninista-stalinista e o PCB apoiava as novas estratégias de Krushev. (RODRIGUES, 1983)

No V congresso do PCB em 1960, é salientado a luta pela democracia no país e a formação de uma frente única nacionalista e democrática. A luta pelo socialismo ainda não poderia ser direta e imediata, assim, o partido acredita em um caminho pacífico para atingir seu objetivo, a revolução antiimperialista e antifeudal. O eixo central da política dos comunistas era a unidade dos trabalhadores na luta por seus interesses. No início dos anos 60, a influência do PCB perpassa o movimento operário e os trabalhadores rurais, alcançando o movimento estudantil, os intelectuais, as Forças Armadas, entre outros setores. (SEGATTO, 1989)

A repercussão desses acontecimentos para Astrojildo Pereira ocorreu em um período bastante difícil de sua vida, como expõe Basbaum (1976), o qual por volta de 1958 se

encontra com o velho amigo, que estava adoentado. Sua situação financeira era péssima, pois Astrojildo sobrevivia com um pequeno salário pago pelo partido, mas naquela ocasião o PCB não tinha condições de continuar ajudando-o. Astrojildo confessou ao amigo que sofrera uma série de humilhações de Arruda e Grabóis (dirigentes do PCB nos anos 50), os quais não permitiam que falasse ou escrevesse por ser “um mero intelectual pequeno-burguês”. Basbaum sugeriu que ele tomasse uma atitude, mas Astrojildo se recusou, pois preferia morrer dentro do partido que havia fundado. Porém, Basbaum acreditava que aquele não era mais o partido que Astrojildo e outros militantes haviam fundado e liderado nos anos 20, pois, para ele, a essência havia se perdido. Astrojildo acreditava que um dia o PCB encontraria novamente o seu rumo, já Basbaum não acreditava mais nisso e, assim, preferiu afastar-se da organização.

A inquietação no interior do PCB foi acompanhada pelo clima de agitação e insegurança que se perpetuou na sociedade brasileira, a partir do início dos anos 60, o qual determina o contexto de publicação de *Formação do PCB*. Em 1960, Jânio Quadros foi eleito presidente do Brasil e João Goulart o vice. (CHILCOTE, 1982) Jânio, apesar de conservador, em sua campanha eleitoral, visando atrair os eleitores de esquerda, visitou Cuba de Fidel Castro, recém-saída da revolução, a qual instaurou o regime socialista no país. Ao assumir a presidência, Jânio defendeu uma política externa independente que procurava mercados nos países socialistas e afirmava a liderança do Brasil no mundo subdesenvolvido. A essa época, Luís Carlos Prestes, líder máximo do PCB, atribuiu ao vice-presidente a liderança da luta pela legalização do PCB. (CHILCOTE, 1982) Contudo, entendemos que a Revolução Cubana de 1959 e o triunfo do socialismo em Cuba, ocasiona uma nova onda propulsora para o PCB, uma nova motivação, pois se trata de um país americano se convertendo à doutrina de Marx, defendida pelo partido por cerca de 40 anos. É um novo exemplo a ser seguido, o que acaba renovando as energias e as esperanças dos militantes brasileiros.

Entretanto, algumas medidas de Jânio desagradavam os setores conservadores e tradicionais da sociedade brasileira. Somado a isso, em 1961, Jânio condecora Ernesto Che Guevara, um dos líderes da Revolução Cubana, com a Ordem do Cruzeiro do Sul, a mais alta honraria nacional. Esse fato precipitou a crise que resultou na renúncia do presidente. Com isso, o país entrou em uma crise estrutural contínua sob a liderança de Goulart. (CHILCOTE, 1982) No governo de João Goulart, surgem novas forças nacionalistas e de esquerda, sendo que nesse período, o Brasil restabeleceu as relações diplomáticas com a União Soviética.

Goulart encontrou diversos obstáculos à sua administração, como o sistema parlamentarista, onde ficou impedido de governar livremente. Ao mesmo tempo em que seus

adversários aumentavam e se fortaleciam, Goulart conseguia novos pontos de apoio, como os comunistas do PCB, que nesse período apoiaram o presidente contra o parlamentarismo e se envolveram profundamente na organização dos trabalhadores urbanos e rurais. A agitação e as greves no meio operário se transformaram em acontecimentos cotidianos, assim, as forças conservadoras se afastaram de Goulart e passam a organizar um golpe contra o seu governo. (CHILCOTE, 1982)

E, por fim, em 31 de março de 1964, os militares se revoltam, alegando que o governo Goulart estava infiltrado de comunistas, como justificativa para o golpe de Estado, de acordo com Chilcote. O presidente deposto partiu para o exílio no Uruguai. Desse modo, mais uma vez os comunistas, vertente política que tem como ideal a revolução transformadora, ficaram de fora da drástica mudança ocorrida no país, assim como, aconteceu em 1930. Ou seja, tanto 1964 quanto 1930, são momentos de grande agitação e propensos às mudanças, dentro de suas devidas proporções, os quais o PCB não soube se apropriar da perspectiva transformadora e acabou alheio aos acontecimentos e, além disso, nas duas ocasiões o partido foi coagido e desestruturado pelos golpistas vencedores, os militares em 64 e o governo Vargas nos anos 30. No entanto, vale ressaltar, que os golpes de 1930 e 1964 são extremamente diferentes, cada um contém suas próprias especificidades. O golpe de 30 foi um movimento antioligárquico, liderado por Getúlio Vargas, o qual se autoproclamou presidente do país, promovendo mudanças significativas na estrutura política, social e econômica brasileira. (FAUSTO, 1970) Já o golpe de 64 foi um movimento contrarrevolucionário, inserindo no país uma rígida ditadura militar, não havendo grandes modificações estruturais na sociedade. Os acontecimentos pertinentes ao início dos anos 60 e aos golpes de 30 e 64 foram abordados de forma simplista, pois o mais importante é entender a motivação da agitação social dos anos 60, não nos detemos nos fatos, pois estaríamos saindo do nosso foco.

Uma questão relevante nesse contexto é a temática da revolução, que surge no Brasil na década de 1920, tanto no interior do PCB quanto nos levantes tenentistas e é adaptada aos movimentos de 1930 e 1964. A primeira tentativa de teorização da revolução brasileira, do ponto de vista marxista, foi um texto de Brandão publicado na revista partidária *Autocrítica*, em 1928, com o título *O proletariado perante a revolução democrático pequeno-burguesa*. (DEL ROIO, 2007) Por meio de um aparato teórico encontrado em formulações de Marx, Lenin, Bukharin (o dirigente mais destacado da IC), Brandão pretende produzir uma análise da situação concreta, apelando para comparações sócio-históricas, principalmente com a Revolução Russa, para convencer o partido da necessidade de fazer alianças com as forças de oposição ao regime oligárquico, ou seja, com os revoltosos pequeno-burgueses. Porém, os

comunistas acabaram perdidos em formulações teóricas e genéricas, com análises irreais da sociedade brasileira e não conseguiram realizar a sua revolução.

A partir da década de 1980, o tema da revolução brasileira foi neutralizado e perdeu o sentido, com a revolução burguesa completada, a constituição do modo de produção capitalista no país e o sistema entrando em uma nova fase, a mundialização do capital. Assim, desde os anos 70, a crise do marxismo e do PCB se aprofunda, o marxismo passa por diversas interpretações e o PCB se desmantela com os rachas internos, provenientes da ditadura militar e com o colapso do socialismo na União Soviética, acaba substituído pelo PT – Partido dos Trabalhadores, o novo representante do movimento operário brasileiro. (DEL ROIO, 2007) No Brasil, forjou-se uma singular cultura política de inspiração marxista, que foi predominante durante o processo de revolução burguesa, tendo como influência principal o stalinismo.

A discussão proposta nessa primeira parte do terceiro capítulo tem como foco a compreensão de como o livro *Formação do PCB* define uma tradição no partido, a partir da conjuntura no interior do PCB e no âmbito nacional. Para tanto, partimos do contexto de crise que o partido se encontrava, provocada pelas denúncias de Krushev aos crimes de Stálin e, assim, o livro constitui um potencial importante para demarcar as bases, as raízes, o pertencimento e a identidade do partido. Com a crise exposta, o movimento comunista internacional sofre forte abalo e o PCB acaba se distanciando de sua identidade que era constituída pelo vínculo com a IC, pois o partido se colocava como a “seção brasileira da IC”, mas nesse momento, o partido prefere preterir a ligação com o organismo internacional em nome de uma nova identidade e uma nova orientação. A partir da crise, o partido passa por um processo de renovação de quadros, de lideranças e de intelectuais ligados a ele, porém, Prestes se mantém na liderança absoluta, assim como, Astrojildo que faz autocríticas, mas continua ao lado do partido que há tempos fundara. A sociedade brasileira também passa por modificações nesse período, os anos 60 começam com a agitação de diversos setores da sociedade, com os conservadores se organizando na iminência de um golpe para depor o presidente, utilizando como justificativa a sua aproximação com a esquerda. Portanto, com a publicação do livro, os militantes comunistas passam a se identificar com a sua história, onde o período de formação do partido é destacado e a década de 20 acaba se eternizando na história do partido como o período heroico do PCB.

3.2 As “lembranças” e os silêncios de Astrojildo Pereira

O estudo de *Formação do PCB* nos levou diretamente ao estudo das memórias, principalmente, as memórias em conflito. Consideramos o livro de Astrojildo uma obra memorialística e histórica, onde o movimento de lembrar e esquecer está bastante vivo, nos revelando diversas questões. De acordo com Feijó (2001), nesse livro a memória é articulada quarenta anos após os fatos acontecidos, a partir de uma preocupação em construir uma memória histórica, altamente seletiva e conscientemente destinada à própria tarefa de construção do PCB, no início dos anos 60. Assim, Feijó caracteriza *Formação do PCB* como um livro de memórias e de construção de um discurso histórico. Compará-lo aos textos do calor da hora é uma forma de analisar como o conhecimento e, portanto, a linguagem, se transforma de acordo com o ponto em que se observam os fatos. Para o autor, na tentativa de organizar o partido, o discurso comunista tinha até mais importância que a representatividade orgânica, pois convencer seria próprio da retórica, da ação do discurso, do trabalho intelectual. Além disso, acreditamos que estudar o PCB é considerar as memórias em conflito, em seu interior, a lembrança e o esquecimento de sucessivos grupos dirigentes que se afirmavam no poder “soterrando” a memória do grupo anterior, como ocorreu com Astrojildo e a geração intelectual dos anos 20, os quais, no início dos anos 30, acabaram excluídos do partido, sua memória foi desconsiderada em nome da “proletarização” do partido, com a exaltação da memória e dos costumes operários.

A problemática da memória foi estudada com excelência por Maurice Halbwachs (1990) e Michel Pollak (1989), os quais utilizamos como base teórica para analisar o “lugar da memória” onde os tempos se misturam, ou seja, o livro de Astrojildo Pereira e a mescla dos anos 20, o qual ele está narrando e os anos 60, onde ele está escrevendo. Em primeiro lugar, entendemos a memória como algo que recompõe e situa o sujeito no mundo de uma forma singular, através de lembranças. Entretanto, de acordo com Halbwachs, a memória individual está atrelada à memória coletiva, as quais se inter-relacionam, mas não se misturam. O primeiro tipo de memória (interior, pessoal e autobiográfica) se apoia na segunda (exterior, social e histórica), pois a história individual se insere na história em geral. Para o autor, a memória se torna “ativa” quando “traços” são estabelecidos, os quais fazem o papel de um elo. Assim, a memória coletiva só seria ativada se as memórias individuais estabelecerem os traços necessários. Halbwachs afirma que a memória individual é capaz de absorver da

memória coletiva coisas que lhe parecem suas lembranças, isto é, como se cada memória individual fosse um ponto de vista sobre a memória coletiva e esse ponto de vista mudasse conforme o lugar que a pessoa ocupa. No entanto, a memória seria algo em permanente processo de transformação, pois aglutina-se, retira-se, confrontam-se lembranças, de acordo com as transformações do indivíduo e de seu meio social. Sendo que, para ele, não existe memória universal, pois toda memória coletiva tem suporte num grupo limitado, no espaço e no tempo. Seguindo a definição da memória e a interação entre memórias individuais e coletivas, em outro polo da discussão, Pollak afirma:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irredutíveis. (POLLAK, 1989, p.9)

A abordagem de Pollak privilegia o conflito entre memórias, as memórias no plural, entendendo que há uma relação de oposição entre as memórias marginalizadas (subterrâneas, esquecidas, apagadas) e a memória oficial. Para o autor, memória é conflito, sendo construída a partir do presente, na busca pela legitimação. Já Halbwachs acredita que a memória se estrutura em torno do poder, a partir da construção de um consenso, de acordo com determinados pertencimentos. Portanto, os autores divergem em suas colocações sobre o estudo da(s) memória(s) e, assim, neste estudo utilizaremos a perspectiva de Pollak, o qual defende uma ruptura na questão da memória, não acredita em consenso e sim que algumas memórias são soterradas e outras são construídas sobre o “cadáver” das soterradas.

essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa. (POLLAK, 1989, p. 4)

Opondo-se à mais legítima das memórias coletivas, a memória nacional, essas lembranças são transmitidas no quadro familiar, em associações, em redes de sociabilidade afetiva e/ou política. Essas lembranças proibidas (caso dos crimes estalinistas), indizíveis (caso dos deportados) ou vergonhosas (caso dos recrutados à força) são zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade englobante. Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, "não-ditos". As fronteiras desses silêncios e "não-ditos"

com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos. (...)

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. (POLLAK, 1989, p. 8)

As definições de Pollak se aplicam diretamente ao PCB, onde ao longo de sua história, sempre existiu uma disputa e um conflito pela memória do partido, se situando nesse panorama a obra *Formação do PCB*, a qual estabelece a memória do principal líder do partido nos anos 20, sobre esse período. Nesse trabalho de Astrojildo, fica nítido o movimento de lembrar e esquecer, ou seja, algumas lembranças expostas e valorizadas e outras silenciadas, soterradas. De acordo com Pollak, a reconstrução, posterior, da história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência. Quando a pessoa narra a própria vida, em geral, tenta estabelecer certa coerência por meio de laços lógicos entre “acontecimentos-chave” (que aparecem de uma forma mais solidificada e estereotipada) e uma continuidade, resultante da ordenação cronológica. “Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros.” (POLLAK, 1989, p. 14)

Ao estudarmos as memórias, muitas vezes privilegiamos o que está dito, ou seja, as lembranças e não percebemos que o silêncio constitui uma parte essencial nesse estudo, pois a partir dele, delineamos conflitos, mágoas, ressentimentos, traumas, que podem dar consistência e fundamentação a um estudo. No livro de Astrojildo, o silêncio se faz presente em alguns momentos, podendo ser percebido como esquecimento, pois se passaram 40 anos dos fatos vividos, porém, no que se refere à sua saída do partido, no início dos anos 30, certamente é uma lembrança amarga, a qual ele prefere soterrar ao escrever o livro.

o silêncio, além da acomodação ao meio social, poderia representar também uma recusa em deixar que a experiência do campo, uma situação limite da experiência humana, fosse integrada em uma forma qualquer de "memória enquadrada" que, por princípio, não escapa ao trabalho de definição de fronteiras sociais. É como se esse sofrimento extremo exigisse uma ancoragem numa memória muito geral, a da humanidade, uma memória que não dispõe nem de porta-voz nem de pessoal de enquadramento adequado. (POLLAK, 1989, p. 15)

No caso de Astrojildo e sua saída e expulsão do partido, verificamos que foi um período de muita dificuldade para o PCB, que passou a sofrer a interferência direta da IC, com um entendimento equivocado da nova política, a “proletarização”, adquirindo grande radicalização. Assim, o partido entrou em crise estrutural, com a expulsão e o afastamento de elementos importantes, perseguindo os intelectuais, os quais constituem os pilares de sua história inicial. Apesar desses acontecimentos fundamentais na formação do partido, pois se trata do encerramento do ciclo de uma corrente de pensamento e ação, acreditamos que Astrojildo privilegiou outros episódios importantes, silenciando esses acontecimentos na tentativa de que não entrassem na “memória enquadrada” ou oficial do partido. Nesse caso, o “não-dito”, a sutileza subjetiva de Astrojildo, constitui um trauma, um ressentimento, o qual não se deseja expor, principalmente, porque se trata de uma formulação pioneira de material para uma futura história do partido, não tendo a pretensão de reanimar polêmicas e momentos constrangedores tanto para o partido quanto para os militantes.

Portanto, de acordo com Pollak, a longo prazo, o problema que se coloca para as memórias clandestinas é o de sua transmissão intacta até o momento em que elas possam invadir o espaço público e passar do “não-dito” à contestação e à reivindicação. Já a memória oficial tem sua credibilidade, sua aceitação e sua organização, sempre questionadas. E, assim, para construir um fundo comum de referências, que possam constituir uma memória nacional/oficial, um intenso trabalho de organização é indispensável para superar a simples “montagem” ideológica, por definição precária e frágil. A memória “clandestina”, “subterrânea”, de Astrojildo gerou dificuldades na elaboração deste trabalho, pois os acontecimentos referentes à sua saída e ao final do período de formação do partido são valorizados e necessários para a construção da argumentação. Ou seja, chegou o momento desse “não-dito” vir à tona e ganhar o espaço público. Porém, com o seu silêncio, a transmissão dessa memória não se manteve intacta, havendo diversas explicações e questionamentos sobre os fatos. De um lado, se constituiu uma “memória oficial” do partido, onde os intelectuais dirigentes dos anos 20 são responsabilizados pelos erros do partido, tendo seu afastamento justificado. Por outro lado, se encontram memórias desses intelectuais, os quais criticam o partido, apontando equívocos e a interferência da IC, como a principal responsável pelos ressentimentos e humilhações que sofreram.

Octavio Brandão acredita que o silêncio de Astrojildo, sobre a exclusão dos intelectuais do partido nos anos 20, contido em *Formação do PCB*, é inadmissível, pois estaria ocultando a história, sendo graves erros silenciados em nome de razões pessoais. (BRANDÃO, 1978) Conclui, assim, que Astrojildo é um oportunista que nunca se curou do velho sectarismo

crônico. Percebemos, com isso, que até os anos 70, quando Brandão escreve suas memórias, sua rivalidade com o antigo companheiro de lutas, era ainda bastante arraigada. Brandão diz que foi atacado, combatido e condenado no interior do partido, em nome de uma estratégia absurda oriunda da IC, a revolução soviética imediata. Ameaçado de expulsão, aceitou e defendeu uma ideia em que não acreditava e fez autocríticas por erros que ele não acreditava que tivesse cometido. Mas acabou demitido da CCE em 1930, sendo hostilizado pelo PCB. Com menor radicalidade, Basbaum narra os fatos, dizendo que no início dos anos 30, o problema da “proletarização” foi discutido e ficou decidido que o número de intelectuais na direção do partido seria reduzido. (BASBAUM, 1976) Assim, Basbaum foi afastado da liderança do partido, substituído por um legítimo proletário. E, ficou chocado ao saber que o Comitê Central havia destituído todos os antigos membros intelectuais de seus cargos, pois nesse momento, o partido lutava contra os intelectuais. Astrojildo havia sido dispensado de todas as suas obrigações e acusado de resistir à “proletarização”, nesse momento os intelectuais deveriam receber ordens dos operários. Preso e exilado, Basbaum tem notícias de que o partido estava se desestruturando e que Astrojildo o havia abandonado. Portanto, nas memórias de ambos os intelectuais é perceptível certo ressentimento por terem se dedicado integralmente ao partido e acabarem excluídos dele. Apesar desse período final da liderança intelectual no PCB já ter sido detalhado no primeiro capítulo, algumas lacunas permaneceram quanto à atuação de Astrojildo nesse processo. Em relação à saída de Astrojildo do PCB, os dois intelectuais se colocam superficialmente, pois antes dele, Basbaum e Brandão já haviam sido afastados do partido e não puderam acompanhar o desenrolar dos acontecimentos. Portanto, essa memória silenciada de Astrojildo faz bastante falta a este estudo, não permitindo que os fatos sejam esclarecidos como gostaríamos.

De acordo com Pandolfi (1995), a trajetória do partido foi permeada por conflitos entre “heróis” e “bandidos”, sendo que a passagem de um polo para outro, ocorria com muita rapidez. O partido primava pela coesão e homogeneidade, por isso, as divergências em seu interior foram fatores de desagregação, desvios, traições. Já Marçal Brandão (1997), afirma que o contraste entre a enormidade do esforço e o pífio resultado é diretamente proporcional à capacidade do partido de atrair e afastar intelectuais, sendo que os partidos comunistas teriam a tendência de apelar para os intelectuais quando estão no fundo do poço e deles se descartam quando estão em alta. Após o afastamento dos intelectuais dos anos 20, Rodrigues (1983, p. 382) expõe que esses “dirigentes históricos” voltaram ao partido, com a onda democrática que aflora no país em 1945, porém, não tinham mais influência no sistema de decisão, embora recebessem algumas tarefas de confiança da nova equipe dirigente. Astrojildo chegou a ser,

posteriormente, readmitido no CC, ocupando-se de assuntos culturais e no IV Congresso do partido em 1954, proferiu o discurso de abertura, o que era considerado uma honra. Basbaum foi encarregado de hospedar Prestes por quase um ano, além de organizar uma editora para o partido, arrecadar finanças, entre outros. Brandão, quando voltou da União Soviética, foi incluído na legenda do partido e foi eleito vereador no Rio de Janeiro. Mais tarde, foi novamente marginalizado.

Assim como as memórias são esquecimentos, são lembranças também e nesse aspecto o livro de Astrojildo se destaca, pois está repleto delas. Em um dos artigos presentes em *Formação do PCB*, intitulado *Os primeiros dias do partido*, Astrojildo relata as características centrais de sua fundação:

O congresso de fundação do partido não foi coisa realizada de improviso, mas resultou de um trabalho de preparação que durou cerca de cinco meses. Por iniciativa e sob a direção do Grupo Comunista instalado no Rio a 7 de novembro de 1921, outros grupos se organizaram nos centros operários mais importantes do país, com o objetivo precípua de marchar para a fundação do partido. Tinha-se em vista estabelecer certos pontos de apoio nas regiões onde havia alguma concentração de massa operária. Compreendia-se, por outro lado, que o partido devia ter desde o início um caráter definido de partido político de âmbito nacional. (...)

Os grupos comunistas eram constituídos, em sua absoluta maioria, por operários ativistas do movimento sindical, e assim desde o início se constituiu o partido sobre uma firme base proletária. Eis porque a preparação política e prática para a realização do I Congresso se desenvolveu em estreita ligação com a atividade dos comunistas dentro dos sindicatos, com a sua participação nas lutas operárias e nas ações de massa. Não é demais chamar a atenção para o que havia de positivo neste aspecto da formação inicial do partido. (...)

A formação do partido se processou, de tal sorte, em pleno fogo das lutas de classe e, ao mesmo tempo, sob o fogo de uma dura luta ideológica, que era o reflexo, no Brasil, e segundo as condições brasileiras, da luta ideológica travada no plano mundial pela Terceira Internacional. (PEREIRA, 1979, p. 77 e 78)

Nesse artigo, algumas observações podem ser feitas, como a preocupação de Astrojildo em afirmar que o partido não foi fundado de qualquer forma, mas que foi resultado de um trabalho de preparação, teórica e prática, dos grupos comunistas, ganhando destaque o grupo do Rio. Outro ponto importante é, no início dos anos 20, o partido se estabelecer a nível nacional, pois nesse período os partidos desenvolviam suas atividades a nível regional, sendo esta uma grande inovação do PCB, produzida pelos militantes comunistas que o fundaram. A afirmação de Astrojildo de que o partido surgiu a partir de uma “firme base proletária” também nos interessa, pois esta foi uma preocupação predominante no partido durante toda a

sua existência, se afirmar como o legítimo partido do proletariado, ocasionando inclusive o ostracismo dos intelectuais da geração de Astrojildo. Sendo que essa preocupação se expandiu para os interpretes do partido, sempre discutindo o envolvimento dos verdadeiros proletários com o partido, como fator de legitimação do mesmo. De acordo com Rodrigues (1983), a composição predominante não-operária e policlassista do PCB, reflete em sua precária inserção social e marca sua visão política através de um tom mais nacionalista do que marxista. Em outro polo da discussão, segundo Marçal Brandão (1997), esse é um problema geral, pois todos os movimentos sociais e partidos políticos brasileiros acabam buscando seus quadros dirigentes nas camadas médias. Para o autor, a identificação da extração pequeno-burguesa com um partido débil ou inautêntico supõe um paradigma de partido, especialmente operário, o qual seria pura idealização, incompatível com a sociedade brasileira, partindo de uma correlação linear classe-partido-Estado. Assim, acreditamos que a afirmação dos comunistas de que seu partido é puramente proletário, consiste em uma abstração, constituindo mais uma tentativa de legitimação, como se o partido proletário fosse sinônimo de êxito político, não correspondendo ao panorama sociopolítico nacional. Além disso, encontramos também a referência à Terceira Internacional no discurso de Astrojildo. Apesar do escandaloso relatório Krushev, das críticas ao organismo internacional comunista e da tentativa da direção do partido de se distanciar dos soviéticos e se afirmar como nacional, Astrojildo mantém resquícios da orientação internacional, que seguiu durante toda sua militância comunista.

Nos meios intelectuais, a fundação do partido não teve repercussão imediata. Lima Barreto veio a falecer precisamente no ano de 1922, mas tudo leva a crer que tomaria posição a favor do partido. Outro escritor e jornalista residente no Rio, que vinha também do anarquismo e que desde o início formou ao lado dos comunistas, foi Domingos Ribeiro Filho, durante muitos anos redator-chefe da popular revista Careta. Em São Paulo, o veterano Afonso Schimidt foi dos primeiros a escrever em defesa do comunismo e da Revolução Russa. Ainda em São Paulo, o poeta Raimundo Reis, já falecido, e o jornalista Everardo Dias, provado combatente revolucionário, foram dos primeiros a aderir ao partido. Em Pernambuco devemos mencionar o Professor Cristiano Cordeiro, líder popular de grande prestígio, que organizou o Grupo Comunista do Recife e foi seu delegado ao congresso de fundação do partido. Rodolfo Coutinho, então jovem estudante pernambucano, deve ser lembrado entre os primeiros intelectuais que ingressaram no partido.

Convém recordar que a formação do partido se processou durante meses de extrema tensão política, motivada sobretudo pela campanha da sucessão presidencial. Realizada a eleição a 1º de março de 1922, a luta política, em vez de amainar, cresceu de intensidade e virulência. A 5 de julho, o Forte de Copacabana tomou a palavra. Foi vencido, mas continuou fumegando. O

governo decretou o estado de sítio. Com isso, viu-se o partido jogado na ilegalidade, três meses e pouco depois do congresso de fundação. Mas o fato mais significativo que devemos aqui salientar é que o partido não desapareceu, nem cessou a sua atividade, nas novas e difíceis condições criadas pelo estado de sítio. (PEREIRA, 1979, p. 79 e 80)

Nesse trecho, ainda do artigo *Os primeiros dias do partido*, Astrojildo se recorda dos intelectuais que prontamente aderiram ao PCB e alguns que participaram ativamente da fundação e organização do partido. A referência aos intelectuais é importante, pois geralmente são “esquecidos” na história do partido, entretanto, tiveram importante função na divulgação dos novos ideais comunistas no país, no trabalho de propaganda inicial. Astrojildo, apesar de exaltar os proletários na base do partido, opta por não silenciar os homens mais próximos a ele, com os quais se identificava e constituía uma rede de sociabilidade. A proximidade de Astrojildo com os intelectuais é fundamental na compreensão da trajetória do partido nos anos 20, conforme discutimos no primeiro capítulo deste trabalho. No final do artigo, Astrojildo faz uma rápida contextualização da política brasileira nos anos 20, o que é bastante importante para a compreensão das condições adversas que o partido enfrentou em sua formação, ressaltando a repressão e a ilegalidade, que sempre acompanharam o partido durante toda sua existência, dificultando o desenvolvimento e crescimento da organização.

Uma lembrança bastante importante contida no livro e determinante para o partido, está descrita no artigo *Encontro com Luiz Carlos Prestes*, datado de 1957, no qual Astrojildo diz:

Em dias da segunda quinzena de dezembro de 1927 – há trinta anos, precisamente – avistei-me com Luiz Carlos Prestes, na Bolívia, por incumbência da CCE. Seria talvez interessante contar um pouco por miúdo como e por que se deu esse encontro.

Sabe-se que o país viveu em estado de sítio quase permanente desde julho de 1922 a dezembro de 1926. O governo Washington Luís, empossado a 15 de dezembro de 1926, deixou que a medida de exceção se extinguisse sem mais prorrogação, e assim o ano de 1927 começou sem sítio. O partido, depois de quase cinco anos de vida ilegal, emergiu, por sua vez, para a luz do dia. (...) os meses de janeiro a agosto de 1927 se assinalaram por considerável impulso do movimento operário e por intensa agitação promovida pela pequena vanguarda comunista, que dispunha aliás de um jornal de massa, o vespertino A Nação dirigido por Leônidas de Resende (...) Com a aprovação pelo Parlamento de uma lei feroz visando diretamente ao partido e ao movimento operário, mergulharam os comunistas, de novo, na ilegalidade. A publicação do jornal foi suspensa, e o movimento operário, amordaçado. Nos meses que se seguiram, a CCE do partido procedeu a rigoroso exame da situação criada, chegando por fim a conclusão de que a derrota sofrida se devia principalmente às posições sectárias do partido. Levantava-se, em toda sua plenitude, o problema dos aliados para a classe operária e para a participação da classe operária no movimento revolucionário popular em marcha. Em resumo: tais considerações levaram a CCE a buscar uma

aproximação efetiva, em termos políticos, com a Coluna Prestes, que se havia internado na Bolívia justamente em fins de 1926 e cujo prestígio popular e revolucionário mantinha-se intacto e mesmo crescente. Decidiu a CCE, por maioria dos votos, enviar-me (na qualidade de secretário-geral do partido) à presença de Prestes. (...)

Decidida a viagem, segui para Corumbá, perto da fronteira boliviana. Obtive de Pedro Mota Lima, que era então diretor do jornal “tenentista” A Esquerda, uma carteira de repórter (...) a mala, que levava comigo, estava cheia de livros: tudo quanto pudemos conseguir, na ocasião, de literatura marxista existente no Rio – Marx, Engels, Lênin, etc., uma boa dúzia de volumes, quase todos em francês das edições de L’Humanité.

Chegando a Corumbá, procurei certo camarada do partido, que lá residia, um oficial reformado da Marinha, que eu conhecia do Rio, e por seu intermédio estabelecemos a necessária ligação com elementos da Coluna Prestes. Passei assim uns três dias em Corumbá, aguardando o momento do encontro em combinação. E aqui devo relatar um pequeno episódio, que no primeiro instante me deixou um tanto apreensivo. Eu estava, uma noite, a flunar pelas ruas da cidade, quando de repente avistei o coronel Bandeira de Melo. Este fora durante anos titular da delegacia de ordem política e social da polícia federal e meu velho conhecido de várias prisões que sofri no Rio. Corumbá era um lugar de natural vigilância policial contra a Coluna Prestes e o coronel Bandeira de Melo não estaria ali a veranear sob um calor de rachar. Mas o fato é que eu consegui avistá-lo antes que ele me avistasse e assim pude facilmente despistar. (PEREIRA, 1979, p. 127, 128, 129)

Nesses trechos, em primeiro lugar, ressaltamos as vivas lembranças de Astrojildo, passados trinta anos dos acontecimentos, o intelectual se mostra bastante lúcido e preciso. Inicia o relato com um panorama da situação política nacional, sendo algo que ele faz constantemente ao longo do livro, como uma maneira de justificar e legitimar as ideias e as ações dos comunistas dentro do partido e, acima de tudo, justificando o seu posicionamento, pois ocupava o cargo de liderança máxima do partido. E, nesse caso, a sua contextualização serve para explicar os motivos que levaram o PCB a tentar uma aproximação com Prestes e sua Coluna³⁹ em 1927. Outra lembrança singular de Astrojildo é a sua estadia em Corumbá, clandestinamente, com identidade falsa, sempre com companheiros que lhe davam abrigo e condições de prosseguir com essa existência “subterrânea”. De acordo com Pandolfi (1995), ao lado do heroísmo, abnegação e devoção à causa, ser comunista era também ser clandestino,

³⁹ A Coluna Prestes foi um movimento político-militar brasileiro ligado ao tenentismo. Insatisfeitos com a Primeira República, jovens oficiais, capitães e tenentes da classe média, desenvolveram reivindicações, como: a exigência do voto secreto, a defesa do ensino público e a obrigatoriedade do ensino primário para toda população. Deslocou-se pelo interior do país, pregando reformas políticas e sociais e combatendo o governo do então presidente Artur Bernardes e, posteriormente, de Washington Luís. Em sua marcha pelo Brasil, os integrantes da Coluna Prestes denunciavam a miséria da população e a exploração das camadas mais pobres pelos líderes políticos. Sob o comando principal de Miguel Costa e de Luis Carlos Prestes, a Coluna enfrentou as tropas do Exército ao lado de forças policiais de vários estados. Ver: DRUMMOND, José A. **O movimento tenentista**: a intervenção política dos oficiais jovens (1922-1935). Rio de Janeiro: Graal, 1986.

perseguido, enfim, marginalizado e discriminado pela sociedade. Esse aspecto é um traço fundamental da cultura comunista no Brasil, sendo os militantes do partido constantemente perseguidos e, assim, regularmente se disfarçavam e se escondiam, mas por vezes eram mal sucedidos, acabavam presos e torturados. Esse traço é tão marcante, que o episódio narrado por Astrojildo, pode nos parecer comum, irrelevante, porém, alguma marca produziu, pois trinta anos depois de ter visto o coronel Bandeira de Melo, o intelectual comunista ainda se lembrava da situação e da sensação de apreensão que sentiu, fugindo para despistar o seu “carrasco”. Octavio Brandão, o qual experimentou a fundo essa vida clandestina, fez uma poesia que diz muito sobre a experiência dos comunistas, sua marginalização e seus ideais, os quais justificam todo o seu esforço. No entanto, esse desabafo poético foi realizado em sua primeira prisão, em 1919, acusado de ser marxista, em *Na casa da Infâmia*, Brandão escreve:

*Perseguição, clareias a verdade,
Conferes um lirial fulgor à ideia,
Reforças meu amor à Liberdade,
Fazes da minha dor uma epopeia.*

*Em minha reclusão de legionário,
Batalhador sem trégua, mas obscuro,
Palpita um varonil clarão lendário
Que se projetará pelo Futuro.*

*Ser preso? Não importa! pois a vida
Vale somente pela imolação
Diante da ara grandiosa e dolorida
De um sonho universal, de uma paixão.*

*É glorioso marchar para a cadeia
Por defender o Ideal em mil batalhas,
Por ter a alma revel de raios cheia,
Castigando os vendidos e os canalhas.*

*Hoje sou como um réprobo, maldito,
Mas tenho fé que um dia a alma da História
Plena de luz, de vibrações, de glória,
Cantará minha dor, dirá meu grito!*
(Brandão, 1978, p. 131 e 132)

O ideal de “liberdade”, impulsionador dos comunistas, como podemos notar na poesia de Brandão e nos escritos de Astrojildo, também era comum aos integrantes da Coluna Prestes, os quais Astrojildo pretendia trazer para perto dos comunistas, através do apoio de Prestes. E, assim, continuamos com o relato de Astrojildo, chegado o dia combinado, o líder comunista

seguiu para a cidade boliviana *Puerto Suárez*, onde finalmente se encontrou com o líder tenentista:

Prestes viera de longe (se bem me lembro, de Santa Cruz de La Sierra) para a entrevista com o enviado da CCE do Partido Comunista. Recebeu-me numa casa, aliás bem modesta, em companhia de dois oficiais da Coluna. Aí passei quase dois dias, e conversamos longamente. Eu lhe transmiti claramente o pensamento da direção do partido sobre as questões que nos levaram a procurá-lo e que tudo se resumia em coordenar as nossas forças tendo em vista os objetivos comuns. Era, em suma, o problema político da aliança entre os comunistas e os combatentes da Coluna Prestes, ou, em termos mais amplos, entre o proletariado revolucionário sob a influência do Partido Comunista e as massas populares, especialmente as massas camponesas, sob a influência da Coluna e do seu comandante. (...)

Mas a conversa se estendeu no sentido de um exame geral da situação do país – e aí o repórter apurou os ouvidos, recolhendo uma série de importantes declarações de Prestes, que aproveitava a oportunidade para dirigir-se aos brasileiros por intermédio de um jornal como A Esquerda, estreitamente ligado aos movimentos populares de então. De regresso ao Rio, servindo-me quase que só da memória, redigi a longa entrevista que A esquerda publicou durante três ou quatro dias consecutivos, a partir de 3 de janeiro de 1928, data do trigésimo aniversário de Prestes.

A ocasião me permite esclarecer que a redação da entrevista, que produziu considerável repercussão, como se esperava, era de minha responsabilidade, embora publicada sem assinatura. Como porém não sofreu a menor contestação ou retificação, isto quer dizer que o repórter, escrevendo embora à sua maneira, soube interpretar com fidelidade o pensamento do entrevistado. Não será demais que o relembre agora, há trinta anos de distância, tanto mais que se trata da mais importante reportagem que fiz em toda a minha carreira de profissional (...). (PEREIRA, 1979, p. 129 e 130)

Astrojildo narra o seu encontro com Prestes de uma forma singular, sem grandes detalhes e entusiasmo, é frio e sintético. Acreditamos que naquele contexto do final dos anos 20, conseguir um encontro com o líder da Coluna era um privilégio de poucos, Prestes era um grande líder popular e para o partido esse encontro foi representativo da sua importância crescente. Entendemos que o relato produzido por Astrojildo tem um tom áspero, devido às denúncias de Krushev contra o “culto da personalidade”, o qual teve sua maior expressão no partido com o “prestismo” (movimento de exaltação à figura de Prestes) e ainda, por esse encontro não ter tido os resultados esperados na época, pois num primeiro momento, Prestes se recusou a fazer uma aliança com o partido. Assim, ganha espaço no artigo, a faceta de jornalista de Astrojildo, o qual relata as informações adquiridas de Prestes e a maneira como as transformou em uma entrevista que se tornou a mais importante de sua carreira. Com essa afirmação de Astrojildo, percebemos a relevância de Prestes na sociedade brasileira no período. Com isso, o jornalista perspicaz e atento, aproveitou a oportunidade gerada pelo líder

comunista, a qual resultou em seu apreciado trabalho. Porém, ao publicar a entrevista, Astrojildo expõe que não pode se identificar, devido à perseguição policial e repressão aos comunistas e a Prestes, que se encontrava exilado. Apenas trinta anos depois, pode se identificar como o autor da entrevista, o que demonstra o permanente clima de insegurança e instabilidade que marcou a vida dos militantes comunistas, durante várias décadas.

Disse no começo que levava na minha mala uma certa quantidade de livros de autores marxistas. Entreguei-os a Prestes dizendo-lhe que era nosso desejo que ele estudasse por si mesmo a teoria e a prática da política pelas quais buscávamos orientar o Partido Comunista, inteirando-se assim, não só dos princípios e fins da nossa atividade prática, mas também das soluções que a ciência marxista apresentava para os problemas sociais do nosso tempo. Devo hoje acrescentar que, ao dizer-lhe estas coisas, eu guardava a esperança de que Prestes, ao tomar conhecimento direto das ideias marxistas, não demoraria em compreender que elas exprimiam a verdade do presente e do futuro. Sua inteligência, sua honradez, sua experiência pessoal no contato com a gente e as coisas brasileiras fariam o resto. Os fatos demonstram que eu não me enganava. (PEREIRA, 1979, p. 130)

Astrojildo encerra o artigo reafirmando a sua crença inabalável na doutrina comunista e na sua correspondente verdade histórica. Portanto, Astrojildo Pereira tem uma relação intrínseca com o PCB e não apenas na década de 20, quando junto com outros militantes fundou e liderou o partido, mas por toda a história do PCB, pois esse encontro dos dois líderes foi fundamental para o futuro do movimento comunista brasileiro. A partir da literatura comunista que Prestes recebeu do dirigente intelectual, ele começou a estudar uma nova teoria política e, em poucos anos, se tornou o maior dirigente da história do PCB, ocupando por décadas o cargo que Astrojildo ocupou nos anos 20. Assim, Astrojildo e os dirigentes de sua geração, tinham um olhar à frente de seu tempo e compreenderam bem a importância da aliança dos comunistas com Prestes, ao votarem a favor do encontro na Bolívia. Entretanto, não puderam saborear essa “vitória”, pois na época não ocorreu o acerto esperado e o líder da Coluna se negou a apoiar o partido. Quando Prestes se tornou comunista e assumiu a liderança do PCB, em meados dos anos 30, esses intelectuais⁴⁰ estavam afastados ou haviam sido expulsos do partido no episódio da “proletarização” em 1930/31.

Em 1927/28, ocorre a primeira cisão importante no interior do partido. De acordo com Rodrigues (1983), no final de 1927 dois dirigentes sindicais, fundadores e membros da

⁴⁰ Além de Astrojildo Pereira, o grupo dirigente do PCB, nesse período, era integrado por: Octavio Brandão, Cristiano Cordeiro, Leôncio Basbaum, Paulo Lacerda, Joaquim Barbosa, Heitor Ferreira Lima, Leônidas Rezende. Ver: BRANDÃO, G. Marçal. **A esquerda positiva: as duas almas do Partido Comunista – 1920/1964.** São Paulo: Hucitec, 1997. p. 87.

direção do partido, Joaquim Barbosa e João da Costa Pimenta, começaram a divergir da atuação do PCB, em relação aos sindicatos. Barbosa, tesoureiro da organização, considerava que o partido pretendia utilizar os sindicatos em benefício próprio. E, opunha-se, juntamente com Rodolfo Coutinho, à decisão da CCE de estabelecer contato com os membros da Coluna Prestes. Assim, enviou uma carta aberta ao partido, com o apoio de Pimenta, o qual era suplente da CCE, onde abandonava o partido, levando com ele cerca de quarenta membros de sua célula, na maioria alfaiates. Barbosa acreditava que o PCB era “sectário” e enviava informações exageradas à Internacional Sindical Vermelha. Alguns desses dissidentes intelectuais, posteriormente, sob a influência de Mário Pedrosa, passaram ao trotskismo, como Rodolfo Coutinho e Lívio Xavier. Essa cisão, que abalou as estruturas do partido, constitui um episódio importante na formação do mesmo, gerando a publicação de um periódico de discussão interna e o III Congresso foi estruturado na tentativa de rebater as críticas da “dissidência barbosista”. Astrojildo, em seu material sobre o partido, trata os acontecimentos no artigo *Discussão interna em 1928*:

Em meados de 1928, a direção do PCB resolveu editar um órgão especial de discussão, tendo em vista expor e debater perante todo o partido certas críticas e divergências, que vinham se acumulando desde algum tempo e que haviam culminado com a publicação de um panfleto, firmado por antigo membro da CCE, no qual se articulava uma série de violentos ataques a diretivas seguidas na atividade partidária. O autor do panfleto era o secretário sindical da CCE, e seu rompimento com a direção fez cristalizar-se à sua volta um movimento de oposição organizado, abrangendo algumas dezenas de membros do partido. Sem ceder uma linha na defesa da unidade do partido, entendeu entretanto a CCE que era necessário examinar abertamente as críticas e divergências vindas a público de maneira irregular. Em circular dirigida a todas as organizações intermediárias e de base, a direção justificou nos seguintes termos a necessidade de se criar um órgão interno de discussão. (...)

Fique, porém, bem entendido:

a) que a discussão é completamente livre para qualquer membro do partido somente por intermédio desse órgão especial; b) que, em consequência, não é permitida nenhuma intervenção ilegal na discussão, isto é, por meio outros que não sejam as colunas do órgão especial e sob o controle da CCE, de conformidade com os Estatutos do partido; c) a discussão, livre até o III Congresso, não implica de modo algum suspensão na aplicação de resoluções vigentes, (...)

A nova publicação tomou o nome de Auto-Crítica, saindo em forma de revista, com um mínimo de dezesseis páginas cada número. (...)

Eis as principais matérias debatidas nos seis números que antecederam a realização do III Congresso: a atividade dos comunistas nos sindicatos operários, a linha política e tática do partido no Bloco Operário e Camponês, o problema camponês, a Juventude Comunista e o partido, o caráter da revolução brasileira, a luta contra o anarcossindicalismo e o

peleguismo, a disciplina partidária, e ao lado disso alguns documentos da IC e do Secretariado Sul-Americano da IC. (PEREIRA, 1979, p. 131 e 132).

As dissidências e o posicionamento do partido eram gerados pelo seu dogmatismo, autoritarismo, sua intransigência doutrinária e dedicação extremada à causa, elevando o potencial de divergências políticas internas e, assim, os desacordos com a direção se transformavam em “desvios ideológicos”, que assumiam a feição de um cisma religioso. (RODRIGUES, 1983, p. 382) A vida dos dirigentes era muito desgastante, pois passavam a “profissionais” do partido, se distanciando de seus meios sociais de origem, vivendo em função do aparelho partidário e dependendo dele para sua sobrevivência. Num contexto organizatório e ideológico fechado e severo, os militantes e dirigentes ficavam propensos ao rápido esgotamento físico e psicológico, após alguns anos de militância intensiva. Portanto, verificamos que ao longo da existência do PCB, inúmeras dissidências ocorreram, sendo essa de Barbosa e Pimenta apenas a primeira, assim como, a cisão gerada pelo relatório Kruschew nos anos 50, como já observamos. E, o partido dos anos 50, assim como nos anos 20, debateu o problema através de sua imprensa, de seus periódicos, mas sempre com os dirigentes limitando o debate. Porém, Astrojildo, um militante que marcou sua atuação na direção do partido com a defesa da democracia interna, tem um olhar dubio sobre o debate que se seguiu à cisão “barbosista”. A revista *Auto-Crítica*, criada com o intuito de debater as críticas elaboradas pelos dissidentes, foi editada pelo grupo dirigente, ou seja, com o aval de Astrojildo, apresentando um discurso ambíguo, o qual acaba limitando o debate. Ao mesmo tempo em que pretende uma discussão livre, veta a liberdade dizendo que o debate só poderia ocorrer no periódico específico para esse fim. Isto é, a discussão seria livre, mas controlada de perto pela CCE e ainda, teria data para encerrar, pois aconteceria até a realização do III Congresso do partido. Notamos, dessa forma, que o controle exercido pela direção do partido era tão forte e minucioso, que além de esgotar rapidamente os militantes, às vezes acabava se tornando um obstáculo ao exercício da democracia, a qual esses dirigentes intelectuais sempre defenderam em sua gestão na CCE.

Politicamente, a oposição representava e representa todas as características de desvio pequeno-burguês: a) pela fraseologia esquerdista da sua campanha contra a direção do partido; b) pela subestimação das forças da classe operária, pelo pessimismo e pelo derrotismo no trabalho de criação da FSRR; c) pela sobrevivência da ideologia anarcossindicalista pequeno-burguesa, por exemplo, na oposição entre o trabalho político e “econômico”, entre o trabalho sindical e parlamentar; d) pelo individualismo e personalismo pequeno-burguês e completa incompreensão do papel do partido, como vanguarda centralizada e disciplinada do

proletariado, resultando daí o trabalho fracionista, o ultimato e, por fim, a saída do partido. (PEREIRA, 1979, p. 152)

Esse foi o resultado da análise feita pelo partido, tanto na revista *Auto-Crítica*, quanto no III Congresso em 1928, acerca da oposição surgida em 1927/28. Verificamos através das palavras de Astrojildo, que o partido acabou atacando os dissidentes, como pequeno-burgueses, anarquistas, individualistas, enfim, pessoas que não tinham a compreensão necessária do partido, como justificativa para a cisão, fazendo a autocrítica que tanto anunciou, porém, os erros recaem sobre os dissidentes. Assim, o PCB tomou uma posição de defesa, acusando os ex-militantes e apontando as falhas e os equívocos deles e não os próprios.

No penúltimo artigo inserido em *Formação do PCB*, intitulado *Algumas observações Autocríticas*, o lúcido intelectual se funde com o entusiasta militante comunista, ao narrar de forma breve a agitação dos anos 10 e o contexto de fundação do PCB:

As grandes lutas operárias que se desenrolaram no Brasil a partir da greve geral de São Paulo, em julho de 1917, e se multiplicaram por todo o país até 1920, revelavam não só um vigoroso espírito combativo, mas um verdadeiro espírito revolucionário, se bem que ainda espontâneo e elementar, inspirado, sobretudo, pelo exemplo da revolução vitoriosa na Rússia. Já desde o começo da Primeira Guerra Mundial, em 1914-1915, o proletariado brasileiro lançara-se à frente da luta popular contra a guerra, em favor da paz entre os povos; e a onda de greves, que se seguiu ao movimento pela paz, era uma demonstração de que a capacidade combativa da classe operária crescia de mais em mais.

Mas estávamos num país de estrutura semifeudal e semicolonial; faltava-nos uma tradição marxista; nosso proletariado de formação recente e heterogênea (de origem escravista, artesanal e imigratória), havia seguido até então, em suas organizações e suas lutas, dois caminhos igualmente falsos – de um lado sob a influência social-reformista, mistura de economismo sindical e de reformismo legalista ou parlamentar, de outro lado sob a influência anarco-sindicalista, que se perdia em desbragado verbalismo “revolucionário”.

Sem uma direção política esclarecida e firme, que só um partido proletário de orientação marxista podia imprimir ao movimento, a onda de greves e as lutas de massa, espontâneas e irresistíveis, se esvaíram, quase sem deixar vestígios, além de algumas conquistas econômicas parciais. Mas ficou a experiência, e esta experiência levava a compreender claramente a necessidade de um partido da classe operária, organização política independente, ao qual incumbiria precisamente a missão de dirigir as lutas operárias. O exemplo da Revolução de Outubro era concludente e servia também para mostrar que era preciso buscar outro caminho, diferente daqueles até então seguidos.

Nasceu assim o Partido Comunista do Brasil, em 1921-1922, como legítima expressão de uma necessidade sentida pela classe operária, que fazia na prática o seu aprendizado de marxismo. (PEREIRA, 1979, p. 153 e 154)

Nesse artigo, escrito em 1954, Astrojildo expõe, brevemente, a sua apreensão do contexto referente à década de 10 do século XX, onde foi personagem ativo dos acontecimentos relacionados ao movimento operário, os quais correspondem à fase anárquica do militante, como vimos no primeiro capítulo deste trabalho. Percebemos que passados mais de trinta anos dos fatos citados, Astrojildo ainda compartilha de algumas ideias do jovem dos anos 20, essencialmente no que tange a formação do PCB. No início dos anos 20, Astrojildo acreditando na necessidade de um partido que unificasse e defendesse os interesses dos trabalhadores, rompe com o movimento anarcossindicalista e se “converte” ao comunismo. Entrando, em entendimento com polos marxistas existentes no país, organiza e funda, ao lado de outros militantes, o então Partido Comunista do Brasil. A “necessidade histórica” do PCB é reafirmada nesse artigo nos anos 50, onde o partido é definido como “legítima expressão de uma necessidade sentida pela classe operária”. Porém, no início dos anos 20, a classe operária brasileira se via como tal e percebia a necessidade de um partido comunista? Os operários constituíam uma classe numerosa e fortalecida a ponto de obter êxitos através de um partido político? De acordo com Basbaum (1976, p. 178), a partir da abolição da escravidão e do período entre 1914 e 1922, houve um desenvolvimento industrial provocando um aumento do número de operários, os quais se concentravam no Rio de Janeiro, São Paulo e Petrópolis. Em 1920, cerca de 500 mil operários podiam ser contabilizados no Brasil, sendo que a população total do país se aproximava dos 30 milhões habitantes. Basbaum afirma que esses operários não tinham consciência de classe, devido à falta de experiência de lutas e de reivindicações próprias. Além disso, essa “classe operária” era formada pelas camadas mais atrasadas e miseráveis da população, pois não tinham preparo técnico, eram analfabetos em sua grande maioria e, assim, sujeitavam-se aos mais baixos salários e a condições de trabalho terríveis. Grande parte desses miseráveis eram ex-escravos, outra parte era composta por retirantes das secas nordestinas, havia ainda os provenientes do campo, os provenientes do empobrecimento das classes médias e os imigrantes. Com esse panorama descrito por Basbaum, notamos que os operários brasileiros, do período abordado por Astrojildo, constituíam um aglomerado heterogêneo, contendo uma grande pluralidade de origem, de aspirações e de ideologias. No mesmo seguimento argumentativo de Basbaum, se encontra Everardo Dias (1962), destacado militante do movimento operário e sogro de Astrojildo, afirmando que a situação do movimento operário era precária, pois os imigrantes, com sua diversidade, constituíam um setor de difícil organização e os operários brasileiros, também diversificados, não se interessavam por ideias revolucionárias. E, acima de tudo, Everardo diz que o operário

nacional era analfabeto, cheio de preconceitos, sendo limitadíssimo o número deles que se organizavam nos sindicatos e faziam manifestações. Esses, em sua maioria, não eram operários e sim membros da pequena classe média desiludida com a política republicana. Assim, a tendência dos militantes foi a de organizar-se em centros de cultura, que seriam a base para promover a difusão e o desenvolvimento de núcleos de doutrina socialista.

No processo de formação do partido, um dado importante é colocado por Everardo Dias (1962), o qual expõe a fundação do “Grupo Clarté” em setembro de 1921, com o objetivo de defender a Revolução Russa e divulgar a obra social e cultural dos *soviets*, a qual era incompreendida e difamada por alguns. Esse Grupo foi uma ação de apelo dos intelectuais, na tentativa de obter a adesão dos operários à causa dos revolucionários russos. Além de Everardo Dias, na fundação do Grupo participaram intelectuais, como Evaristo de Moraes e Mauricio de Lacerda, entre outros. Estamos certos de que o Grupo Clarté influenciou os grupos comunistas e os operários, que posteriormente, fundaram o PCB.

Contudo, verificamos que as abordagens de Basbaum e Everardo seguem uma direção e a de Astrojildo segue uma direção oposta. Portanto, acreditamos que a “classe operária”, a qual Astrojildo se refere, tinha uma estrutura precária, pois os operários não se percebiam como integrantes de uma mesma classe, a qual precisava se unir para fazer reivindicações imediatas e, no limite, formar um partido. Assim, o movimento operário anterior à fundação do PCB, era composto por poucos trabalhadores, organizados em sindicatos, liderados geralmente por intelectuais. A presença dos intelectuais sempre foi muito forte e determinante no movimento e nas manifestações operárias, pois os trabalhadores, como os autores colocaram, eram analfabetos, diversificados e divergentes, não havendo o interesse em ideias revolucionárias, como o anarquismo e o socialismo. Nesse quadro, as palavras de Astrojildo nos parecem dogmáticas e exageradas, pois no início dos anos 20, a classe operária não estava fortalecida e unida e nem podia ter a consciência da necessidade do partido, pois nada ou pouco sabia dos acontecimentos na Rússia e da doutrina que os impulsionou. Além disso, acreditamos que no Brasil, o sentimento de pertencimento a uma classe de trabalhadores, que precisa se unir e lutar por seus ideais, foi construído pelo partido, ao longo de sua história, pois até o seu surgimento nunca havia existido no país uma força política com tais objetivos. Sendo que desde o início, a estratégia do partido foi organizar os operários nos sindicatos, colocando as reivindicações econômicas à frente de posicionamentos políticos, como já foi discutido no segundo capítulo deste trabalho.

Portanto, entendemos que o partido é a expressão de uma necessidade sentida pelos intelectuais ligados ao movimento operário, os quais estavam se informando sobre a

Revolução Russa e o comunismo e, assim, os trabalhos de preparação para sua formação e sua fundação foram desenvolvidos por esses intelectuais aliados a trabalhadores, militantes do movimento operário. Ou seja, afirmamos que a presença dos intelectuais é intrínseca ao movimento operário brasileiro, tanto no período de predominância anarquista, como no surgimento do PCB, o qual contou com uma direção nos anos 20 composta majoritariamente por intelectuais (a geração de Astrojildo). Porém, ao estruturar o seu discurso sobre a formação do partido, Astrojildo acaba enfatizando de maneira excessiva a relação do partido com a classe operária, numa tentativa construir uma memória sobre o PCB, onde a importância e a legitimidade do mesmo estivessem baseadas no fato de ser o “verdadeiro” representante da classe operária, percebendo-o como fruto orgânico da mesma. Essa idealização de partido genuinamente operário é uma constante, que permeou a existência do PCB, algo improvável considerando a estrutura sociocultural brasileira, como vimos anteriormente. Se por um lado, Astrojildo exalta forçosamente a influência operária na formação do partido, por outro, silencia a contribuição dos intelectuais, a qual foi decisiva no planejamento, estruturação, organização e sobrevivência da agremiação comunista. A ocultação do papel dos intelectuais na formação e história do partido é comum na afirmação da identidade operária dos comunistas brasileiros, elaborada por eles próprios, mas Astrojildo, sendo um homem das letras, poderia ter explorado mais seus antigos companheiros intelectuais, detalhando de forma mais clara o papel deles na construção do PCB, já que seu livro tem esse intuito e apenas cita, em poucos artigos, nomes de alguns intelectuais. Além disso, o PCB tem a tendência de excluir, “soterrar”, os intelectuais e sua memória, quando julga oportuno e Astrojildo, apesar de já ter sido marginalizado pelo partido, acaba seguindo essa tendência e moldando o seu discurso, talvez para conseguir realizar o seu desejo de pertencer às fileiras do partido que fundara, até o fim de seus dias.

No mesmo artigo, Astrojildo continua com suas observações autocríticas, relatando:

a composição social da direção do partido, nos primeiros anos de sua existência, não obedecia a um critério adequado: intelectuais de origem pequeno-burguesa, operários da pequena indústria, empregados no comércio, artesãos, com a agravante de uma quase absoluta impreparação teórica. Em tais condições, a atividade do partido não podia deixar de ser o que foi, durante anos, caracterizando-se por uma permanente vacilação e por métodos de trabalho extremamente falhos. Era uma atividade empírica, descontínua, meramente praticista, espontaneísta e burocrática. Poder-se-ia talvez dizer que o partido se desenvolvia e crescia, apesar de tudo, como uma força histórica necessariamente ligada ao próprio desenvolvimento objetivo da classe operária e suas lutas. E é fato que em mais de uma ocasião o partido permaneceu a reboque de tais lutas.

O partido era constituído, na realidade, por pequenos grupos de agitação e propaganda, o que aliás permitia manter viva a ideia do partido, fazendo sentir a sua presença e a sua palavra – e isto sem dúvida não se deve desprezar. Mas é claro que mesmo essa agitação e propaganda sofria, em seu conteúdo e em seus objetivos, da ausência de uma linha política determinada e coerente. Essa era a regra, e daí o seu efeito o mais das vezes negativo e até contraproducente.

O partido sempre baseou a sua atividade principalmente nos sindicatos operários, o que lhe permitia uma certa ligação com as massas. Mas ainda aqui padecia o nosso trabalho os efeitos da ausência de uma linha política que não só correspondesse às necessidades imediatas da luta sindical mas exprimisse uma orientação concorde com os interesses gerais da classe operária e da revolução brasileira. (...)

Nossas ligações com as grandes massas, mesmo nos centros operários de maior densidade, eram em geral muito precárias, e é claro que isto, se resultava de toda uma série de profundas incompreensões, ia por sua vez refletir-se de maneira desastrosa em todo o trabalho político da direção. (PEREIRA, 1979, p. 154 e 155)

Nessa parte, Astrojildo faz algumas autocríticas à direção partidária, no período em que foi o dirigente máximo do PCB, citando a deficiência teórica que assolava o partido, a incapacidade prática, as falhas da atividade comunista nos sindicatos e a dificuldade de aproximação com as massas, aspectos que já havíamos apontado nos capítulos anteriores. Sobre a constituição do partido nos anos 20, Rodrigues (1983, p. 371) afirma que o PCB se esforçava para participar da “grande política”, lançava candidatos e procurava alianças com outros setores da esquerda, mas não passava de uma pequena “seita clandestina” que priorizava em sua atuação os trabalhadores urbanos, tentando se inserir nos sindicatos e influenciar uma intelectualidade jovem e sem prestígio nas altas redes sociais. O autor coloca que até 1926, o PCB funcionou como um grupo de propaganda, divulgando notícias sobre a Revolução Russa, documentos da IC, combatendo os anarquistas e os socialistas, empenhando-se para dar a seus próprios quadros e militantes uma formação marxista-leninista. Para Marçal Brandão (1997), o PCB em sua primeira década de existência, era um projeto de partido, extremamente instável que nada consolidou, estando confinado num “gueto sindical”. As análises dos autores se aproximam da apreensão de Astrojildo, de que o PCB, no período de sua formação, constituía um pequeno núcleo de agitação e propaganda, que tentava superar o déficit teórico, através de cursos e publicações que visavam esclarecer os militantes, porém, os próprios intelectuais, autores dos cursos e das publicações, mal conheciam a teoria de Marx, o que barrava, em grande medida, o êxito teórico e prático do partido.

Em resposta a uma dura crítica sobre o partido dos anos 20, Astrojildo em 1961, publica um artigo, exaltando algumas medidas favoráveis que o partido realizou e coloca que acima de tudo o partido viveu, se desenvolveu e cresceu:

O partido publicou vinte e quatro números seguidos da revista Movimento Comunista. Enviou um delegado ao IV Congresso da Internacional Comunista, em fins de 1922, desta sorte incorporando-se ao movimento comunista internacional. Além de outras publicações menores, publicou em 1924, o “Manifesto comunista” de Marx e Engels – primeira edição brasileira em forma de livro. Durante mais de um ano, 23 e 24, fez publicar abundante material de propaganda e educação marxista na página sindical de um grande jornal diário, “O País”. Orientou a publicação de vários periódicos sindicais no Rio, São Paulo, Santos, Porto Alegre, Recife, etc. Realizou o II Congresso do partido, em maio de 1925, adotando então a forma de organização por células de empresa e de residência. Fundou a Juventude Comunista. Fundou o semanário de massa, “A Classe Operária”, que em 1929 chegou a tirar 30.000 exemplares. Lançou um jornal diário, “A Nação”, em 1927. Organizou e dirigiu o Bloco Operário e Camponês, obtendo considerável vitória eleitoral em 1927 e 1928. Realizou o III Congresso do partido em fins de 1928 e começos de 1929, e aí já era possível avaliar como o partido crescia e se desenvolvia, apesar de todos os fatores objetivos e subjetivos desfavoráveis. Recordemos ainda a luta ideológica que o partido sustentou, com êxito, desde sua fundação contra as concepções anarquistas cuja influência era dominante em grande parte dos sindicatos operários.

Tudo isso é nada? (PEREIRA, 1979, p. 160)

Com essa interrogação final, percebemos que apesar dos muitos anos passados, Astrojildo mantém a sua ironia afiada. Em *Crítica que não esclarece*, ele está respondendo a Álvares Soares Ventura, o qual havia publicado um artigo em *Novos Rumos*, atribuindo as derrotas das lutas políticas e insurreições dos anos 20, à posição defendida pela direção do PCB, que acabou a reboque desses movimentos, entendendo que o partido não havia feito nada, nem organizado nada, durante aquele período. Com o relato de Astrojildo fica nítido que, apesar das limitações e debilidades iniciais, o PCB tomou algumas iniciativas importantes na década e colheu alguns frutos de seu trabalho. E, assim, nos parece um tanto exagerada a definição de Marçal Brandão, ao afirmar que o partido em sua primeira década de existência, era extremamente instável e nada consolidou, estando confinado num “gueto sindical”. Está posto que o partido era instável e clandestino, mas consolidou algumas ideias, como o BOC, que vingou e elegeu dois intendentess municipais em 1928, apresentou um tímido crescimento, entre outros citados por Astrojildo. Enfim, na década de 20, as “sementes comunistas” foram plantadas na sociedade brasileira e apesar de todos os equívocos e derrotas desse primeiro grupo dirigente, eles alcançaram a vitória mais importante ao garantirem a sobrevivência da

organização, que nas décadas posteriores cresceu, se desenvolveu, gerou frutos, se transformando em um dos principais partidos políticos brasileiros do século XX.

Nessa segunda parte do terceiro capítulo, priorizamos a análise das fontes, artigos de Astrojildo contidos em *Formação do PCB*, entendendo o livro como um “depósito de memórias” do autor, considerando que o estudo das memórias consiste nas lembranças e nos esquecimentos. Partimos do princípio de que a memória é um campo de conflitos, pluralidades e subjetividades, sendo utilizada para integrar, definir ou descaracterizar determinados grupos. O PCB é um excelente exemplo de como a memória pode ser utilizada de acordo com interesses em constante mutação. A partir das palavras de Astrojildo, percebemos a maneira como ele tenta delinear uma memória para o partido, principalmente no que se refere à sua formação, pois há um trabalho de seleção de alguns fatos, lembrados e até exaltados, os quais adquirem grande importância. Outros acontecimentos são silenciados, relegados ao esquecimento, constituindo um problema para a reconstrução histórica do partido. Percebemos que a construção desse discurso de Astrojildo, compõe uma tentativa de atribuir uma identidade aos comunistas brasileiros, num período de instabilidade interna e sociopolítica. Portanto, esse material produzido por Astrojildo, que serviria para uma futura história do partido, tem o papel de gerar o sentimento de pertencimento, legitimando a atividade comunista no país.

3.3 Dos anos 20 aos anos 60: permanências e rupturas de uma trajetória militante

No último tópico deste trabalho, a análise privilegia o militante intelectual, prosseguindo com a apreciação de sua obra *Formação do PCB*, mas através de outro ângulo. A nossa pretensão neste momento é estudar Astrojildo Pereira como uma figura múltipla, compreendendo as várias memórias produzidas por ele, lembrando que as memórias construídas sobre ele, já foram questionadas no primeiro capítulo, onde discutimos a sua recepção. Considerando, desse modo, o militante dos anos 20, jovem, cheio de vida e de ideais, pretendendo mudar o país através de suas ideologia e ações, o fundador e líder do partido, homem respeitado, de muito prestígio no interior do PCB. E, o intelectual dos anos 60, o velho militante, desprestigiado em seu partido, magoado, “derrotado”, incrédulo,

relegado ao esquecimento, confinado nas editoras do partido. Portanto, esse livro nos revela Astrojildo Pereira nesses dois contextos distintos, pois ele narra os anos 20, a partir de sua ótica dos anos 60, o possibilitando fazer diversas autocríticas à atuação da agremiação, se responsabilizando por ser o secretário-geral do partido na época. Partindo de seu discurso do “alto” dos anos 60, vamos observar as permanências e as rupturas em seu ideário partidário comunista. E ainda, pretendemos abordar alguns pontos da cultura comunista, a qual Astrojildo esteve inserido, em diferentes níveis de intensidade, durante a maior parte de sua vida.

De acordo com Rodrigues (1983), dos anos 20 aos anos 60, o PCB se transformou no principal partido da esquerda brasileira. Enquanto os anarquistas desapareciam, os socialistas permaneciam como força inexpressiva, o partido chegou a ser uma importante força política no país. Conseguiu manter por décadas a continuidade organizatória num país onde a instituição partidária é frágil e os partidos tem vida breve. Entretanto, segundo o autor, o PCB não conseguiu se consolidar como um partido de massas, sendo a instabilidade uma característica marcante de sua atuação e organização, como, por exemplo, as mudanças bruscas de tática política, as fases de grande crescimento do número de militantes e rápidas diminuições, as crises internas, entre outros. Na mesma direção de Rodrigues se encontra Vianna (1982), o qual afirma que o PCB em quarenta anos, se tornou um partido nacional, popular, expressivamente representado na intelectualidade, nas forças armadas e na classe operária, o que determinou a sua singular composição social, mesclando quadros originários de setores altos, médios e baixos da população. Reafirmando essas posições, Chilcote (1982) expõe que entre 1945 e 1964, o PCB deixou de ser um partido de representação específica de classe, transformando-se em um partido integrado à sociedade nacional. As colocações desses autores são importantes para compreendermos, inicialmente, que o partido dos anos 20 era completamente diferente do partido nos anos 60. Nos anos 20, como vimos anteriormente, era constituído por um pequeno grupo de agitação e propaganda, pouco expressivo, com cerca de mil militantes ao final da década, com êxitos reduzidos. Já nos anos 60, se tornou um partido consolidado no país, bastante conhecido na política nacional, com uma história de cerca de quarenta anos, que contava com uma militância expressiva e êxitos importantes, por ter sobrevivido por tanto tempo, em situações constantemente adversas e por ter se transformado no principal partido da esquerda do país.

Igualmente importante é a compreensão do universo ao qual Astrojildo faz parte, ou seja, alguns elementos da cultura comunista, a qual marcou a existência dos militantes partidários. A cultura comunista, definida por Pandolfi (1995), seria uma visão de mundo compartilhada

por todos aqueles vinculados a uma tradição que se consolidou com a vitória da Revolução Russa. Segundo Marco Aurélio Garcia, a importância de uma revolução não está apenas nas transformações econômicas, sociais e políticas produzidas, mas acima de tudo, pela força de seu exemplo, por sua grande capacidade de ocupar o imaginário de gerações futuras e de se transformar, para elas, em um paradigma intelectual e de ação. (PANDOLFI, 1995, p.51) A Revolução Russa, sua força teórica e prática, permeou o imaginário dos militantes comunistas por toda a história do PCB. Além disso, o comunista tinha que incorporar alguns elementos essenciais para integrar o movimento, como: entrega total ao partido, despreendimento do mundo material, espírito de sacrifício, grande capacidade de resistir ao sofrimento, existir em função do coletivo. Em nome de um objetivo maior, a construção de uma nova sociedade, justificam-se todas as renúncias, as submissões e, se necessário, o sacrifício da própria vida. No entanto, havia uma recompensa para todo esse esforço, que era a honra de ser um revolucionário, o prazer de sacrificar-se pelo futuro, a glória de lutar pela humanidade. “Não basta estudar, meditar, compreender o marxismo; é preciso senti-lo, vivê-lo.” (PANDOLFI, 1995, p.40) Essa era a orientação seguida pelos comunistas, a vivência, a experiência, a prática do marxismo, ensinamento de seu grande mestre Karl Marx, o qual em seus escritos insiste na necessidade da ação para a transformação. De acordo com a autora, para o comunista, a teoria legitima o discurso e a ação política. E, assim, o marxismo o torna um ser superior a todos os outros não-marxistas.

O partido busca a excelência de seus quadros e os militantes tem gratidão pelo partido. (PANDOLFI, 1995) Entretanto, há uma rígida hierarquia que separa a base da direção, havendo a tendência no partido de exaltação do culto às chefias, facilitando a obediência às ordens superiores. O comunista tem uma concepção evolucionista, noção de tempo linear, onde o presente caminha em direção ao estabelecimento do socialismo, o substituto do capitalismo, ou seja, os comunistas apresentam uma visão teleológica. Ao lado dos sacrifícios exigidos de um “legítimo” comunista, havia a vida clandestina, “soterrada”, a qual os militantes se sujeitavam pelos seus ideais. Assim, eram constantemente perseguidos, foragidos, escondidos num mundo subterrâneo, marginalizados, em busca de um dia poder emergir à superfície. E esses momentos existiram, mas foram efêmeros comparados aos períodos de ilegalidade do partido. Isso sem contar as prisões e as torturas compartilhadas. Enfim, ser comunista estava associado diretamente a ser filiado ao PCB. Portanto, os comunistas são homens guiados por um ideal, inclusive sacrificam o seu bem-estar na tentativa de alcançar os êxitos idealizados. Para Alves (2003),

a idealização é a adesão a um grande ideal: projeto histórico de luta nobre, cuja implicação deve exceder aos interesses privados – mesmo se os engloba – e cuja duração deve exceder àquela das existências particulares. A satisfação proporcionada pela luta nobre, por essas realizações, não decorre apenas do benefício material que produzem, mas também do valor de signo do que se obteve e que prefigura, antecipa, a realização de uma esperança muito mais ampla. O anarcossindicalismo, o comunismo (...) representam, de certo modo, em maior ou menor proporção, ideias ou formas de idealização social que projetavam nas lutas cotidianas da classe uma promessa de emancipação social. Eram o “solo” que alimentavam a raiz subjetiva e imaginária da emancipação social, que conseguiu se articular no real precisamente por meio do simbólico. (ALVES, 2003, p. 24 e 25)

Essa vida clandestina foi vivida intensamente por Octavio Brandão, que a expõe em suas memórias. *“A vida é uma verdadeira maravilha. Infelizmente, muitas vezes é cruel e irônica. (...) De 1919 a 1931, fui preso 15 vezes, por ideias, e não por delitos. Conheci o abandono e a solidão. Meu lar foi invadido, dezenas de vezes, pelos esbirros da polícia política”* (1978, p. 150 e 151) Na década de 20, Brandão passou por graves problemas financeiros, perdeu tudo e mergulhou na vida ilegal. Para ele, o partido teve papel educador no processo do desenvolvimento da consciência social, nacional e internacionalista, constituía uma vanguarda que travava uma luta desigual contra forças coligadas. Brandão relata que na vida clandestina contou com a fidelidade de amigos operários que zelavam pela sua segurança, pois nos anos 20, a polícia armou diversas emboscadas para capturá-lo. Assim, ele passou a conhecer os rincões do Rio de Janeiro, fazia enormes caminhadas para escapar à prisão, quando a polícia o cercava ele furava o cerco, quando era esperado nas estações finais, passava de linha em linha por dentro, sem tocar nas estações terminais. Na ilegalidade, Brandão era acompanhado pela polícia por toda parte, inclusive dentro do conselho municipal, quando foi eleito intendente municipal pelo BOC. Prendiam-no por qualquer coisa, mesmo se alguém apenas o saudasse na rua.

Basbaum (1976) ao relatar a sua experiência, diz que a partir de maio de 1926, quando ingressou no PCB, sua vida mudou completamente, pois não havia tempo para mais nada a não ser cumprir as tarefas do partido. E, assim, se tornou sectário, como os outros membros do partido da época, encarando os homens não-comunistas como infelizes que não haviam descoberto a verdade. O militante expõe a difícil vida dos “revolucionários profissionais”, pessoas que viviam para e pelo movimento e, com isso, se alimentar e se vestir eram coisas secundárias. Basbaum passava longos períodos escondido fora do Rio de Janeiro, devido às perseguições policiais, mas passou por algumas prisões, como no início dos anos 30, quando foi preso no Rio e exilado no Uruguai.

Sonhei ser um militante político de vanguarda que, pela sua ação, fosse capaz de contribuir para a transformação deste país, trazendo a felicidade, a liberdade, o bem-estar, para milhões de brasileiros. Não consegui. Mas sei agora que há vários caminhos para o mar. (...) desviei-me sem querer, do meu curso, mas com a certeza de que acabarei chegando ao destino, traçado ainda que por outros caminhos. E se não o fizer, pelo menos, e disso tenho certeza, abri um caminho que as águas que vêm atrás de mim, certamente seguirão. (BASBAUM, 1976, p. 297)

Alguns trechos de *Formação do PCB* foram selecionados e serão analisados a seguir, partindo da premissa de que são símbolos de mudanças, de permanências e rupturas, mas, principalmente, do amadurecimento crítico e teórico de Astrojildo Pereira.

Recordemos que 1922 e 1923 foram anos de agravação da crise política em que se debatia o Brasil, em consonância, aliás, com a situação de instabilidade política mundial que se seguiu à guerra de 1914-1918. O levante de 5 de julho de 1922, se por um lado representou o ponto final a agitação promovida pela chamada Reação Republicana, por outro lado pode-se dizer que marcou o ponto inicial de uma série de levantes, que culminariam em 1930 com o movimento desencadeado pela Aliança Liberal. Foi o período em que se formou a Coluna Prestes, que tamanha repercussão viria a produzir no desenvolvimento da Revolução Brasileira.

Hoje podemos compreender melhor o significado histórico de tais acontecimentos, que refletiam na superfície política, de modo turbulento e com apelo às armas, as contradições e os choques resultantes do processo subterrâneo de desintegração que abalava a estrutura econômica do país. Mas a direção do partido não assimilara ainda suficientemente o pensamento marxista sobre os problemas relativos ao conteúdo social da revolução em países como o Brasil, e daí, muito naturalmente, os erros cometidos na apreciação dos acontecimentos e na orientação da atividade partidária. Isto se torna claro, ao lermos hoje o que se publicava então em nossa revista sobre a situação política brasileira. (...)

O movimento operário brasileiro não possuía nenhuma tradição marxista, razão, senão decisiva, pelo menos explicável, das insuficiências teóricas da direção do partido; mas a redação de “Movimento Comunista”, ao selecionar e divulgar certos materiais de conteúdo teórico, fazia-o com espírito crítico, tendo sempre em vista os objetivos imediatos da luta ideológica em que se empenhava. (...)

“Movimento Comunista” era uma publicação modesta, deficiente, de alcance forçosamente muito limitado. Não estou querendo exagerar nem embelezar o seu papel; mas é claro que este papel só pode ser devidamente avaliado e compreendido levando-se em conta as condições existentes no Brasil ao tempo em que se fundou o partido e em que se publicou a revista. O que é certo é que durante ano e meio, honestamente e como pode, ela buscou servir à classe operária e à causa do socialismo em nossa terra. (PEREIRA, 1979, p. 83, 84 e 95)

Nesse trecho do artigo *Movimento Comunista*, Astrojildo articula muito bem os acontecimentos com o contexto, numa tentativa de justificar as debilidades do partido com a

difícil situação e origem do movimento comunista no país. As revoltas tenentistas e a formação da Coluna Prestes são expostas e percebemos nas palavras do antigo militante, certo arrependimento pelo partido ter ficado de fora dessas movimentações políticas reivindicatórias ocorridas na Primeira República, após mais de trinta anos. Nos anos 60, Astrojildo consegue avaliar com maior clareza os fatos e percebe que o PCB falhou em não se envolver com os tenentes rebeldes e acredita que a maior insuficiência do partido era teórica, faltando um maior conhecimento da doutrina marxista, considerando um fator decisivo a falta de tradição marxista no movimento operário no país. A revista *Movimento Comunista* é ressaltada por ele, como um órgão de divulgação de material marxista, importante no contexto de embate ideológico, principalmente com os “adversários” anarquistas, porém, tinha um alcance limitado, fruto da restrita atividade do PCB de então.

No artigo *Notícia do II Congresso*, Astrojildo relata:

As teses sobre a situação política nacional baseavam-se na concepção dualista “agrarismo-industrialismo”, dominante na direção do partido. Fala-se aí em luta entre o capitalismo agrário semifeudal e o capitalismo industrial moderno, como sendo a contradição fundamental da sociedade brasileira após a República.

Partindo de tais concepções, que resultavam de uma aplicação mecânica e arbitrária do método dialético na análise da situação brasileira, os movimentos que desembocaram no 5 de julho de 1922 e no 5 de julho de 1924 são simplesmente enquadrados no esquema “agrarismo-industrialismo”, e dentro desse enquadramento isolados do contexto vivo da situação política.

Ao considerar o “fator imperialista”, as teses dizem que ele devia “também” ser levado em conta na caracterização da política nacional. Era um fator como outro qualquer, talvez até secundário. Corretos, em geral, são os dados enumerados, nessa parte das teses, relativamente à penetração imperialista anglo-americana em nosso país. (...)

as teses concluem por enquadrá-los igualmente no esquema de base: o imperialismo inglês “apoando” o agrarismo, e o imperialismo americano “apoando” o industrialismo.

Faz-se em seguida uma tentativa de classificação social das massas laboriosas existentes no país, mas tudo ainda superficial, sem dados reais bastantes.

Ainda mais superficial, a tese em que se pretende definir o caráter e os rumos da política proletária. Mera generalidade supostamente teórica, coisa tanto mais grave de se constatar visto que se tratava precisamente do ponto nevrálgico da linha política a ser seguida pelo partido do proletariado.

As conclusões práticas a que chega o documento, apresentadas como diretivas políticas para a atividade imediata do partido, são apenas o reflexo lógico da concepção esquemática em que se fundamentavam as teses.

As teses sobre a situação internacional possuem um caráter meramente descritivo e panorâmico, sem qualquer feição analítica ou interpretativa.. (PEREIRA, 1979, p. 92, 93 e 94)

Nesse artigo, Astrojildo continua considerando o contexto dos anos 20, ao expor informações pertinentes sobre o II Congresso do PCB, ocorrido nos dias 16, 17 e 18 de maio de 1925. (PEREIRA, 1979, p. 91) O foco do congresso incidiu sobre os seguintes assuntos: a situação política nacional, a situação internacional; organização e reforma dos estatutos do PCB, células e comitês regionais, reorganização dos serviços da CCE; agitação e propaganda; sindicatos e cooperativas; organização da JC; eleição da CCE. Astrojildo ainda se lembrava nos anos 60, que além dos membros da antiga CCE (seis presentes), participaram do congresso os delegados das organizações do Rio e Niterói (cinco), Pernambuco (dois), São Paulo (um), Santos (dois), Cubatão (um). Ocorreu no dia 15, uma sessão preparatória, a qual regularizava o modo de funcionamento do congresso e nomeara as várias comissões. Astrojildo afirma que as teses discutidas e aprovadas em plenário, publicadas posteriormente, são documentos importantes para a história política do partido. Apesar de se referir à concepção dualista agrarismo-industrialismo, Astrojildo não cita o nome de Brandão, mas ressalta o equívoco da concepção e das teses influenciadas por ela. Após algumas décadas da realização II Congresso do PCB, fica mais evidente as debilidades teóricas e práticas do partido, assim, Astrojildo se aproveita disso para expor suas autocríticas.

Ao encerrar seus trabalhos, o II Congresso aprovou duas outras moções: uma, de saudação aos partidos comunistas de todos os países, especialmente os das Américas; outra, de protesto contra os golpes da reação mundial, citando os casos recentes de operários brasileiros deportados para o Oiapoque e os massacres levados a efeito na Bulgária pelos bandos fascistas chefiados por Tsankov.

Com todas as críticas que lhe podemos fazer, o II Congresso representa um certo avanço na vida do partido. Suas teses políticas revelam profundas debilidades, agravadas pelas difíceis condições em que se debatia o país, mas ao mesmo tempo denotam inegável esforço por acertar o rumo e levar por diante as tarefas do partido. Importa sobretudo verificar que em 1925 já o partido começava a aparecer com uma fisionomia própria de partido comunista. (PEREIRA, 1979, p. 96)

Nesse trecho, o assunto tratado por Astrojildo ainda é o II Congresso, sendo importante a sua visão da importância dele na elaboração histórica sobre o partido, apesar de suas debilidades e teses sem fundamentos. Além disso, Astrojildo diz que “o partido começava a aparecer com uma fisionomia própria de partido comunista”, o que é bastante revelador. Como vimos, em seus primeiros anos, o PCB não passava de um grupo de agitação e propaganda com forte ligação com o meio sindical. Em 1925, com o II Congresso e o avanço dos comunistas no país, Astrojildo expõe que já percebe a diferença e o crescimento da

organização através das teses e discussões elaboradas no congresso. Ou seja, apesar de Astrojildo criticar as ideias do partido, assumindo, inclusive, a sua parcela de culpa, notamos a permanência do vivo militante dos anos 20, nesse caso, na defesa da importância do Congresso, tanto para a história do partido, quanto para a compreensão de seu desenvolvimento e crescimento na década.

No artigo “*A Nação*” de 1927, Astrojildo recorda a breve história do vespertino comunista *A Nação*, que foi publicado no Rio de Janeiro durante alguns meses de 1927, de 3 de janeiro a 11 de agosto, sendo relevante, pois segundo ele, o periódico confunde-se com a própria história do PCB, num breve período de legalidade. (PEREIRA, 1979, p. 101) O proprietário do jornal era Leônidas de Resende, intelectual de formação positivista, que sem abandonar certas concepções de Comte, aproximou-se das posições revolucionárias do marxismo-leninismo, sugerindo à direção do partido colocar o jornal como órgão comunista a serviço do PCB. Os entendimentos se deram facilmente, como relembra Astrojildo, e logo o jornal reapareceu com nova feição, tendo três membros do partido em sua redação. No cabeçalho do jornal evidenciavam-se os signos de seu novo caráter: o desenho com a foice e o martelo, o emblema “Proletários de todos os países, uni-vos!”, versos da IC, frase de Lenin. Algumas campanhas foram sustentadas pelo jornal, sendo a de maior visibilidade e êxito a criação e o desenvolvimento do BOC. Com a “lei celerada”, a direção decidiu suspender a publicação do jornal, que era um órgão de cobertura legal.

desde já podemos constatar que a própria feição sectária e agitativa do jornal, um jornal destinado às massas, acabou por minar as bases em que devia assentar sua força. E nisto “A Nação” era o reflexo fiel da própria linha política, dos planos táticos e dos métodos de trabalho da direção do partido. Em tais condições, não é demais supor que seria realmente temerário aceitar a peito descoberto uma luta de mais larga envergadura. De qualquer forma, podemos hoje afirmar, sem a menor hesitação, que “A Nação” de 1927 prestou grandes serviços ao partido, e que estes serviços pesam na balança como um saldo muito positivo a seu favor. (PEREIRA, 1979, p. 108)

Novamente, Astrojildo faz algumas críticas, leves nesse caso, mas acaba demonstrando que alguns posicionamentos permaneceram ao passar dos anos. Exalta a importância do periódico *A Nação* para o PCB e de seu proprietário Leônidas de Resende. Já Brandão (1978), tem lembranças distintas sobre esses fatos, critica a aliança do PCB com Leônidas, pois o considera um jornalista positivista, que nunca foi marxista, nem militou no movimento operário, pois não havia superado suas ideias progressistas. E, assim, Brandão pouco cita *A Nação*, não atribuindo ao periódico nenhuma relevância especial.

O propósito de Astrojildo com *Formação do PCB*, segundo ele, é coletar dados para a história e não fazer história, o que pode ser verificado em alguns artigos contidos no livro, como:

A linha da Carta Aberta era sectária em sua inspiração e mais sectária ainda em sua significação política, e seu texto apresenta muitas formulações que hoje nos parecem inadmissíveis. Mas não é isso propriamente o que nos interessa aqui, nem poderíamos caracterizar acertadamente o conteúdo político de semelhante documento sem que o inseríssemos no contexto da época em que foi ele elaborado. E é neste sentido precisamente que a Carta Aberta deve ser encarada como importante documento para a história do partido. Nem podemos tampouco negar os aspectos positivos, que ela possui e são válidos ainda hoje, a começar pela afirmação reiterada da existência do Partido Comunista como partido da classe operária, sua vanguarda mais combativa organizada politicamente. O que porém nos parece mais importante na Carta Aberta é a sua parte programática, a sua plataforma, as reivindicações imediatas sistematizadas em sucessivos itens.

As reivindicações relativas à legislação social são particularmente muito significativas, e é fácil de se verificar que em sua maior parte elas seriam incorporadas à legislação social promovida por Getúlio Vargas. Ao PCB cabe o mérito de as ter formulado de maneira sistemática, nos seus primeiros dias de vida legal, baseando-se aliás no que vinha fazendo anteriormente, nas difíceis condições da ilegalidade. (PEREIRA, 1979, p. 122 e 123)

A “Carta Aberta” a qual o artigo *Bloco Operário e Camponês* se refere é a que foi publicada em *A Nação* em 1927, dirigida pela CCE do PCB endereçada a entidades e personalidades políticas, as quais se autoproclamavam representantes e defensoras dos interesses do proletariado. Essa Carta, estampada na primeira página em 5 de janeiro, trazia o documento no qual a direção do partido lançava as bases para a formação do Bloco Operário, o qual, posteriormente, se transformou no BOC. As ideias do PCB defendidas no documento eram: a formação da frente única proletária; política independente de classe; o combate à política plutocrática; o combate ao imperialismo; anistia aos presos políticos; autonomia do Distrito Federal; a aprovação da Legislação social; o combate às leis de exceção; a cobrança de impostos apenas para as classes altas; reforma monetária; a melhoria do ensino e da educação; o voto secreto, entre outras. Com a exposição dessas ideias, Astrojildo consegue demonstrar a grande influência exercida pelo PCB nas reivindicações da esquerda no país. Os comunistas, desde os anos 20, implantaram uma série de ideias na mentalidade da população brasileira, as quais são expostas por diversas vertentes políticas surgidas após a fundação do PCB. Nesse artigo, por exemplo, Astrojildo cita a legislação social elaborada por Vargas, a qual sofreu a influência das ideias do partido, essencialmente, as reivindicações contidas na

Carta Aberta que originou o BOC. Porém, acreditamos que essas elaborações do partido, sofrem a influência das reivindicações do movimento operário da década de 10, o qual era integrado por alguns membros da direção do PCB. Sendo que Astrojildo “silencia” essa influência, privilegiando a referência ao marxismo-leninismo que seria predominante no interior do PCB.

Uma análise, mesmo sucinta, dos debates travados nas páginas de Auto-Crítica seria de grande interesse para a história da formação do PCB, mas isso nos levaria longe, nem é nosso propósito aqui fazer história senão apenas colher dados para a história. De um modo geral e muito sumário, podemos contudo constatar que o seu nível teórico era baixo, mantendo-se a discussão quase que só no terreno da atividade prática dos comunistas, inclusive naqueles pontos que mais de perto se relacionavam com a linha e a tática do partido. Apenas nos documentos da IC, como era natural, os problemas políticos recebiam tratamento mais aprofundado. Da leitura levada a efeito, de novo, há mais de trinta anos de distância, chegamos a concluir que o ponto alto da discussão propriamente dita residia na firme posição da direção em defesa da unidade do partido. Ainda aí, sem dúvida, não será difícil assinalar uma certa tendência formal, pairando na superfície dos problemas; mas, em essência, em sua palpitação interior, a luta pela unidade sustentada com intransigência pela direção foi necessária e justa. Isto aliás foi reconhecido e aprovado pelo III Congresso. (PEREIRA, 1979, p. 132 e 133)

Nesse trecho do artigo intitulado *Discussão interna em 1928*, Astrojildo faz uma apreciação bastante superficial e simplista da publicação partidária *Auto-Crítica*, a qual cuidou do debate no interior do PCB sobre a sua prática e teoria até então, visando elaborar questões para o III Congresso do partido. Astrojildo deixa claro que seu intuito não é a realização de uma análise sistemática e sim apontar dados sobre os passos no PCB na década de 20 e, dessa forma, seus apontamentos nesse trecho convergem mais para permanências do que para rupturas. Por exemplo, ao reafirmar nos anos 60, a importância da unidade do partido, ideia que defendeu com intransigência desde os anos 20. A debilidade teórica é novamente ressaltada, como o principal problema do PCB, o qual concentrava sua preocupação e o seu debate na prática da atividade comunista, deixando a teoria de lado. E, além disso, há um conhecimento teórico deficiente e precário que pairava sobre o partido em sua primeira década de existência. Algo importante é a “confissão” de Astrojildo, de que apenas nos documentos da IC os problemas políticos eram discutidos com maior rigor, ou seja, a direção de intelectuais do PCB não se preocupava em discutir no interior do partido a situação nacional, mas expunha os problemas nos relatórios da IC. Com isso, acreditamos que

em alguns momentos o partido se preocupava mais com a imagem que estava passando para a IC, do que com os problemas reais do país e do partido.

Os debates do III Congresso e as resoluções por ele aprovadas revelam como persistiam na direção do partido as falsas concepções acerca do caráter da revolução brasileira. É evidente o esforço realizado pelo III Congresso no sentido de aprofundar a análise da situação econômica, política e social do país; mas tudo se embaralhava em muitas incompreensões a respeito dos fatores que entravam e se entrosavam no conjunto da situação real, sobretudo no concernente às forças de classe em presença e ao papel que a classe operária devia representar no movimento revolucionário em marcha desde 1922. Poder-se-ia talvez dizer que o III Congresso ouvia o galo cantar mas não saía onde. É difícil resumir as teses políticas adotadas pelo III Congresso, justamente pelo que há nelas de confuso e contraditório. Elaboradas sob a influência de concepções errôneas, como a da “terceira revolta”, que se previa como continuação histórica necessária dos movimentos de 1922 e 1924/26, elas estavam fadadas a completo fracasso quando postas à prova pelo movimento real de 1930. (PEREIRA, 1979, p. 136)

Nesse trecho, fica explícita a dificuldade dos comunistas brasileiros em avaliar a situação concreta do país, pois mesclavam o seu deficiente conhecimento teórico com a falta de conhecimento dos reais problemas nacionais, resultando em dogmatismos superficiais e genéricos. Mas apesar de tudo, Astrojildo nos anos 60, sustenta a defesa da direção dos anos 20, colocando que havia boas intenções e ideias, porém, acabavam perdidas em incompreensões. Como exemplo das concepções e teses débeis que o partido formulou e sustentou no III Congresso, temos o trecho a seguir:

Toda a tática do Partido Comunista deve, portanto, subordinar-se a esta etapa estratégica da mobilização das massas em vista do movimento que se prevê. O Partido Comunista deverá colocar-se à frente das massas, a fim de conquistar, por etapas sucessivas, não só a direção da fração proletária, mas a hegemonia de todo o movimento. (PEREIRA, 1979, p. 139)

Essa é uma tese elaborada no III Congresso do PCB, que trata da situação política nacional. Como podemos perceber as críticas de Astrojildo nos anos 60, dirigidas às formulações do partido nesse Congresso, são bem precisas. Ele caracteriza esse tipo de elaboração como sendo uma conclusão esquemática, imprecisa, confusa e sectária, sobretudo, no balanço das forças de classe em presença. Portanto, no final dos anos 20, predominava no partido a falta de conhecimento da realidade política e social nacional, aliada a um precário conhecimento teórico marxista.

Chego então à conclusão, que me parece justa (...): que nossa grande debilidade na direção do partido resultava principalmente de insuficiência de natureza ideológica e teórica, sobretudo na questão fundamental relativa ao caráter da revolução brasileira.

A direção do partido, (...) não possuía capacitação bastante para proceder, do ponto de vista marxista, a uma análise, mesmo elementar, da realidade histórica brasileira. Não possuímos um conhecimento sequer aproximado da verdadeira situação do país no concernente à sua estrutura econômica e política, às forças sociais em presença, à natureza e ao conteúdo das lutas de classe em seus diversos setores, etc. Víamos e encarávamos os acontecimentos de maneira superficial, por assim dizer – impressionista, sem nenhuma compreensão dialética da sua verdadeira significação. Não podíamos perceber o que realmente se passava em torno de nós, nem podíamos, portanto, imprimir à atividade do partido uma orientação acertada, clara, firme e consequente.

Não compreendíamos sequer o sentido exato da verdade segundo a qual sem teoria revolucionária não pode haver ação revolucionária. Teoria revolucionária significava, para nós, aplicar – mecanicamente, livrescamente – a linha política e a experiência revolucionária de outros povos.

Creio, por fim, que podemos resumir tudo em poucas palavras, dizendo que estávamos sujeitos, em consequência, a uma permanente oscilação entre o verbalismo “revolucionário” de esquerda e o oportunismo de direita na prática. (PEREIRA, 1979, p. 156 e 157)

Esse último trecho analisado no terceiro capítulo, integra o artigo *Algumas observações autocríticas*, escrito em 1954. Astrojildo resume as maiores deficiências e problemas da geração de intelectuais que dirigiu o partido nos anos 20. Para ele, as insuficiências se concentravam na incompreensão teórica e na visão limitada sobre a realidade nacional. Acreditamos que Astrojildo cumpre bem o papel que almeja, faz alguns apontamentos sobre o período no qual liderou o partido. Mas esses apontamentos são superficiais e não exprimem com clareza suas reais opiniões. Em alguns momentos, sua obra se torna repetitiva reiterando opiniões e ideias já expostas, sem se aprofundar no cerne das questões. Como, por exemplo, quando se refere a uma debilidade teórica no partido, mas não diz claramente qual era a lacuna teórica dos intelectuais de sua geração e nem qual era o entendimento que eles dispunham. Também insiste que o partido fazia uma análise limitada da sociedade brasileira, mas não revela qual o conhecimento sociopolítico nacional tinham. Como sabemos que essas colocações rasas de Astrojildo eram o seu objetivo, percebemos que ele não queria expor a fundo as debilidades do partido e nem reavivar antigas polêmicas, como um ato de autopreservação. Pois, acima de tudo, nos anos 60, Astrojildo ainda era membro do partido, o qual passava por um período difícil, com dissidências e, assim, estava carente de uma identidade que fortalecesse o vínculo entre os comunistas brasileiros. Portanto, Astrojildo, apesar de demonstrar algumas rupturas em relação ao seu pensamento nos anos 20, algo

natural a um intelectual militante que amadureceu e com o tempo compreendeu melhor a teoria marxista, preserva muitas permanências, em relação ao período em que fez história ao fundar e liderar o PCB, ao lado de seus companheiros intelectuais.

Concluimos que a memória que Astrojildo Pereira construiu sobre a formação do PCB, através do livro, exalta alguns pontos, os quais ele certamente atribuía maior valor, como o seu encontro com Luís Carlos Prestes, os três Congressos do partido na década, algumas publicações partidárias como *Movimento Comunista*, *Auto-Crítica*, *A Nação*, a formação do BOC, apontamentos autocríticos. Assim como, silencia, talvez numa tentativa de relegar ao esquecimento, algumas informações que também contribuíram para a formação do partido, como, maiores detalhes sobre a fundação, os intelectuais que dirigiram o partido na década, a atividade prática do partido, a base partidária, outras publicações do partido como *A Classe Operária* e, principalmente, os acontecimentos que culminaram com a saída dos intelectuais de sua geração do partido, o fim da primeira linha dirigente do PCB é muito importante, pois marca o fim de um ciclo no partido. Desse modo, Astrojildo constrói uma memória visando atribuir uma identidade ao partido e, assim, legitimá-lo perante a sociedade brasileira dos anos 60, constituindo uma interpretação. Ou seja, a sua abordagem representa a visão de uma época determinada, de um grupo específico, o intelectual que viu os acontecimentos “de cima” e mesmo dentro de seu grupo, as apreensões dos acontecimentos divergem, como as memórias de Brandão, por isso, a memória elaborada por Astrojildo, tem que ser analisada de acordo com suas limitações e seus objetivos específicos.

Conclusão

Neste trabalho analisamos o intelectual comunista Astrojildo Pereira e seu envolvimento com o Partido Comunista Brasileiro, enfatizando a sua vivência política e sua produção cultural, essencialmente dois de seus livros: *Construindo o PCB* e *Formação do PCB*. Percebemos que Astrojildo defendeu ativamente, durante toda sua vida, a transformação social aliada à democratização da cultura no país, ideia que orientou sua ação política e cultural. Iniciou sua luta política no anarquismo, de onde migrou para o comunismo, tendo como o grande exemplo, os preceitos da Revolução Russa. Ao lado de intelectuais e trabalhadores, organizou e fundou o PCB, dando início a liderança intelectual no partido, onde ganhou destaque. Rejeitado pelo partido, a partir dos anos 40, transformou sua militância política em militância intelectual, dirigindo os principais periódicos do PCB. Assim, consideramos que a maior dualidade de seu itinerário político, foi o fato de Astrojildo não conseguir se aproximar da classe que visava representar, ou seja, apesar de orientar sua ação política na defesa dos interesses das classes laborais, não alcançou os trabalhadores, ficando confinado, essencialmente, na alta cúpula do partido ou no meio intelectual.

Entendendo as memórias como pluralidade e conflito, privilegiamos as memórias de intelectuais da geração de Astrojildo, como Octavio Brandão e Leôncio Basbaum, na elaboração histórica envolvendo o PCB e o seu intelectual de maior destaque nos anos 20. A partir das memórias de Octavio Brandão e dos livros de Astrojildo, percebemos que eles sempre se preocuparam com a falta de acesso à cultura da maioria da população brasileira e fizeram o possível para levar conhecimento e difundir a doutrina que defendiam para a população humilde e com precária condição financeira. Em torno dessa questão, se encontra o interesse de Astrojildo pela obra de Machado de Assis, na tentativa de atualizar uma preocupação de Machado, pertinente a uma atuação específica do intelectual na sociedade, como produtor e agente cultural. Portanto, acreditamos que Astrojildo pretendia, através de sua produção cultural e política, uma forma de, no mínimo, amenizar o que ele considerava o maior problema da sociedade brasileira, a concentração do conhecimento e da cultura na classe dominante em detrimento da grande maioria da população. Ou seja, sua atuação intelectual e política convergiam na tentativa de democratizar o acesso à cultura, proporcionando condições para a transformação social do país.

A análise do livro *Construindo o PCB* gerou importantes reflexões e considerações. Em primeiro lugar, entendemos que Astrojildo Pereira, ocupando o cargo de secretário-geral do

partido, é uma das maiores referências intelectuais do período, isto é, Astrojildo é o porta-voz do PCB na década de 20, sendo o intelectual mais esclarecido e melhor informado a respeito dos acontecimentos na Rússia e da doutrina comunista, o que não significa que ele dispunha de um satisfatório conhecimento teórico marxista, muito pelo contrário. Astrojildo e os intelectuais de sua geração apresentavam um marxismo deficiente e precário, fruto de seu recente desligamento do anarquismo, da dificuldade na obtenção das obras marxistas no Brasil e da grande influência prática exercida pelos bolcheviques com seu “marxismo refundado”.

Considerando o caráter nacional e internacional do PCB, afirmamos que havia uma relação híbrida, expressada em suas formulações teóricas e em sua atuação, mas o peso internacional era mais forte, devido ao vínculo com a Internacional Comunista que legitimava o partido, o qual se dizia uma vertente do movimento internacional, tanto que a sua linha política, os seus periódicos, as suas dissidências, o afastamento e a aproximação de membros, tinham íntima ligação com as ordens vindas de Moscou. A aproximação do partido com a sociedade brasileira se dava através dos sindicatos, com a organização sindical sendo priorizada nos anos 20, fato que se tornou uma novidade em relação à política dominante e em relação à política desenvolvida até então no meio operário. Os comunistas foram orientados a defender a união no meio sindical, em torno de reivindicações econômicas, independente de posicionamentos políticos. E, assim, entraram em um duro conflito com os anarquistas. Acreditamos que o maior êxito do partido foi ter inserido a classe laboral no cenário político brasileiro, através de uma organização partidária, algo inédito em uma sociedade onde predominava a política oligárquica, excludente e monopolista. Além disso, o PCB inseriu uma nova cultura política na sociedade brasileira, o marxismo, tendo o acesso possibilitado pelo anarquismo. Inicialmente nos anos 20, o marxismo esteve atrelado ao PCB, na luta contra a cultura política dominante, posteriormente, nos anos 60, essa nova visão política se consolida, acaba se desvinculando do partido e se insere na consciência política de outros setores, como os estudantes universitários. Contudo, o Partido Comunista Brasileiro elabora uma ruptura nos níveis políticos, culturais e ideológicos, existentes até então.

Por fim, concluímos que o livro *Formação do PCB* criou uma tradição no movimento comunista brasileiro, pois no caminho aberto por Astrojildo, a história do partido foi escrita e reescrita por inúmeros militantes e simpatizantes do partido, os quais compartilhavam uma vivência e uma experiência, o ser comunista vinculado a uma organização partidária, perseguidos pela polícia, marginalizados pela sociedade, entrando, por vezes, em conflitos com o próprio partido. Astrojildo Pereira e os intelectuais de sua geração não fugiram à

“regra”, sendo em um momento os líderes supremos do partido e em outro caindo em ostracismo e afastados pelo partido. Outra questão importante no livro é o movimento de lembrar e “esquecer” fatos, articulado por Astrojildo, o qual constitui a sua memória sobre a década de 20. Acreditamos que Astrojildo Pereira desempenhou bem o papel que lhe coube com o livro, criou uma tradição no PCB, através de suas memórias, atribuindo uma identidade, um pertencimento aos comunistas brasileiros. Portanto, Astrojildo Pereira é o intelectual que, influenciado por Machado de Assis, contém um pensamento em constante movimento, vislumbrando novas possibilidades, carregou durante toda sua vida, uma visão “aberta” à novas tendências, à novas ideias, se destacando, assim, à frente de pioneiros movimentos políticos e culturais. Ou seja, analisando sua trajetória, concluímos que Astrojildo é, essencialmente, o homem que vê à frente de seu tempo e se utiliza das letras para alcançar os seus objetivos políticos.

Referências

Fontes

CORVINO, Aurélio [Astrojildo Pereira]. Pontos de Vista. **Spártacus**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 3, 18 de outubro de 1919.

MAXIMO X [Astrojildo Pereira]. Decadência sintomática. **Spártacus**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 2, 10 de janeiro de 1920.

OS ANARQUISTAS brasileiros ao povo. **Spártacus**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 2, 23 de setembro de 1919.

PEREIRA, Astrojildo. **Construindo o PCB** (1922-1924). São Paulo: Ciências Humanas, 1980.

_____. **Crítica Impura**: autores e problemas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

_____. Formação do PCB. In: _____. **Ensaios históricos e políticos**. São Paulo: Alfa-omega, 1979.

_____. **Machado de Assis**: ensaios e apontamentos avulsos. Rio de Janeiro, 1959.

RIBEIRO, Manuel. Definições: Bolchevismo, Anarquismo, Sindicalismo. **Spártacus**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 1, 29 de novembro de 1919.

Bibliografia

ALVES, Giovanni. Sindicalismo e utopia social no Brasil do século XX: breves considerações sobre anarquistas, comunistas e novos sindicalistas. In: MAZZEO, Antonio C. (org.) **Corações vermelhos: os comunistas brasileiros no século XX**. São Paulo: Cortez, 2003.

AMARAL, Roberto M. Uma voz destoante no PCB: Octávio Brandão, militante e intelectual (1924-1957). In: REIS, Daniel (org.). **Intelectuais, História e Política** (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: Sete Letras, 2000.

AVELAR, Alexandre de Sá. Escrita da História, escrita Biográfica: limites, tensões e possibilidades. In: XX Encontro Regional de História: “História e Liberdade”, 2010, Franca. **Anais**. Franca: Universidade Estadual Paulista, 2010.

BANDEIRA, M.; MELO, C.; ANDRADE, A. T. **O Ano Vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

BASBAUM, Leôncio. **Uma vida em seis tempos** (memórias). São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

_____. **História sincera da república: de 1889 a 1930**. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

BATALHA, Cláudio. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília. **O Brasil Republicano** (o tempo do liberalismo excludente). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. v. 1.

BERSTEIN, Serge. Os partidos. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

BRANDÃO, Gildo Marçal. **A esquerda positiva: as duas almas do Partido Comunista – 1920/1964**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BRANDÃO, Octavio. **Combates e batalhas: memórias**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978. v. 1.

CARONE, Edgard. **A República Velha: instituições e classes sociais**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução por Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHILCOTE, Ronald. **Partido Comunista Brasileiro**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

DAVIS, Natalie Z. **O retorno de Martin Guerre**. Tradução por Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DEL PRIORI, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi**, v. 10, n.19, p. 7-16, jul./dez. 2009.

DEL ROIO, Marcos. O impacto da Revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil. In: MORAES, João Q. de; REIS, Daniel A. (org). **História do marxismo no Brasil** (O impacto das revoluções). Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas, 2007. v. 1.

_____. Os comunistas, a luta social e o marxismo (1920-1940). In: RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel A. **História do marxismo no Brasil** (Partidos e Organizações dos anos 1920 aos 1960). Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas, 2007. v. 5.

DIAS, Everardo. **História das lutas sociais no Brasil**. São Paulo: Edaglit, 1962.

DÓRIA, Carlos Alberto. O Dual, o Feudal e o etapismo na teoria da Revolução Brasileira. In: MORAES, João Q. de. **História do Marxismo no Brasil** (teorias, interpretações). Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas, 2007. v. 3.

DRUMMOND, José A. **O movimento tenentista: a intervenção política dos oficiais jovens (1922-1935)**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DULLES, John F. **Anarquistas e Comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 30: Historiografia e História**. São Paulo: Brasiliense, 1970.

_____. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995.

_____. **Pequenos ensaios de história da república: 1889/1945**. São Paulo: Cadernos Cebrap, 1972. Caderno 10.

FEIJÓ, Martin Cezar. **Formação Política de Astrojildo Pereira (1890-1920)**. São Paulo: Novos Rumos, 1985.

_____. **O revolucionário cordial: Astrojildo Pereira e as origens de uma política cultural**. São Paulo: Boitempo, 2001.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília. **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. v. 1.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARDMAN, Francisco F. **Nem pátria, nem patrão: memória operária, cultura e literatura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: UNESP, 2002.

HOBBSAWM, Eric (org.) **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HÜBINGER, Gangolf. Conferência de abertura do 5º Seminário Nacional de História da Historiografia. UFOP/Mariana, 2011.

KONDER, Leandro. **A derrota da dialética: A recepção das idéias de Marx no Brasil, até o começo dos anos trinta**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

_____. Astrojildo Pereira: o Homem, o Militante, o Crítico. **Memória e História**, Revista do Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro. n. 1. 1981.

LANNA JÚNIOR, Mário. C. Tenentismo e crises políticas na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília. **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. v. 1.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LENA JÚNIOR, Hélio de. **Astrojildo Pereira: Um Intransigente Libertário (1917 - 1922)**. 1999. Dissertação (Mestrado em História Social do Trabalho). Universidade Severino Sombra. Vassouras, Rio de Janeiro, 1999.

_____. **A Idade da Revolução: Astrojildo Pereira e José Carlos Mariátegui na construção do marxismo**. 2007. Tese (Doutorado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, 2007.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

LIMA, Heitor F. Apresentação. In: PEREIRA, Astrojildo. **Ensaios históricos e políticos**. SP: Alfa-omega, 1979.

_____. Astrojildo Pereira e uma mudança na orientação do PCB. **Memória e História**, Revista do Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro. n. 1. 1981.

MARX, Karl; FRIEDRICH, Engels. Manifesto do Partido Comunista. In: _____. **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa-omega, 1961. v. 1.

MAZZEO, Antonio C. (org.) **Corações vermelhos: os comunistas brasileiros no século XX**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Sinfonia inacabada: a política dos comunistas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 1999.

MORAES, João Q. de. A influência do Leninismo de Stálin no Comunismo Brasileiro. In: MORAES, João Q. de; REIS, Daniel A. (org.) **História do marxismo no Brasil**. (O impacto das revoluções). Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas, 2007. v. 1.

MORAES FILHO, Evaristo de. A proto-história do marxismo no Brasil. In: MORAES, João Q. de; REIS, Daniel A. (org.) **História do marxismo no Brasil** (O impacto das revoluções). Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas, 2007. v. 1.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PANDOLFI, Dulce. **Camaradas e Companheiros**: memória e história do PCB. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995.

PÉCAUT, Daniel. **Intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

PINHEIRO, Paulo S. **Estratégias da ilusão**: A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Sociais**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

REIS FILHO, Daniel A. **As revoluções russas e o socialismo soviético**. São Paulo: UNESP, 2003. (Coleção revoluções do século XX)

_____ (org.). **Intelectuais, História e Política** (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: Sete Letras, 2000.

RESENDE, Maria. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia (org.). **O Brasil Republicano** (o tempo do liberalismo excludente). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. v. 1.

RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas/SP: Papirus, 1994.

RIOUX, Jean-Pierre. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

RODRIGUES, Leôncio M. O PCB: os dirigentes e a organização. In: FAUSTO, Boris (org.). **História geral da Civilização Brasileira**. O Brasil Republicano (sociedade e política). cap. VIII – livro segundo. São Paulo: Difel, 1983. p. 361-443. v. 3.

RUBIM, Antônio A. C. Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil. In: MORAES, João Q. de. **História do Marxismo no Brasil** (teorias, interpretações). Campinas/SP: Universidade Estadual de Capinas, 2007. v. 3.

RUDY, Cleber. Utopias anarquistas no frenesi da Revolução Russa: experiências e anseios do movimento libertário brasileiro. **O olho da História**, n.11, dez. 2008.

SEGATTO, José Antonio. **Breve história do PCB**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.

_____. **Reforma e revolução**: as vicissitudes políticas do PCB (1954-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

SILVA, Ângelo J. Tempo de Fundadores. In: MORAES, João Q.; DEL ROIO, Marcos (org.). **História do Marxismo no Brasil** (visões do Brasil). Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas, 2007. v. 4.

SILVA, Wilton C. Biografias: construção e reconstrução da memória. **Revista Fronteiras**. v. 11, n. 20, p. 151-166. jul./dez. 2009.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

VELLOSO, Monica P. O Modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia (org.). **O Brasil Republicano** (o tempo do liberalismo excludente). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. v. 1.

VIANNA, Luiz Werneck. PCB, ponto de referência em nossa história política. In: VINHAS, M. **O Partidão: a luta por um partido de massas (1922-1974)**. São Paulo: Hucitec, 1982.

VINHAS, Moisés. **O Partidão: a luta por um partido de massas (1922-1974)**. São Paulo: Hucitec, 1982.

ZAIDAN, Michel. As origens da política de unidade sindical no Brasil. **Revista de História**, n. 119. dez. 1988.

_____. **Comunistas em céu aberto (1922-1930)**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.